

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA, SEMÂNTICA E LÉXICO

**PALAVRAS *MALSONANTES* EM DICIONÁRIOS BILÍNGÜES
ESCOLARES ESPANHOL-PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE
MARCAÇÃO**

SABRINA ARAÚJO PACHECO

Porto Alegre,

2005

SABRINA ARAÚJO PACHECO

**PALAVRAS *MALSONANTES* EM DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES
ESPANHOL-PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE MARCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial para obtenção do Grau de MESTRE EM LETRAS – Especialidade: Teoria e Análise Lingüística, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu

Porto Alegre,

2005.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Aduari e Ana, por estarem sempre ao meu lado apoiando minhas escolhas e por terem me mostrado como alcançar meus objetivos preservando os verdadeiros valores.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pelo exemplo de vida.

À professora Sabrina, pela dedicação e carinho com que sempre me orientou e pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

À minha irmã Natália, pelo companheirismo, e ao meu irmão Leandro, pela torcida.

Ao Octávio, por ter me mostrado o que é um amor verdadeiro.

À Maria Rita, por sua amizade e pela alegria contagiante.

À professora Enilde Faulstich, por sua valiosa contribuição para a realização desta dissertação.

À Melissa, pelo carinho e apoio na etapa final deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar as palavras e expressões malsonantes em quatro dicionários bilíngües escolares, especificamente na macroestrutura espanhol-português, bem como apresentar uma proposta de marcação para indicar os contextos de uso dessas palavras e expressões na microestrutura de tais dicionários. Para tanto, analisamos os verbetes que recebem a marca “malsonante” no *Diccionario Electrónico de la Lengua Española* (2003) e, com base nessa análise, sugerimos uma forma de sistematização de algumas marcas estilísticas importantes para especificar o uso do léxico malsonante em obras bilíngües espanhol-português, utilizadas em contextos pedagógicos. Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de se rever as informações sobre o uso da língua na microestrutura de obras lexicográficas, especialmente das obras bilíngües escolares, as quais contrastam duas línguas e apresentam, pois, usos distintos aos aprendizes de língua estrangeira.

Palavras-chave: lexicografia, microestrutura, marcas de uso, malsonante

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue investigar las palabras y expresiones malsonantes en cuatro diccionarios bilingües escolares, específicamente en la macroestructura español-portugués, y presentar una propuesta de marcación para indicar los contextos de uso de esas palabras y expresiones en la microestructura de tales diccionarios. Para eso, analizamos los artículos que reciben la marca “malsonante” en el *Diccionario Electrónico de la Lengua Española* (2003) y, con base en esa análisis, sugerimos una forma de sistematización de algunas marcas estilísticas importantes para especificar el uso del léxico malsonante en obras bilingües español-portugués, utilizadas en contextos pedagógicos. Los resultados de esta pesquisa apuntan para la necesidad de si rever las informaciones sobre el uso de la lengua en la microestructura de obras lexicográficas, especialmente de las obras bilingües escolares, las que contrastan dos lenguas y presentan, pues, usos distintos a los aprendices de lengua extranjera.

Palabras-clave: lexicografía, microestructura, marcas de uso, malsonante

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A tipificação de dicionários bilíngües de Schmitz (2001).....	33
Quadro 2 – Verbetes ‘vaca’ - Aurélio (2004)	43
Quadro 3 – Verbetes ‘vaca’ - DRAE (2003)	44
Quadro 4 – Verbetes ‘vaca’ - Michaelis (2002)	46
Quadro 5 – Marcas estilísticas - Aurélio (2004).....	51
Quadro 6 – <i>Selección de marcas y abreviaturas</i> - DRAE (2003)	54
Quadro 7 – Tipos de marcas de <i>Uso lingüístico</i> - DRAE (2003)	56
Quadro 8 – Marcas de <i>Uso lingüístico</i> - DRAE (2003)	57
Quadro 9 – Marcas estilísticas - DRAE (2003).....	58
Quadro 10 – Marcas estilísticas dos dicionários bilíngües escolares examinados.....	61
Quadro 11 – Conjunto de palavras [+vulgar] - DRAE (1992)	66
Quadro 12 – Dicionários bilíngües mais utilizados nas escolas de Porto Alegre	71
Quadro 13 – Acepções malsonantes - DRAE (2003)	86
Quadro 14 – Grupo 1 – Palavras que designam órgãos e práticas sexuais.....	93
Quadro 15 – Grupo 2 – Palavras que designam insultos	96
Quadro 16 – Grupo 3 – Palavras que indicam coisas ou situações desagradáveis	98

Quadro 17 – Grupo 4 – Palavras que designam idéias, surpresas	100
Quadro 18 – Número de acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares	104
Quadro 19 – Marcas empregadas para indicar acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares.....	105
Quadro 20 – Classificação das acepções malsonantes - Michaelis (2002).....	106
Quadro 21 – Classificação das acepções malsonantes - FTD (1998).....	108
Quadro 22 – Classificação das acepções malsonantes - Ática (2004).....	109
Quadro 23 – Classificação das acepções malsonantes - Santillana (2005).....	110
Quadro 24 – Proposta de marcação para a microestrutura dos dicionários bilíngües escolares	115
Quadro 25 – Proposta de marcação para verbetes do Grupo 1	118
Quadro 26 – Proposta de marcação para verbetes do Grupo 2.....	120
Quadro 27 – Proposta de marcação para verbetes do Grupo 3.....	122
Quadro 28 – Proposta de marcação para verbetes do Grupo 4.....	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dicionários utilizados em sala de aula	76
Gráfico 2 – Combinações com a marca “malsonante” – DRAE (2003)	88
Gráfico 3 – Percentual das acepções malsonantes – DRAE (2003)	101
Gráfico 4 – Percentual de acepções malsonantes em dicionários bilíngües	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 REVISÃO DE LITERATURA	17
1.1 A prática lexicográfica no âmbito dos estudos lingüísticos	17
1.2 Para quem se constrói um dicionário?	25
1.3 Lexicografia bilíngüe.....	27
2 DISCUSSÃO TEÓRICA	39
2.1 Marcas de uso	39
2.2 Marcas estilísticas.....	47
2.2.1 MARCAS ESTILÍSTICAS USUAIS EM DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL	50
2.2.2 MARCAS ESTILÍSTICAS NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES EXAMINADOS	60
2.3 “Vulgar” e “malsonante”: uma relação de inclusão	63

3 METODOLOGIA	68
3.1 Metodologia para a seleção do <i>corpus</i>	68
3.1.1 DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES	69
3.1.2 DICIONÁRIOS BILÍNGÜES.....	70
3.2 Categorias analíticas.....	76
3.3 Metodologia para seleção dos verbetes analisados	79
3.4 Organização dos dados	79
4 ANÁLISE DE DADOS.....	82
4.1 A marca “malsonante” no drae (2003).....	83
4.2 Análise das acepções malsonantes no drae (2003)	91
4.3 Análise das acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares examinados.....	102
4.4 Uma proposta de marcação para o léxico malsonante na microestrutura de dicionários bilíngües escolares espanhol-português.....	113
4.4.1 APLICAÇÃO DA PROPOSTA A ALGUNS VERBETES DOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES EXAMINADOS.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

Como as línguas encontram-se em constante evolução, sobretudo no que se refere ao seu léxico, os dicionários necessitam ser atualizados a todo momento, incorporando novas palavras e expressões que surgem, bem como novos usos que fazemos da língua. Entretanto, na maioria das vezes, os dados relativos ao emprego do léxico da língua estão dispostos de maneira confusa nos verbetes das obras lexicográficas ou, ainda, revelam-se insuficientes para informar as particularidades de uma determinada palavra e as circunstâncias de uso que a envolvem.

Essa carência de informações quanto ao uso de certos vocábulos pode ser observada especialmente em dicionários bilíngües, os quais parecem priorizar a busca de um equivalente na língua-alvo, e não uma definição que especifique os contextos de uso das palavras em situações reais de comunicação. No entanto, dados que indiquem o contexto no qual uma palavra pode ser empregada são fundamentais, não só na situação de ensino-aprendizagem, como também na tradução de textos, por isso é necessário que o lexicógrafo bilíngüe atente para as informações referentes ao uso da língua.

Tendo em vista a situação dos dicionários bilíngües escolares atuais, bem como a importância do conhecimento das informações relativas ao uso do léxico de um

idioma para os aprendizes, tanto de língua materna como de língua estrangeira, esta dissertação, para examinar as marcas de uso em dicionários bilíngües escolares, deverá, primeiramente, observar o sistema de marcação adotado em duas obras lexicográficas monolíngües: Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa, versão 5.0, 2004 (doravante Aurélio) e *Diccionario Electrónico de la Lengua Española*, versão 1.0, 2003 (doravante DRAE). Com base nesta observação, esperamos compreender como as marcas de uso são transpostas para os dicionários bilíngües escolares que confrontam a língua espanhola com a língua portuguesa.

A partir da análise de quatro obras bilíngües, Michaelis Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol, 2002 (doravante Michaelis); Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol FTD, 1998 (doravante FTD); Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol Ática, 2004 (doravante Ática) e Dicionário Santillana para Estudantes Espanhol-Português/Português-Espanhol, 2005 (doravante Santillana)¹, pretendemos sugerir, para um dicionário bilíngüe escolar que descreva o espanhol e o português, uma proposta, dentro da microestrutura do verbete, para tratar da prática, do exercício que os falantes nativos fazem de sua língua. Tal proposta estará baseada em uma análise da situação atual de marcação de uso dos dicionários mencionados acima; após a apresentação do tipo de marcação existente e a consideração dos pontos que merecem ser questionados, apresentaremos uma proposta de reformulação das marcas de uso nas obras lexicográficas bilíngües espanhol-português utilizadas em contextos pedagógicos.

¹ As quatro obras bilíngües citadas estão entre as mais utilizadas nas escolas públicas e particulares de Porto Alegre, conforme demonstra-se na seção 3.1.2 deste trabalho.

O objeto de estudo desta pesquisa, portanto, é a análise de marcas de uso que constam nos verbetes, mais precisamente as chamadas “marcas estilísticas”, denominação adotada por Strehler (1997, p. 38), que as define como “as marcas de uso que caracterizam primordialmente a variação lingüística vertical” (p. 51), tais como “familiar”, “popular”, “literário”, “vulgar”. Dentro da categoria de marcas estilísticas, optamos por analisar mais atentamente as marcas que se referem a palavras ou expressões empregadas em um discurso ofensivo e/ou consideradas tabus lingüísticos, ou seja, aquelas que são proibidas em certas situações de comunicação, sob pena de reprovação social, visto que ofendem, chocam e são desagradáveis aos ouvidos de pessoas cultas e educadas. Os usuários de dicionários bilíngües escolares necessitam saber que certos vocábulos pertencem a esse tipo de linguagem e não devem ser usados em situações formais. O aprendiz de língua espanhola precisa ser informado de que a palavra ‘xingar’, por exemplo, apesar de ser de uso comum no português, ou seja, não necessitar de nenhum tipo de marcação estilística, visto que pertence a um nível lingüístico neutro, no espanhol, com a mesma pronúncia, ‘chingar’ pode significar *practicar el coito*, recebendo a marca “malsonante”², de acordo com a segunda acepção do verbete ‘chingar’ do DRAE (2003).

Partimos, então, do princípio de que as marcas de uso são essenciais nas obras lexicográficas bilíngües, apesar de muitas obras não fornecerem essas informações. Além disso, as que fornecem, na maioria das vezes, o fazem de forma imprópria, pois não explicam ao consulente com que objetivo as marcas estão sendo empregadas e que dados específicos cada uma dessas marcas acrescenta a um

² “Dicho especialmente de una doctrina o frase: que ofende los oídos de personas piadosas o de buen gusto. Que sueña mal.” - DRAE (2003).

vocábulo. Há, ainda, outro problema: a falta de uniformidade, entre os dicionários, no emprego das marcações referentes ao uso. Cada lexicógrafo parece utilizar as marcas que julga mais apropriadas, sem expor os motivos de tal escolha previamente, o que causa uma certa confusão para o usuário, que encontra marcações distintas para as mesmas acepções e/ou expressões nos diferentes dicionários que consulta.

Com a finalidade de rever o tratamento dos dados referentes ao uso da língua nos dicionários bilíngües escolares espanhol-português, especialmente no que diz respeito ao léxico malsonante, este trabalho está dividido em quatro capítulos.

No capítulo 1, situaremos a lexicografia no âmbito dos estudos lingüísticos. Também apresentamos uma breve discussão acerca do fazer lexicográfico, principalmente no que concerne às obras lexicográficas bilíngües, à sua organização e finalidade.

No capítulo 2, discorreremos sobre a importância das marcas de uso para o consulente, sobretudo para o aprendiz de língua estrangeira. Além disso, este capítulo traz uma discussão sobre a escolha das marcas estilísticas e a coerência na sua aplicação em obras lexicográficas monolíngües e bilíngües.

No capítulo 3, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados para a escolha dos dicionários monolíngües e bilíngües examinados, bem como para a seleção dos verbetes analisados.

No capítulo 4, apresentaremos a análise do léxico malsonante do DRAE (2003) e das quatro obras lexicográficas bilíngües examinadas neste trabalho e, com base nessa análise, faremos uma proposta de sistematização de algumas marcas estilísticas essenciais para tratar do léxico malsonante em dicionários bilíngües escolares espanhol-português.

Por fim, apresentaremos as considerações finais deste trabalho.

1 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tem como objetivo situar a prática lexicográfica no âmbito dos estudos lingüísticos e, além disso, apresentar alguns aspectos importantes acerca da construção de dicionários monolíngües e bilíngües. Para tanto, na seção 1.1, discutiremos os conceitos de lexicologia, lexicografia, metalexicografia e dicionarística, assumidos nesta dissertação. Após essa breve introdução, na seção 1.2, faremos uma reflexão acerca de como e para quem (tipo de consulente) se constroem os dicionários em geral. Na última seção, 1.3, trataremos da importância das obras lexicográficas bilíngües, apresentando sua caracterização e sua tipificação nos termos de Schmitz (2001).

1.1 A prática lexicográfica no âmbito dos estudos lingüísticos

A prática lexicográfica é uma atividade antiga, Lara (2001, p. 142) ressalta que “a lexicografia nasceu como uma necessidade social e informativa muito tempo antes de que a lingüística se constituísse como ciência”; no entanto, essa disciplina sempre

esteve à margem dos estudos lingüísticos. Esse mesmo autor afirma que “a maioria dos lexicógrafos também não se ocupou de reivindicar sua prática como uma disciplina lingüística, e muito menos de considerar sua obra, o dicionário, como um fenômeno verbal digno de teorização”, LARA (2001, p. 134). Esse é um dos motivos pelo qual a lexicografia foi, durante muito tempo, desprezada pelos lingüistas, pois os dicionários não apresentam uma teoria lexical que dê suporte a sua elaboração, ou seja, a prática lexicográfica tem sido, quase sempre, desvinculada de uma teoria do léxico, salvo algumas raras exceções, como o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Borba (2002), e *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain*, de Mel'čuk (1984, 1988, 1992, 1999). O primeiro aplica uma teoria gramatical para a compilação e organização do léxico utilizado; o segundo propõe uma teoria lexicográfica baseada em um modelo lingüístico chamado Sentido-Texto.

Recentemente, a lexicografia tem recebido maior atenção dos lingüistas, devido ao desenvolvimento dos estudos lexicológicos e terminológicos, mas especialmente em função do desenvolvimento dos estudos metalexicográficos³, e metaterminográficos⁴, pois várias análises críticas estão baseadas em teorias lexicais que descrevem propriedades do léxico e evidenciam que o lexicógrafo deve contemplar esta ou aquela propriedade nas definições dos verbetes de sua obra, a fim de obter maior precisão na descrição do conteúdo lexical ou na expressão dos diferentes usos.

³ A **metalexicografia**, segundo Fernández (2003, p. 44), é um “componente teórico da lexicografia”, o qual se ocupa dos “princípios metodológicos” que regem a compilação de dicionários e do “estudo científico dos dicionários” tanto do ponto de vista descritivo como do ponto de vista histórico.

⁴ Por analogia ao que diz Fernández (2003) sobre metalexicografia, estamos entendendo **metaterminografia** também como um componente teórico que subjaz a prática terminográfica.

Porém, ainda não há consenso entre os teóricos do léxico sobre o estatuto que a lexicografia tem em relação aos estudos lingüísticos, já que os lexicógrafos não assumem uma teoria lingüística para a elaboração de suas obras. Dubuc (1992) diz o seguinte:

Établissons maintenant un second parallèle entre terminologie et lexicographie. **Nous n'aborderons pas dans cette étude la lexicologie (théorie de la lexicographie)** et nous considérerons la terminologie globalement, sans distinguer l'aspect purement théorique de l'aspect pratique. DUBUC (1992, p. 18) **GRIFO NOSSO**

Como podemos observar, Dubuc (1992) defende que os estudos lexicológicos constituem a base para uma teoria lexicográfica. Nessa mesma direção, Faulstich (1996) faz a seguinte afirmação:

Ainsi, les méthodes de la lexicologie théorique et celles de la lexicologie descriptive servent de point de départ pour systématiser de diverses manières les vocabulaires, tout comme elles servent de base au travail lexicographique dans l'élaboration de dictionnaires de la langue générale. FAULSTICH (1996, p. 240)

De acordo com Faulstich (1996), a lexicologia teórica e a lexicologia descritiva auxiliam o trabalho do lexicógrafo, pois servem de base para a elaboração de dicionários de língua geral.

Polguère (2003, p. 193) afirma que “os dicionários são, de certa forma, produtos derivados da lexicologia”, entendendo, pois, como Dubuc (1992) e Faulstich (1996), que a lexicografia faz parte da lexicologia.

Estaremos assumindo, nesta dissertação, a mesma posição desses três autores: consideraremos a lexicografia como parte dos estudos lexicológicos. Entendemos que, para a prática lexicográfica ser eficiente, é preciso sustentá-la com pressupostos teóricos de descrição do léxico, pois, o léxico de uma língua natural pode ser caracterizado, *grosso modo*, como um conjunto de itens lexicais que se prestam a diferentes análises e dos quais emanam diferentes propriedades, entre elas: lexicais propriamente ditas, morfológicas, sintáticas, fonológicas, semânticas e pragmáticas.

Entendendo, então, que a lexicografia deve fazer parte de qualquer teoria do léxico, ou, pelo menos, um lexicógrafo precisa estar atento às propriedades lexicais descritas através de aplicação de modelos lingüísticos a *corpora* lexicais, ainda é preciso esclarecer exatamente o que compreendemos como prática lexicográfica *stricto sensu*; para tanto, vamos lançar mão da distinção feita por Quemada, 1987 (*apud* Polguère 2003, p. 195) entre lexicografia e dicionarística.

Para Quemada (1987), “a lexicografia é caracterizada como a atividade de compilação e de estudos dos dados lexicais, não desembocando necessariamente somente na produção de dicionários” (*apud* Polguère 2003, p. 195); diferentemente da dicionarística, definida por ele como “disciplina que visa especificamente à produção de dicionários” (*apud* Polguère 2003, p. 195). Em outras palavras, o autor propõe um novo termo, ‘dicionarística’, para referir-se a uma prática muito antiga: a elaboração de dicionários. Nesse sentido, sugere que o termo ‘lexicografia’ seja empregado para designar tanto a análise e o levantamento dos dados lexicológicos, como a elaboração

de dicionários com base nessa análise e nesse levantamento de dados. Desta forma, a palavra ‘dicionarística’ designa a organização da macroestrutura⁵ de um dicionário, aborda questões relacionadas com o ordenamento das entradas lexicais, por exemplo. Já a palavra ‘lexicografia’ está sendo empregada para fazer referência às atividades de análise e de tratamento de dados lexicológicos e para designar os dicionários construídos de acordo com uma teoria lingüística. Na prática, a dicionarística, enquanto conjunto de procedimentos da organização de um dicionário, sempre atua no produto final do trabalho do lexicógrafo.

Há autores que vão um pouco além da divisão entre lexicografia e dicionarística. Polguère (2003), por exemplo, diferentemente de Quemada, prefere continuar usando o termo ‘lexicografia’ para tratar da compilação de dicionários e propõe que se pense em uma outra denominação para tratar da análise e do recenseamento de dados do léxico, como “lexicoanálise”, por exemplo, termo sugerido por ele (p. 196).

Diferentemente de Polguère, entendemos que o ‘recenseamento de dados do léxico’, ou ‘lexicoanálise’, é tarefa do lexicólogo. A prática de compilação de dicionários, ao nosso ver, é função do dicionarista, mas este não pode prescindir de um lexicógrafo para a realização de seu trabalho. Então, estamos assumindo que o lexicógrafo é, em última análise, o teórico do léxico que, por conhecer as propriedades dos itens lexicais, dedica-se a organizar as informações pertinentes a fim de construir verbetes de dicionários. O dicionarista, por sua vez, preocupa-se com questões da macroestrutura

⁵ Macroestrutura é o termo lexicográfico usado para descrever a distribuição das entradas lexicais nos dicionários.

de uma obra lexicográfica. Obviamente que, na prática, tanto o lexicógrafo quanto o dicionarista devem trabalhar juntos, como se pode observar nas obras lexicográficas recentes de Mel'Čuk, por exemplo, ou Borba, citados anteriormente.

Para uma melhor caracterização da localização da área na qual a presente dissertação se insere no âmbito das discussões dos estudos lexicográficos, há, ainda, um outro termo importante a ser discutido: metalexicografia.

Conforme já mencionamos na nota 3, de acordo com Fernández (2003, p. 44), a metalexicografia é um componente teórico subjacente a prática lexicográfica que engloba tanto a metodologia que rege a elaboração de dicionários como o estudo científico, histórico e descritivo, de dicionários. Para a autora, o estudo científico histórico abarca o conhecimento acerca da evolução dos dicionários, ou seja, sua história. Já o estudo científico descritivo compreende a crítica a dicionários atuais, as pesquisas sobre o uso de dicionários e o “*estatus* sociocultural do dicionário”.

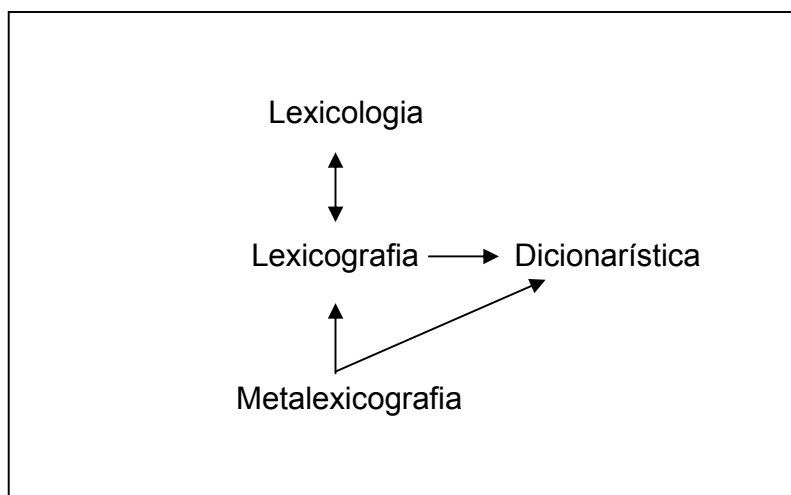
Nesse sentido, este é um trabalho de cunho metalexicográfico, visto que faz uma análise crítica a dicionários escolares com a finalidade de apontar algumas inconsistências e apresentar uma proposta de marcação para os verbetes desses dicionários.

Recentemente, vários estudiosos do léxico têm recorrido à análise dos dicionários para procurar contribuir com a otimização da informação lexical veiculada pelos verbetes. Assim, já é corrente no Brasil, por exemplo, a presença de trabalhos científicos que se propõem a analisar determinados aspectos dos léxicos compilados e que apresentam uma contribuição efetiva para a prática lexicográfica. Entre esses trabalhos, para fins de registro, encontram-se as dissertações de mestrado de Santos

(2005), Lara (2005) e Borges (2005). Esses estudos têm possibilitado o estabelecimento de critérios para a construção da microestrutura⁶ de dicionários.

Vimos, até aqui, que a lexicografia faz parte da lexicologia; vimos, também, que os trabalhos metalexigráficos têm sido efetivamente a ponte entre a aplicação de teorias lexicológicas à prática lexicográfica.

A fim de dar visibilidade ao que se disse até agora sobre a prática lexicográfica no âmbito dos estudos lingüísticos, propomos o esquema abaixo.



De acordo com o esquema apresentado, é possível observar que a lexicologia, que se ocupa do estudo das unidades léxicas de uma língua e das relações sistemáticas que se estabelecem entre elas, desde o ponto de vista etimológico, está intimamente relacionada com os estudos lexicográficos. A dicionarística, por sua vez, pertence à lexicografia, mas, diferentemente desta, não estabelece relação com a

⁶ Microestrutura é o termo lexicográfico utilizado para a descrição da organização interna de cada lema (etimologia, informações gramaticais, acepções, exemplos, etc.), a qual chamamos de verbete.

lexicologia, visto que não está calcada em teorias acerca do léxico. A metalexigrafia, por sua vez, contribui para a elaboração das obras lexicográficas e, concomitantemente, para os estudos do léxico, à medida que se vale das informações lexicográficas para análise lexicológica, e vice-versa.

É necessário salientar que este é um trabalho de cunho metalexigráfico, visto que analisa o fenômeno das marcas de uso em dicionários bilíngües escolares, e tem como finalidade propor uma forma de sistematização para algumas marcas nos verbetes dessas obras. Trata-se, portanto, de uma contribuição para a organização das informações da microestrutura de dicionários bilíngües utilizados em contextos pedagógicos. Especialmente, pretendemos contribuir para a descrição de aspectos pragmáticos do léxico e sua conseqüente inserção na microestrutura desses dicionários.

Antes de tratarmos dos dicionários bilíngües usados por aprendizes de língua espanhola, os quais apresentam inúmeros problemas em seus verbetes, principalmente no que concerne aos dados relativos ao uso lingüístico, a fim de melhor caracterizar o nosso objeto de estudo, mostraremos como se constroem os dicionários em geral e com que objetivo, ou seja, que tipo de dúvidas pretendem sanar e a que tipo de usuário estão destinados.

1.2 Para quem se constrói um dicionário?

Segundo María Molliner (2005), para utilizar adequadamente um dicionário, é necessário conhecer suas características, uma vez que eles não são todos idênticos, já que possuem objetivos distintos. Cada obra é elaborada para sanar determinados tipos de dúvidas, destinando-se, portanto, a usuários diferentes, tais como aprendizes de língua materna, aprendizes de língua estrangeira, tradutores e profissionais de uma determinada língua. Não se pode exigir de um dicionário monolíngüe geral, por exemplo, que ele forneça informações sobre uma questão científica, porque essa seria a função de uma enciclopédia ou de um dicionário enciclopédico, ou, ainda, que mostre informações sobre um vocábulo pertencente a uma terminologia muito especializada, pois, para obter esse tipo de informação, seria necessário consultar um dicionário terminográfico específico. Dessa forma, cada obra lexicográfica é concebida para um determinado fim e, por isso, possui características peculiares que devem ser conhecidas pelos usuários.

O lexicógrafo, ao elaborar um dicionário, tem em mente o público que será alvo de sua obra, ou seja, idealiza um tipo de usuário, bem como as possíveis dúvidas deste. A partir disso, busca construir um dicionário completo, contendo todas as informações necessárias para seu público-alvo, procurando organizá-las de forma que a consulta aos verbetes seja fácil e rápida.

Porém, muitas vezes, um dicionário é utilizado por mais de um tipo de usuário e o lexicógrafo precisa estar atento a isso, acompanhando os efeitos de sua obra, ou seja, o tipo de usuário que a consulta e com que objetivo está sendo utilizada (produção

textual, tradução, compreensão de textos, enriquecimento do vocabulário, etc.). É fundamental que o lexicógrafo preste atenção nesses aspectos para complementar seu dicionário, não só atualizando-o com novas palavras e expressões que surgem, como também repensando a organização de sua estrutura, a fim de facilitar a consulta e fornecer mais dados relevantes para a compreensão e para o uso dos lemas⁷ consultados pelo usuário.

A atualização e a reformulação das informações presentes nos verbetes dicionarísticos são essenciais para o usuário, visto que os dicionários começam a se tornar ultrapassados a partir do momento em que são impressos, pois, como sabemos, a língua está em constante evolução.

Nesse sentido, o trabalho do metalexicógrafo é fundamental, porque contribui para a elaboração de novas obras lexicográficas, bem como para a modernização daquelas já existentes.

Inserindo-se em uma perspectiva metalexicográfica, a presente dissertação consiste em uma contribuição para os lexicógrafos bilíngües, mais precisamente para aqueles que trabalham com língua portuguesa e língua espanhola. Com os resultados desta pesquisa, pretendemos, como já mencionado anteriormente, auxiliar na reformulação da microestrutura do verbete do dicionário bilíngüe escolar espanhol-português. Tal reformulação priorizará a revisão do tratamento dado às informações relativas ao emprego do léxico da língua, expressas por meio de marcas de uso.

⁷ Lema é o termo lexicográfico utilizado para fazer referência às entradas lexicais de um dicionário, ou seja, aos itens lexicais que constituem verbetes. Um dicionário, portanto, é um conjunto de lemas (entradas lexicais).

Na próxima seção, veremos mais detalhadamente a caracterização desse tipo de dicionário.

1.3 Lexicografia bilíngüe

Os dicionários bilíngües são, sem dúvida, os mais consultados quando se pretende compreender questões relacionadas a línguas estrangeiras. Por esse motivo, segundo Fuentes Morán (1997, p. 2), na prática esses dicionários acabam sendo utilizados por um número muito maior de usuários do que os dicionários monolíngües. A autora ressalta:

La importancia de la lexicografía bilingüe crece a medida que crece en nuestro mundo la importancia de la comunicación en lenguas extranjeras. Su particular complejidad podría hacerla objeto de especial atención por parte de la metalexigrafía. (FUENTES, M., 1997, p. 1)

Porém, apesar da relevância dos estudos sobre a lexicografia bilíngüe e da necessidade atual de se produzir, cada vez mais, dicionários que contrastem dois ou mais idiomas, os metalexicógrafos parecem dedicar-se, primordialmente, à teoria do dicionário monolíngüe, conforme afirmam alguns autores como Fuentes Morán (1997, p. 1) e Garriga (2000, p. 201). Tal fato explica, em parte, os inúmeros problemas observados nos verbetes dos dicionários bilíngües, como, por exemplo, a ausência de definições, a falta de exemplos do emprego do significado das palavras nas diferentes acepções e a carência de informações a respeito do uso de certos vocábulos. Nesse

sentido, objetivamos, através da análise de marcas de uso presentes na microestrutura de obras lexicográficas monolíngües e bilíngües, repensar o tratamento dado às informações referentes ao uso do léxico nos dicionários bilíngües escolares, visto que estas são essenciais, tanto para a comunicação oral quanto para a compreensão e produção de textos em língua estrangeira.

Segundo Welker (2004), a principal diferença entre a obra lexicográfica monolíngüe e a bilíngüe está na microestrutura dos verbetes. O autor afirma:

O dicionário monolíngüe geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngüe fornece sinônimos, mas na outra língua. A definição “mostra uma análise semêmica explícita, o sinônimo pressupõe implicitamente tal análise”. (WELKER, 2004, p. 194)

De acordo com o autor, o dicionário monolíngüe fornece informações pormenorizadas acerca do significado de uma palavra, já o bilíngüe oferece equivalentes em outro idioma. Contudo, em relação ao estudo de língua estrangeira, há um outro aspecto que distingue essas duas obras: o usuário. Os dicionários bilíngües são mais utilizados por aprendizes de língua estrangeira do que os monolíngües, visto que os alunos de níveis iniciais ainda não têm condições de consultar um dicionário monolíngüe do idioma que estão estudando, pois não possuem o conhecimento necessário para compreender as definições em língua estrangeira. Carter e McCarthy 1988 (apud Schmitz 2001, p. 162) notam que o dicionário bilíngüe é, efetivamente, o mais utilizado nos primeiros níveis de aprendizagem de uma outra língua, porém, conforme o conhecimento nessa língua é aprimorado, os alunos passam a utilizar o dicionário monolíngüe do idioma que estão estudando.

É claro que as obras lexicográficas bilíngües também são utilizadas por outros usuários, além daqueles que estão aprendendo um novo idioma, conforme afirma Cavalcanti (2000):

Um dicionário geral bilíngüe pode servir tanto para pessoas que estão iniciando os estudos em uma língua estrangeira, como para aquelas que já possuem um domínio da língua estrangeira e querem certificar-se de um determinado uso. CAVALCANTI (2000, p. 24)

Contudo, nossa maior preocupação é com os aprendizes de língua estrangeira, já que estes não têm idéia nem intuições sobre os usos dos vocábulos, diferentemente dos consulentes que já possuem um certo conhecimento de uma língua estrangeira. Os dicionários bilíngües, por se restringirem à apresentação de equivalentes, não fornecendo definições e, muitas vezes, não especificando os usos da língua, constituem uma ferramenta problemática para os alunos que estão aprendendo outro idioma. Devido à precariedade dos dicionários bilíngües tradicionais na apresentação das equivalências e na insuficiência de dados relevantes ao emprego do léxico, os dicionários monolíngües parecem ser mais recomendados para os estudantes de língua estrangeira. Todavia, como os iniciantes não possuem, ainda, capacidade para entender as definições das obras monolíngües, as bilíngües acabam, então, sendo mais utilizadas nessa situação de aprendizagem. Infelizmente, os dicionários bilíngües não fornecem todos os dados necessários para o usuário que está adquirindo uma segunda língua, nem mesmo aqueles que incluem no título “para aprendizes” ou “dicionário escolar”.

A maioria dos dicionários bilíngües, além de não oferecer a definição dos lemas, apresenta outra carência: a organização de informações referentes ao uso da língua. No que diz respeito à questão da definição dos lemas, já há propostas muito interessantes e produtivas para auxiliar o usuário aprendiz de língua estrangeira, como os dicionários chamados de semibilíngües, como ressalta Schmitz 1998 (*apud* Welker 2004, p. 202). O *Señas* (espanhol-português) é um exemplo desse tipo de dicionário, pois ele dá uma definição em espanhol, acompanhada por uma breve tradução para o português.

Contudo, no que concerne ao tratamento dado às informações sobre os usos que fazemos da língua, os lexicógrafos bilíngües parecem não apresentar reformulações que auxiliem o usuário. É nesse sentido que pretendemos contribuir com este trabalho, ou seja, na reorganização dessas informações dentro da microestrutura dos dicionários bilíngües escolares, por meio do emprego de marcas de uso.

Antes de apresentar os diferentes tipos de dicionários bilíngües, é necessário recapitular as características gerais dessas obras, as quais já foram descritas nesta seção. Abaixo estão listadas, de forma resumida, essas características.

- a) Os dicionários bilíngües são utilizados por um número maior de consulentes que os monolíngües, segundo Fuentes Morán (1997);
- b) A maioria desses dicionários apresenta carência de informações no interior dos verbetes, tais como ausência de definições, de exemplos e de dados sobre o uso lingüístico;
- c) Os dicionários bilíngües são mais utilizados nos níveis iniciais de língua estrangeira do que os monolíngües, visto que os aprendizes não possuem

vocabulário suficiente para entender as definições na língua que estão aprendendo.

Com relação aos diferentes modelos de dicionários bilíngües existentes, Welker (2004, p. 199) discorre sobre os tipos de dicionários bilíngües gerais com relação às funções que eles pretendem preencher, ressaltando a distinção entre obras bilíngües de recepção e de produção. De acordo com esse autor, os dicionários bilíngües deveriam ter uma organização diferente da empregada nos monolíngües em consequência de duas situações de uso bem distintas uma da outra: recepção e produção. Sabemos que o usuário que quer produzir um texto ou comunicar-se em uma língua estrangeira necessita de muito mais informações do que aquele que pretende ler ou traduzir um texto. Welker (2004, p. 201) menciona que a elaboração desses dois tipos de dicionários, um destinado à leitura e compreensão, e outro, à produção textual, é muito recomendada pelos metalexígrafos, ainda que existam poucas obras desse tipo.

Muitos autores defendem a idéia de que, se produzido um único volume para um par de línguas, este deveria conter todas as informações necessárias para a produção de textos e para a comunicação, tais como definição, valência⁸, colocações, marcas de uso, exemplos, entre outras. No entanto, sabemos que os dicionários

⁸ Valência, segundo Crystal (2002, p. 264), "é o termo usado na lingüística com referência ao número e ao tipo de laços que podem existir entre os elementos sintáticos". Um elemento pode ter diferentes valências em contextos distintos. Um verbo impessoal e sem objeto, como chover, tem valência zero; um verbo intransitivo, como nascer, tem valência 1; um transitivo, como comprar, valência 2, e um verbo transitivo direto e indireto, como ensinar, valência 3.

bilíngües atuais não fornecem todos os dados que o usuário precisa para produzir um texto e/ou comunicar-se em uma língua estrangeira.

Schmitz (2001) apresenta um apanhado geral dos tipos de obras lexicográficas bilíngües existentes no mercado, mas se restringe às obras inglês-português/português-inglês. Apesar disso, ele utiliza uma classificação que pode servir para quaisquer dicionários bilíngües, independente dos pares de língua desses dicionários. Segundo esse autor, as obras bilíngües mais comuns podem ser divididas em: “dicionário bilíngüe tradicional”, “dicionário semibilíngüe” e “dicionário bilíngüe especializado”.

O primeiro tipo, rotulado de “dicionário bilíngüe tradicional” (p. 164), é aquele de que se tratou até agora, ou seja, o que fornece equivalentes e não se preocupa em dar definições. Normalmente, essas obras são pequenas, e a falta de espaço leva à superficialidade das equivalências. Ao lado do lema, aparece uma lista de equivalentes separados por vírgula, sem nenhuma indicação de diferença de significados e de usos de uma língua para outra que auxilie o usuário em sua escolha e/ou em sua compreensão da palavra consultada.

O segundo tipo constitui um avanço no terreno da lexicografia e, de acordo com o autor, é denominado “semibilíngüe” (p. 165). Esse dicionário pode substituir o bilíngüe tradicional no futuro, já que não apresenta uma lista de alternativas de equivalentes soltos, ou seja, fora de seu contexto de uso. A grande vantagem do semibilíngüe é a utilização de “orações-modelo” (p. 166) dentro dos verbetes, ajudando os usuários a compreender corretamente o significado da palavra pesquisada, bem como as diferenças de significado de uma língua para outra.

O último tipo apresentado por Schmitz (2001) é o “dicionário bilíngüe especializado” (p. 166). Esse dicionário fornece equivalentes para a tradução de termos técnicos de uma área específica, isto é, trata de uma linguagem de especialidade.

Essa caracterização dos dicionários, nos termos de Schmitz (2001), pode ser assim sintetizada:

Bilíngüe tradicional	→ Não apresenta definições em seus verbetes, fornecendo apenas os equivalentes.
Semibilíngüe	→ Oferece, para cada equivalente, “orações- modelo”, que exemplificam o uso de um termo, especificando seu significado em diversos contextos.
Bilíngüe especializado⁹	→ Fornece os equivalentes para a tradução de termos de uma área específica, como medicina, informática, química, entre outras.

Quadro 1 - A tipificação de dicionários bilíngües de Schmitz (2001)

Há, ainda, diversos tipos de dicionários bilíngües que não foram analisados por Schmitz (2001), tais como os dicionários bilíngües com figuras (destinados a crianças), os dicionários bilíngües de usos (visam a aprimorar a competência comunicativa e são destinados a estudantes de língua estrangeira de níveis mais avançados), os dicionários bilíngües onomasiológicos (têm sua macroestrutura dividida em temas ou em campos semânticos, auxiliando os usuários, principalmente, na produção textual), entre outros. Porém, como o objetivo dessa pesquisa é contribuir para a reorganização de parte da microestrutura dos dicionários bilíngües escolares, não examinaremos

⁹ Sobre dicionários bilíngües especializados veja a dissertação de Cavalvanti (2000).

obras que não costumam ser utilizadas nas escolas pelos aprendizes de língua estrangeira do Ensino Fundamental e Médio.

Entendemos que o melhor dicionário para os aprendizes de língua estrangeira, dentre esses três tipos analisados por Schmitz (2001), é, sem dúvida, o dicionário semibilíngüe. Contudo, sabemos que a obra bilíngüe mais utilizada pelos iniciantes é, na maioria das vezes, a tradicional, e não a semibilíngüe, conforme pesquisa realizada em escolas de Porto Alegre, a qual será apresentada na seção 3.1.2. Isso ocorre porque os dicionários semibilíngües, ou seja, aqueles que contêm orações-modelo, geralmente possuem um maior número de verbetes, são mais completos, mais volumosos e mais caros. Em vista disso, o usuário desse dicionário é o aprendiz de língua estrangeira que está em um nível mais avançado.

Os dicionários bilíngües mais usados por iniciantes são os tradicionais, por serem pequenos, com menor número de verbetes e com preço mais acessível. Esses dicionários oferecem uma consulta fácil e rápida. No entanto, como já dito anteriormente, além de não apresentarem definições em sua microestrutura, são carentes de informações referentes ao uso da língua, dados estes essenciais para aprendizes de língua estrangeira.

É possível aprimorar esses dicionários, fornecendo os dados necessários para o emprego do léxico de forma resumida e eficaz, por meio de marcas de uso. Alguns dos dicionários bilíngües tradicionais utilizados em contextos pedagógicos, como veremos mais adiante, já possuem tais marcas, porém não fornecem ao usuário explicações sobre as mesmas em suas apresentações, há somente uma lista de rubricas. Além disso, os diferentes dicionários que examinamos não apresentam uniformidade no emprego e na escolha das marcas de uso utilizadas.

Até agora, tratamos, inicialmente, dos dicionários de uma forma geral, destacando como e para quem são elaborados, depois mostramos a situação das obras lexicográficas bilíngües atuais, bem como sua tipificação, nos termos de Schmitz (2001). Há, ainda, um tipo especial de dicionário que deve ser analisado mais atentamente: os dicionários bilíngües destinados a aprendizes de língua estrangeira.

Esse tipo de dicionário é utilizado em contextos pedagógicos e apresenta uma lista de verbetes restrita, consideravelmente menor que a dos dicionários gerais. Um fator importante que intervém no número de entradas lexicais de um dicionário, segundo Perez Lagos (1998, p. 164), é o nível de competência léxica, tanto ativa como passiva, que possui o usuário ao qual a obra se destina. O dicionário bilíngüe para aprendizes, no caso, pretende fornecer o vocabulário básico, fundamental de uma língua, e os verbetes são selecionados, portanto, a partir da freqüência de uso.

Hausmann (1977, *apud* Welker 2004, p. 215) faz uma importante consideração acerca da macroestrutura de dicionários utilizados em contextos pedagógicos, porém restringe-se aos monolíngües de língua inglesa. Esse autor apresenta a diferença entre dicionários para aprendizes (*Lernerwörterbücher*), e dicionários de aprendizagem (*Lernwörterbücher*).

Os primeiros apresentam uma macroestrutura semasiológica, ou seja, organizam-se partindo dos significantes para indicar os significados, como o verbe 'teníase' = "infecção causada por qualquer verme do gênero *Taenia*", retirado do Aurélio (2004). Normalmente, os verbetes desse tipo de macroestrutura estão dispostos em ordem alfabética. Os últimos, com o objetivo de auxiliar o aluno na aprendizagem do vocabulário básico de uma língua, oferecem uma organização onomasiológica, na qual os lemas são distribuídos em grupos, de acordo com a temática. Os dicionários

onomasiológicos partem dos significados para apontar os significantes, como no exemplo retirado do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001): “especialista em formigas” = ‘mirmecólogo’

É importante salientar que o aprendiz, quando, na leitura de um texto, por exemplo, encontra uma palavra desconhecida, pode ter dificuldade em buscá-la no dicionário onomasiológico, se não tem idéia do campo semântico ao qual está relacionado o significado da mesma. Talvez por esse motivo os dicionários semasiológicos sejam os mais consultados pelos alunos, pois a organização, partindo dos significantes para indicar os significados, e a disposição dos verbetes em ordem alfabética, desde que contenham as informações necessárias para a compreensão do significado dos lemas, podem auxiliar na aprendizagem do léxico. Ao se deparar com uma palavra desconhecida e/ou para saber mais sobre o significado de um vocábulo em um determinado contexto, o usuário terá facilidade em encontrar, nesse tipo de dicionário, a palavra procurada.

Considerando, portanto, que os dicionários com macroestrutura semasiológica são os mais utilizados pelos aprendizes de língua estrangeira, analisaremos, neste trabalho, somente esse tipo de dicionário bilíngüe. É importante ressaltar que as obras bilíngües que constituem objeto de análise desta pesquisa são aquelas compostas por duas partes: uma com os lemas na língua-alvo (espanhol) e outra com os lemas na língua-fonte (português).

Cumprindo ainda destacar que, de acordo com Welker (2004, p. 221), os trabalhos sobre dicionários para aprendizes são numerosos, todavia esses trabalhos tratam apenas dos dicionários monolíngües. Dessa forma, esta dissertação traz uma

importante contribuição para a lexicografia bilíngüe destinada a aprendizes de língua estrangeira.

Passemos agora à descrição das obras lexicográficas bilíngües escolares que constituem objeto de análise desta dissertação.

Até aonde se pesquisou, não existem trabalhos acerca da macroestrutura semasiológica dos dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol. Para o desenvolvimento desta pesquisa, com o objetivo de apresentar o estado da arte desse tipo de obra lexicográfica, foram analisados quatro dicionários bilíngües que confrontam a língua espanhola com a língua portuguesa, utilizados em contextos pedagógicos: Michaelis (2002), FTD (1998), Ática (2004) e Santillana (2005), como já mencionamos na introdução.

As obras examinadas destinam-se a alunos que têm como língua materna o português e que estão aprendendo o espanhol. Tais dicionários fornecem, em média, 15 a 28 mil verbetes, apresentados metade com entrada do espanhol para o português e metade com entrada do português para o espanhol, ou seja, fornecem duas macroestruturas com organização semasiológica.

Um fato comum a todas as obras analisadas é que nenhuma expõe, em sua apresentação, o critério adotado para a escolha e o emprego das marcas de uso utilizadas.

No início deste capítulo, apresentamos, de forma breve, o lugar da prática lexicográfica no âmbito dos estudos lingüísticos. Além disso, mostramos como estão organizadas as obras lexicográficas em geral, que tipo de informações fornecem, a quem são destinadas, e com que finalidade costumam ser consultadas pelos usuários. Posteriormente, entramos no terreno da lexicografia bilíngüe, mostrando o estado da

arte dessas obras, de acordo com a tipificação de Schmitz (2001), e apresentando suas deficiências. Depois disso, discorreremos sobre os dicionários destinados a aprendizes de língua estrangeira, chegando, finalmente, a uma breve descrição da macroestrutura dos dicionários bilíngües escolares que constituem objeto de análise deste trabalho. O objetivo deste capítulo foi mostrar a noção de lexicografia assumida nesta dissertação, bem como a organização das obras lexicográficas em geral, mais precisamente das obras bilíngües utilizadas em contextos pedagógicos. No próximo capítulo, apresentaremos uma discussão acerca do fenômeno das marcas de uso estilísticas dentro da microestrutura dos dicionários monolíngües e bilíngües.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Neste capítulo, trataremos da importância das marcas de uso, principalmente as estilísticas, para a microestrutura de obras lexicográficas, sobretudo para as obras bilíngües utilizadas por aprendizes de língua espanhola. Para isso, na seção 2.1, faremos uma discussão acerca da relevância das marcas de uso em geral na construção dos verbetes de dicionários monolíngües e bilíngües; na seção 2.2, definiremos as marcas estilísticas; nas seções seguintes, 2.2.1 e 2.2.2, serão apresentadas as marcações estilísticas empregadas em dicionários monolíngües do português e do espanhol e em dicionários bilíngües escolares que contrastam esses dois idiomas; na seção 2.3, faremos uma reflexão acerca do emprego das marcas “malsonante” e “vulgar” no DRAE (2003), com o objetivo de mostrar a relação existente entre essas duas marcações.

2.1 Marcas de uso

Na prática lexicográfica, segundo Garriga (2000), as informações acerca do uso lingüístico não têm obedecido a critérios muito rigorosos. É comum a utilização de abreviaturas para sistematizá-las, contudo, por vezes estas informações aparecem em

forma de comentário no interior das definições, como ocorre no Dicionário Santillana (2005). No final do verbete '*carajo*', por exemplo, essa obra acrescenta o seguinte: "é expressão chula". O usuário, porém, como não sabe da existência de tal informação, pode encerrar a leitura do verbete ao achar que compreendeu o significado do vocábulo pesquisado, desconhecendo, assim, os contextos de uso do mesmo.

Em vista disso, como ressalta Garriga (1995, p. 114), todo o conhecimento constante em uma obra lexicográfica deve estar expresso por uma metalinguagem clara que regularize o discurso lexicográfico e poupe esforços ao consulente. De acordo com esse autor, deve-se evitar que as informações referentes ao uso de certas palavras apareçam no interior das definições - no caso dos bilíngües tradicionais, os quais não oferecem definições em seus verbetes, as informações sobre o uso não devem ser apresentadas em forma de comentário ao lado dos equivalentes.

Nesse sentido, sabemos que as marcas de uso são peças fundamentais para a elaboração de uma obra lexicográfica, principalmente para uma obra que contrasta dois idiomas, comparando, portanto, duas culturas. Porém, para entender como estão dispostas as marcas de uso em dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol, bem como propor um novo arranjo para as mesmas nesses dicionários, é necessário analisá-las, primeiramente, nos dicionários monolíngües desses dois idiomas.

Na apresentação de suas obras, os lexicógrafos de dicionários monolíngües gerais destacam a necessidade de aperfeiçoamento constante desses dicionários, explicando a importância da inclusão de novas palavras, expressões e informações relevantes para a compreensão do contexto de uso de certos vocábulos. Os lexicógrafos revelam a preocupação em construir obras que reflitam a realidade da

língua. Tal fato pode ser observado no prefácio do DRAE (2003): “renacerán vocablos muertos y morirán los que ahora están en boga, si así lo quiere el uso, árbitro, juez y dueño en cuestiones de lengua”.

O Aurélio (2004) também dedica parte de sua introdução à explicação da relevância do emprego do léxico na construção dos dicionários. Nessa obra, há exemplos dos motivos que levam o consulente a pesquisar um verbete. Além de procurar saber sobre o significado, a pronúncia, as informações gramaticais, os sinônimos, entre outras informações, o usuário pode consultar o dicionário para sanar dúvidas sobre o uso de um determinado termo, ou seja, para saber, por exemplo, se uma palavra é adequada a uma linguagem formal. O Aurélio (2004) aborda a questão da inadequação vocabular, explicando que o desconhecimento do sentido e/ou do uso de uma palavra pode acarretar um problema social e político para o indivíduo, uma vez que, se uma pessoa emprega uma palavra ou acepção que não é adequada a uma situação de comunicação, tornar-se desagradável e inconveniente, podendo sofrer preconceito, bem como ser excluída do grupo ao qual pertence.

Se a necessidade de atualização constante das obras lexicográficas fundamenta-se na evolução das línguas, por que as marcas de uso, que fornecem informações sobre como os falantes empregam o léxico, ainda são facultativas na microestrutura dos dicionários? E por que não há, entre os dicionários que apresentam marcas de uso em seus verbetes, uniformidade na escolha e no emprego dessas marcas?

Tanto a não obrigatoriedade das marcas de uso quanto a falta de coerência na aplicação das mesmas em obras lexicográficas devem-se ao fato da inexistência de uma teoria lingüística subjacente à prática lexicográfica. Um aspecto importante

levantado por Pérez Lagos (1998) é a dificuldade de se fazer uma marcação rigorosa e de restringir uma palavra a um determinado nível lingüístico. O que é considerado “chulo” para alguns lexicógrafos, por exemplo, pode ser simplesmente “popular” ou “coloquial” para outros, o mesmo ocorre com as marcações de nível lingüístico [+elevado], como “literário” e “poético”. O autor ressalta que, apesar de o limite entre o emprego de uma marca de uso em detrimento de outra ser discutível, essas “etiquetas” (p. 170) são valiosas para indicar que determinadas acepções não formam parte de um nível neutro da linguagem e, portanto, devem ser marcadas.

Embora esteja comprovado o valor das marcas de uso, bem como a necessidade de se rever a utilização das mesmas em obras lexicográficas, observamos a escassez de trabalhos metalexográficos acerca desse assunto. Nesse sentido, esta pesquisa constitui uma importante contribuição para a organização dos dados que dizem respeito ao emprego do léxico da língua nos verbetes dicionarísticos.

Apesar de muitos lingüistas questionarem a relevância das marcas de uso em obras monolíngües, pelo fato de o usuário ser falante nativo da língua e conhecer bem os contextos de usos dos vocábulos, a maioria desses dicionários apresenta marcações para indicar acepções que não correspondem ao nível neutro da linguagem, afinal, sabemos que o dicionário monolíngüe não é utilizado apenas por usuários que têm a língua descrita nele como língua materna. Alunos de línguas estrangeiras, por exemplo, também consultam as obras lexicográficas monolíngües do idioma que estão aprendendo, principalmente aqueles que estão em um nível mais avançado de aprendizagem. Tais obras também são consultadas por professores de língua estrangeira, tradutores e escritores que não são falantes nativos da língua descrita por esse dicionário.

As marcas de uso constituem uma ferramenta importante para abordar a variação lingüística dentro das obras lexicográficas. Strehler (1997) definiu, em seu trabalho intitulado *Análise de Categorias de Marcas de Uso em Dicionários*, o qual oferece uma importante contribuição para análise das marcas de uso em diversos dicionários monolíngües de diferentes idiomas, que “as marcas de uso servem para tratar da variação que a língua sofre no tempo, no espaço e em contextos de usos especializados” (p. 1). Elas aparecem para marcar o desvio que uma palavra ou acepção apresenta em relação à linguagem neutra (não marcada). De acordo com esse autor, há no mínimo seis categorias para essas marcações nas obras monolíngües (p. 40): “marcas geográficas”, “marcas estilísticas”, “marcas temporais”, “marcas de frequência”, “marcas de linguagens de especialidade” e “marcas de avaliação”.

A título de ilustração, é possível observar no quadro a seguir como essas marcas se realizam em um verbete de um dicionário monolíngüe do português.

Vaca	[Do lat. vacca.] S. f. 1. Zool. A fêmea do touro. 9. Bras. Chulo. Mulher leviana, que aceita qualquer homem. 10. Bras. RJ Gír. Obsol. Nota de cem mil-réis.
-------------	--

Quadro 2 – Verbetes ‘vaca’ - Aurélio (2004)

O quadro acima apresenta três acepções que constam no verbete ‘vaca’ do Aurélio (2004). Retiramos do verbete somente acepções que apresentam marcas de uso, a fim de ilustrar seu emprego, e a ordem de numeração utilizada para apresentar os sentidos da palavra ‘vaca’ foi mantida. Na primeira acepção, temos uma marcação

que indica que essa definição pertence a uma área específica do saber, “zoologia”. Na seqüência, esse dicionário fornece duas marcas de uso, uma geográfica, “brasileirismo”, e outra de cunho estilístico, “chulo”. Na décima acepção, o Aurélio (2004) especifica ainda mais o contexto de uso para a definição apresentada, utilizando três marcas de uso: duas geográficas, “brasileirismo” e “Rio de Janeiro”, e uma temporal, “obsoleto”, além de informar que se trata de uma gíria.

No quadro que segue, há exemplos de marcações empregadas em um dicionário monolíngüe do espanhol para o mesmo verbete.

Vaca	<p>[Del lat. vacca]</p> <p>5. S. f. Mar. Depósito o aljibe de agua Dulce para la bebida de la marinería.</p> <p>6. S. f. Am. Cen., Col., Cuba, Méx., Ur., y Ven. Dinero que se reúne entre varias personas para compartir un gasto determinado.</p>
-------------	---

Quadro 3 – Verbetes ‘vaca’ - DRAE (2003)

Retiramos do DRAE (2003), também, somente as acepções que recebem marcações que indiquem o uso dessa palavra. De acordo com o quadro acima, é possível observar que, na quinta acepção, ‘vaca’ recebe uma marca de especialidade, “marina”, e, que na sexta acepção, recebe seis marcações geográficas: “América Central”, “Colômbia”, “Cuba”, “México”, “Uruguai” e “Venezuela”.

Observando os verbetes dessa palavra nos dois dicionários, é possível concluir que ‘vaca’, no espanhol, não pode ser usada para se referir a uma mulher no sentido de

ofendê-la, como feito no português em uma linguagem chula, sendo tal informação, portanto, importante para o consulente.

Outro fato interessante que pode ser observado por meio da análise desses dois verbetes de 'vaca' é que, embora não conste essa informação no Aurélio (2004), sabemos, enquanto falantes nativos de língua portuguesa, que a palavra vaca ou vaquinha pode ser empregada para significar dinheiro reunido por várias pessoas para um gasto comum, assim como no espanhol. O DRAE (2003), para esse sentido, utiliza seis marcas geográficas, mas não especifica em que tipo de linguagem tal sentido pode ser empregado, ou seja, se esse uso pertence a uma linguagem culta ou vulgar. É claro que os falantes nativos de espanhol podem intuir o uso desse sentido, contudo, sabemos que os dicionários monolíngües, como já mencionamos, não são utilizados apenas pelos falantes nativos da língua descrita.

É importante salientar que as informações relativas ao uso das palavras são fundamentais na elaboração de um verbete, principalmente no caso dos dicionários bilíngües utilizados em contextos pedagógicos, pois, nesse caso, os alunos estão aprendendo um novo idioma e, conseqüentemente, uma nova cultura. Os aprendizes de língua estrangeira necessitam ser informados dos contextos de uso dos vocábulos que estão aprendendo para que possam utilizá-los de forma adequada.

A título de ilustração do problema que será analisado na presente dissertação, mostraremos como as informações acerca do uso lingüístico são transpostas para as obras lexicográficas bilíngües escolares que contrastam o espanhol e o português.

Vaca	S. f. 1. fêmea do touro. 2. Fam. Mulher imbecil, idiota. 3. Dinheiro arrecadado entre diversas pessoas (vaquinha) Vaca de San Antón, joaninha (inseto)
-------------	--

Quadro 4 – Verbetes ‘vaca’ - Michaelis (2002)

Retiramos do Michaelis (2002) o mesmo verbete, porém, dessa vez, na sua totalidade. É possível observar que, da língua-alvo para a língua-fonte, ou seja, do espanhol para o português, esse dicionário fornece, na segunda acepção de ‘vaca’, um sentido que não é apresentado por nenhum dos dicionários monolíngües observados, utilizando a marcação “familiar” para apontar esse sentido. Já na terceira acepção, essa obra apresenta apenas o sentido - dinheiro arrecadado entre diversas pessoas -, não indicando em que locais pode ser utilizado (marcações geográficas) nem em que tipo de linguagem costuma ser empregado (marcações estilísticas).

O aprendiz de língua estrangeira necessita saber a que tipo de linguagem pertencem as palavras e acepções que está aprendendo, nível lingüístico [+ elevado] ou [- elevado], e em que situação, formal ou informal, poderá empregá-las, visto que está diante de uma outra cultura.

Em virtude da importância dessas informações para o aprendiz de língua espanhola e dos problemas apresentados pelos dicionários para tratar dessa questão, o presente trabalho irá analisar, dentre as seis categorias estudadas por Strehler (1997, p. 52), as marcas estilísticas, as quais informam o nível social e a situação de comunicação em que um termo é utilizado.

2.2 Marcas estilísticas

Como já expomos na introdução deste trabalho, Strehler (1997, p. 51) define as marcas estilísticas como “marcas de uso que caracterizam primordialmente a variação lingüística vertical”. O autor explica que tais marcas assinalam uma situação de comunicação específica e um uso particular.

Roberts (1998, p. 191) refere-se às marcas de uso como “marcas de registro” e afirma que, devido à complexidade da noção de registro, seu tratamento dicionarístico é muito difícil. Uma saída proposta por esse autor e pela equipe responsável pelo Dicionário Canadense Bilíngüe (DCB) seria a subdivisão do conceito de registro, a qual já foi sugerida por Halliday, McIntosh e Strevens 1968 (*apud* Roberts 1998, p. 87). Assim, Roberts (1998) distingue as variedades lingüísticas ligadas aos usuários (dialetos) daquelas que surgem da situação de comunicação (registro), explicando que as marcas de origem geográficas, temporais ou sociais ligadas aos usuários são consideradas “marcas de dialeto” (p. 197), enquanto as que indicam o assunto da comunicação, a natureza da comunicação e as relações entre os participantes na comunicação são consideradas como “marcas de registro” (p. 198).

Roberts (1998) ressalta que a marcação de registro é uma questão delicada para todos os lexicógrafos e que a principal causa dos problemas que envolvem esse tipo de marcação parece ser a confusão acerca do sentido atribuído ao termo “registro” pelos lingüistas.

Os diferentes pontos de vista dos lingüistas em torno da mesma noção de registro se refletem nos dicionários, nos quais os lexicógrafos tentam aplicar esses

distintos pontos de vista às marcações de palavras ou de empregos. Nos dicionários bilíngües, de acordo com Roberts (1998), o problema da marcação torna-se ainda mais grave, pois se utilizam, nesses dicionários, freqüentemente duas séries de marcas de registro no interior de um mesmo verbete, sendo uma para as palavras e empregos da língua-alvo e outra para seus equivalentes na língua-fonte¹⁰. Dito de outra forma, a mesma palavra ou emprego pode aparecer na segunda parte, na parte inversa do dicionário, onde deve igualmente estar etiquetada. Por essa razão, Roberts (1998) atenta para a importância de se analisar os problemas em torno da marcação de registro nos dicionários bilíngües e encontrar um meio de remediá-los. É o que se pretende fazer neste trabalho, conforme já mencionamos: observar como as marcações de registro utilizadas em dicionários monolíngües de português e de espanhol são passadas para as obras escolares bilíngües desses dois idiomas, bem como analisar os problemas dessas marcações, sugerindo uma forma de tratamento para as mesmas em dicionários bilíngües escolares espanhol-português.

É importante salientar que a definição de marcas de registro proposta por Roberts (1998) coincide com a definição sugerida por Strehler (1997) para a categoria de marcas de uso estilísticas¹¹. No Aurélio (2004), os termos “estilo” e “registro” se equivalem no âmbito dos estudos da linguagem. A décima segunda acepção da palavra registro é: “variação na fala de um indivíduo em função da situação em que se encontra; estilo”.

¹⁰ Não é o que ocorre nos dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol analisados neste trabalho. Os dicionários que apresentam marcas estilísticas utilizam a mesma marca tanto para a língua-alvo (espanhol) como para a língua-fonte (português).

¹¹ Borba (2002), na apresentação de sua obra, *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, utiliza a expressão “variação de registro” para tratar das marcações que indicam a localização social e o tipo de contexto de uso.

No presente trabalho, adotamos, para fazer alusão às marcas de uso que se referem a situações de comunicações específicas, [+ formal] ou [- formal], e a diferentes níveis lingüísticos, [+ elevado] ou [- elevado], a nomenclatura utilizada por Strehler (1997), visto que, até o presente momento, esse foi o único autor encontrado que apresenta uma análise de todas as categorias de marcas de uso empregadas em dicionários monolíngües de diferentes idiomas, dentre eles o português.

A escolha de analisarmos as marcas estilísticas deve-se à importância dessas marcas para um dicionário bilíngüe escolar, pois os dados referentes à situação de comunicação e ao nível lingüístico a que pertencem os vocábulos de outro idioma são indispensáveis para o aprendiz de língua estrangeira.

Outro fator que motivou a análise das marcas estilísticas nas obras bilíngües escolares foi a constatação da falta de consenso entre os lexicógrafos na escolha e no emprego dessas marcas. Cada lexicógrafo parece utilizar as marcações que julga mais adequadas para determinados vocábulos, sem fornecer explicações sobre tal escolha nas apresentações das obras lexicográficas, o que dificulta a compreensão do consulente no que diz respeito aos contextos em que certas palavras ou acepções costumam ser utilizadas.

Nas próximas seções, serão apresentadas as marcas estilísticas que constam nos verbetes das obras lexicográficas monolíngües e bilíngües que constituem objeto de análise deste trabalho.

2.2.1 MARCAS ESTILÍSTICAS USUAIS EM DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL

Conforme consta na introdução do Aurélio (2004), é importante salientar que, antes da publicação desse dicionário, “não era comum que os dicionários de português registrassem os vários usos da língua, mas apenas os usos considerados corretos, ou seja, de acordo com a norma culta”. Em sua primeira edição, em 1975, o Aurélio registrou alguns termos coloquiais, gírias e, até mesmo, palavrões, acompanhados de marcações que especificavam os contextos de uso em que esses vocábulos eram utilizados.

Posteriormente, a maioria dos dicionários de língua portuguesa passou a registrar também os usos que os falantes faziam da língua, observados tanto na fala quanto na literatura, bem como a identificá-los por meio de marcas de uso. Tais marcações foram baseadas naquelas utilizadas pelo Aurélio e modificadas ou mantidas por cada lexicógrafo, de acordo com seu julgamento acerca do emprego do léxico da língua portuguesa.

Na introdução do Aurélio Eletrônico (2004), não há dados sobre a escolha e o emprego das marcas de uso dispostas em seus verbetes. Tal dicionário fornece apenas uma lista de abreviaturas que abrange as marcas utilizadas, mas não coloca, nessa lista, a definição de cada abreviatura. Parece desnecessário fornecer tais definições, visto que o usuário pode consultar o verbete da marca que deseja saber o significado, ou seja, se uma palavra recebe a marca “literatura”, por exemplo, basta consultar o verbete dessa marca para compreender a informação que a mesma acrescenta sobre o

uso de um determinado vocábulo. No entanto, não é tão simples como parece, pois nos verbetes das marcas de uso encontram-se várias definições (para a palavra ‘literatura’, que constitui uma marca de uso estilística, o Aurélio (2004) oferece dez acepções). Como saber, então, a informação exata que uma determinada marca acrescenta a um termo? Os exemplos, quando fornecidos, ajudam, mas o usuário acaba recorrendo a dados empíricos ou à sua intuição para compreender o contexto de uso em que uma palavra é empregada.

No quadro que segue, estão listadas as marcas estilísticas utilizadas no Aurélio (2004) e parte de suas respectivas definições, de acordo com os verbetes desse dicionário.

A classificação das marcações abaixo como estilísticas, bem como sua distribuição em nível lingüístico [+ elevado] e [- elevado], foi proposta por Strehler (1997, p. 52).

Nível [+ elevado]	Literatura	Conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. Conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários.
	Poético	Relativo a, ou próprio da poesia.
Nível [- elevado]	Familiar	Respeitante a, ou próprio da família; doméstico, familiar. Que pertence ao cotidiano; vulgar, trivial, comum
	Popular	Do, ou próprio do povo.
	Plebeísmo	Modos, usos, frases, palavras de uso exclusivo da plebe.
	Chulo	Grosseiro, baixo, rude. Usado pela ralé, ordinário.

Quadro 5 – Marcas estilísticas - Aurélio (2004)

O Aurélio (2004) emprega seis marcas estilísticas, duas utilizadas em um nível lingüístico [+ elevado] e quatro em um nível [- elevado]. Podemos observar que há uma redundância no sistema de marcações desse dicionário, o que acaba causando uma certa confusão para o consulente. O Aurélio (2004) utiliza duas marcas de uso distintas para se referir a uma mesma camada da sociedade. Conforme as definições apresentadas, as marcas “popular” e “plebeu” denotam o mesmo sentido: aquilo que é do povo por oposição aos nobres ou aos que pertencem a uma camada social superior. Não há, assim, nenhuma diferença de sentido que justifique a propositura de marcas distintas para indicar aquilo que é próprio do povo. Outra sobreposição de marcas pode ser observada, ainda, nesse dicionário: a marca “poético”, que define o que é próprio da poesia, poderia estar contida dentro da marca “literatura”. O Aurélio não deixa claro o porquê da existência dessas duas marcas (“poético” e “literatura”).

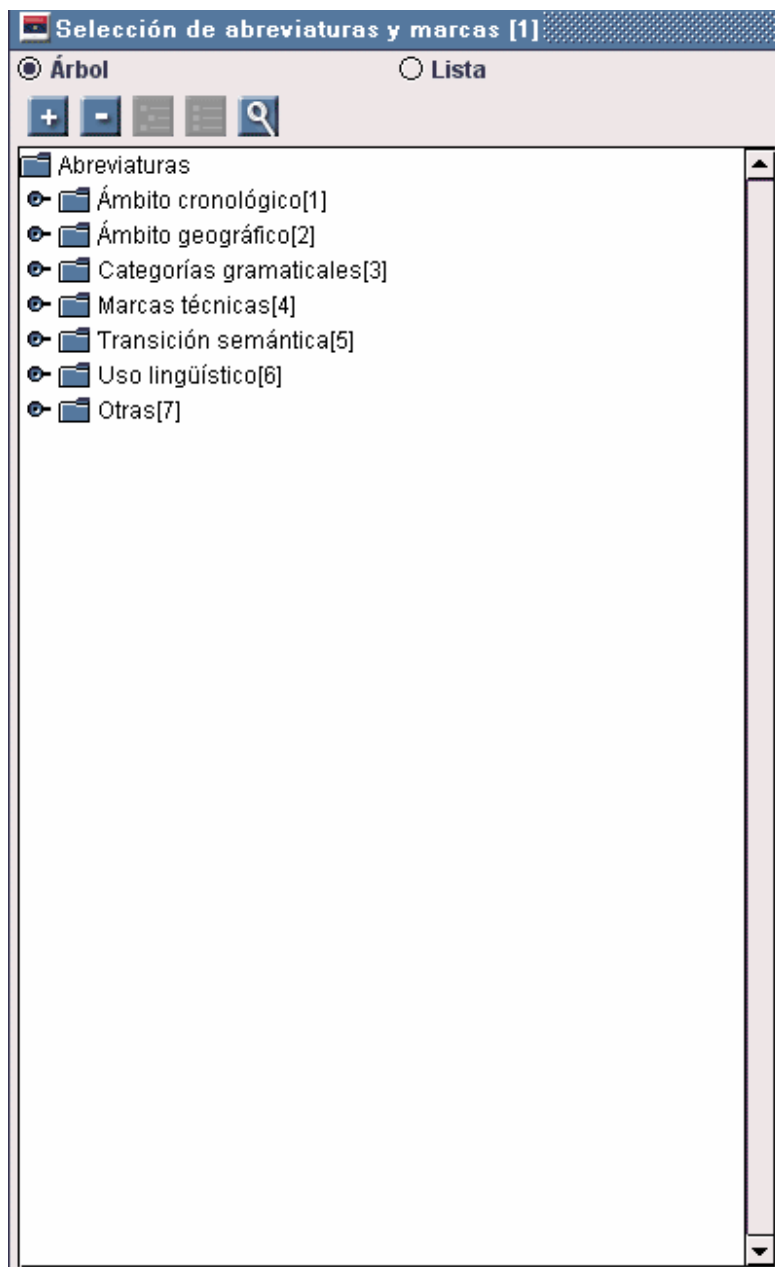
Como já mencionamos, a marca de uso estilística que constitui objeto de estudo desta dissertação é aquela que indica palavras ou expressões empregadas em um discurso ofensivo e/ou consideradas tabus lingüísticos, comumente utilizadas em uma situação informal, sem nenhuma preocupação com a boa educação e com hábitos de cortesia. Diferentemente do DRAE (2003), que possui a marca “malsonante”, o Aurélio (2004) não apresenta, para a língua portuguesa, uma marca estilística específica que caracterize a linguagem descrita, porém sabemos que a marca “chulo” abarca também esse tipo de linguagem.

Examinemos agora as marcas estilísticas do espanhol presentes no DRAE (2003). Não foi encontrado nenhum trabalho metalexigráfico que aborde as marcas de uso da língua espanhola, dividindo-as em categorias. Por esse motivo, para localizar

e classificar as marcas estilísticas que constam no DRAE (2003), seguimos a proposta de Strehler (1997) para a língua portuguesa.

No DRAE Eletrônico (2003), há uma janela destinada a pesquisas avançadas, na qual se pode pesquisar as abreviaturas utilizadas nesse dicionário, bem como trazer à tela todos os verbetes que possuem uma mesma abreviatura. Além de um índice contendo as abreviaturas e marcas empregadas (listadas em ordem alfabética), o dicionário oferece também, na janela *consulta avanzada*, a opção de mostrar as abreviaturas e marcas por meio de um sistema arbóreo. Não há nenhuma explicação que ilustre a divisão proposta, porém é possível observar que a divisão coincide, em parte, com aquelas categorias que propõe Strehler (1997).

O quadro que segue mostra a divisão das abreviaturas no esquema arbóreo proposto pelo DRAE (2003).



Quadro 6 - *Selección de marcas y abreviaturas* - DRAE (2003)

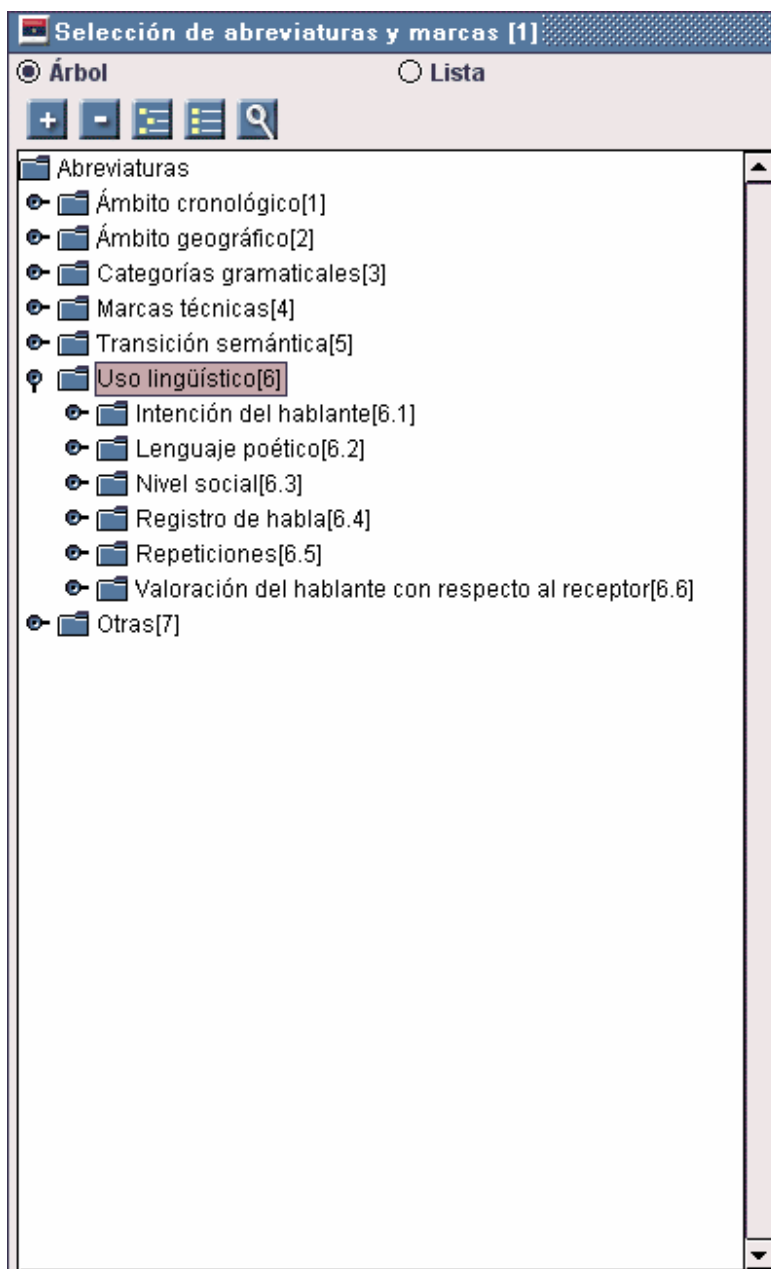
Primeiramente, aparecem, na tela, sete tipos de marcas e abreviaturas, de acordo com as denominações listadas acima. O Primeiro tipo compreende as marcas que dizem respeito ao tempo, ou seja, ao grau de vigência histórica de algumas palavras e acepções, como “desusado” e “pouco usado”. O segundo tipo abarca as

marcas de uso geográficas, utilizadas para restringir o emprego de certos vocábulos e sentidos, como “Espanha” e “Venezuela”. O terceiro tipo engloba as abreviaturas que revelam a categoria gramatical das palavras e acepções (substantivo, verbo, etc.). O quarto tipo agrupa as marcas de uso que fazem alusão a uma área específica do saber, tais como “economia”, “ciências experimentais” e “cultura”. O quinto tipo compreende as marcas que indicam quando uma palavra está sendo empregada com sentido diferente do literal, ou seja, com sentido distinto daquele em que geralmente é utilizada, como “figurado” e “antonomasia”¹². O sexto tipo, finalmente, reúne as marcas referentes ao uso lingüístico, que identificam o discurso (formal ou informal), por exemplo, em que uma palavra ou sentido é empregado, como “culto” e “malsonante”. O sétimo tipo inclui as marcas que referem-se a palavras e expressões que costumavam ou costumam ser empregadas em contextos específicos, “era usada” e “usada”. Um exemplo está na terceira acepção da palavra ‘*tostón*’: “(...) 3. m. *Era u.* para referirse a las monedas de 50 centavos, y, por ext., a lo que, en general, vale 50.”

O sexto tipo de marcações é o mais importante para a presente pesquisa, já que apresenta marcas que podem ser classificadas como estilísticas, isto é, marcas que revelam o nível social a que correspondem determinadas palavras e acepções, bem como especificam a situação de comunicação em que as mesmas são empregadas.

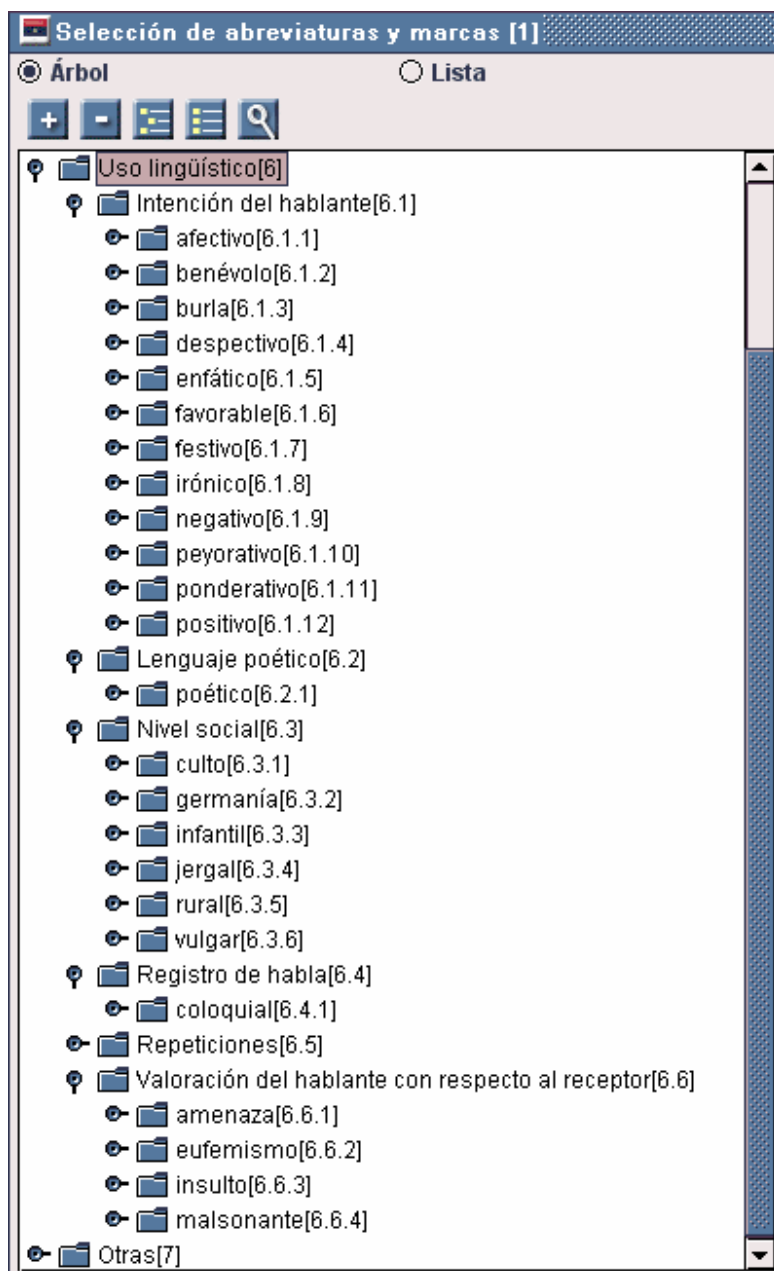
O sexto tipo de marcações subdivide-se em outros seis subtipos, conforme pode ser observado a seguir.

¹² “Sinécdoque que consiste en poner el nombre apelativo por el propio, o el propio por el apelativo; p. ej., el Apóstol, por San Pablo; un Nerón, por un hombre cruel (...)”. (Fragmento do verbete ‘antonomasia’ do DRAE (2003)).



Quadro 7 – Tipos de marcas de *Uso lingüístico* - DRAE (2003)

Ao clicar em cada um desses subtipos, aparece a lista de marcações empregadas nos verbetes, conforme pode ser observado no próximo quadro.



Quadro 8 - Marcas de *Uso lingüístico* - DRAE (2003)

Os subtipos relevantes para este trabalho são: *lenguaje poético*, *nivel social*, *registro de habla* e *valoración del hablante con respecto al receptor*. Porém, somente algumas das marcas que constam nesses nesses subtipos podem ser consideradas como pertencentes à categoria de marcas estilísticas. De acordo com o estudo das

definições dessas marcas pertencentes ao sexto tipo, chamado pela equipe do DRAE (2003) de *uso lingüístico*, e com a análise da proposta de Strehler (1997) para a classificação das marcas de uso em dicionários monolíngües, montamos um quadro com as marcações que pertencem à categoria de marcas estilísticas. Tais marcas foram divididas, assim como no Aurélio (2004), em nível lingüístico [+ elevado] e [- elevado], conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Nível [+ elevado]	Poético	Pertenciente o relativo a la poesía.
	Culto	Dotado de las calidades que provienen de la cultura o instrucción.
Nível [- elevado]	Coloquial	Propio de una conversación informal y distendida.
	Vulgar	Pertenciente o relativo al vulgo. Común o general, por contraposición a especial o técnico.
	Malsonante	Dicho especialmente de una doctrina o de una frase: que ofende los oídos de personas piadosas o de buen gusto. Que sueña mal.

Quadro 9 – Marcas estilísticas - DRAE (2003)

O DRAE (2003) parece ser mais econômico, pois utiliza apenas cinco marcas que podem ser classificadas como estilísticas. Diferentemente do que foi constatado no Aurélio (2004), não parece haver nenhuma redundância no sistema de marcas estilísticas empregado por esse dicionário.

O DRAE (2003) utiliza “malsonante” para marcar palavras e acepções empregadas em situação de ofensa, bem como para marcar palavras e acepções consideradas tabus lingüísticos, ou seja, que são proibidas em muitas situações de comunicação.

Analisamos as marcas de uso pertencentes à categoria estilística em dois importantes dicionários monolíngües eletrônicos, Aurélio (2004) e DRAE (2003), a fim de examinar o tratamento dado por essas obras às marcas de uso que fazem alusão a palavras e expressões empregadas em uma linguagem informal, sem nenhuma preocupação com a correção e a elegância, e que, além disso, ofendem, causam escândalo e são inconvenientes em certos grupos sociais e situações de comunicação.

Tal estudo foi feito com a intenção de verificar como as informações referentes a esse tipo de linguagem, marcadas como “malsonante” pelo DRAE (2003)¹³, são transpostas aos dicionários bilíngües escolares espanhol-português/português-espanhol, visto que, como já se discutiu nas seções 2.1 e 2.2, as informações relativas ao uso são essenciais para as obras lexicográficas, principalmente para aquelas que contrastam duas línguas, contrastando, portanto, duas culturas.

Entendemos que as palavras e acepções malsonantes devem ser conhecidas pelos aprendizes de língua espanhola, por isso é importante examinarmos o tratamento dado às mesmas pelos lexicógrafos bilíngües que elaboram os dicionários escolares. Com o intuito de analisar o léxico malsonante em dicionários bilíngües que contrastam a língua espanhola com a língua portuguesa, é necessário, primeiramente, conhecer o

¹³ É importante lembrar que o Aurélio (2004) não possui uma marca específica para assinalar palavras e acepções empregadas em um discurso ofensivo e/ou consideradas tabus lingüísticos.

sistema de marcas estilísticas empregado por esses dicionários, o qual será apresentado na próxima seção.

2.2.2 MARCAS ESTILÍSTICAS NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES EXAMINADOS

Devido à falta de informações sobre as marcas de uso nas apresentações dos dicionários examinados, bem como à falta de trabalhos que analisem essas marcas em obras bilíngües, para localizar as marcações referentes ao uso empregadas nesses dicionários e classificá-las dentro do conjunto das marcas estilísticas, utilizamos, novamente, a divisão de categorias proposta por Strehler (1997) para os dicionários monolíngües.

As marcações estilísticas empregadas nos quatro dicionários que serão objeto de análise podem ser assim sumarizadas:

	Michaelis (2002)	FTD (1998)	Ática (2004)	Santillana (2005)
Nível [+ elevado]	literatura	_____	literatura	literatura
Nível [- elevado]	familiar coloquial vulgar	_____	coloquial vulgar	familiar vulgar

Quadro 10 – Marcas estilísticas dos dicionários bilíngües escolares examinados

Como podemos observar no quadro acima, o FTD (1998) não emprega marcações que indiquem o contexto de uso das palavras ou acepções nem fornece essas informações em forma de comentário em seus verbetes.

Os dicionários Michaelis (2002), Ática (2004) e Santillana (2005) utilizam praticamente as mesmas marcas estilísticas, porém o Michaelis (2002) é o único que emprega as marcas “familiar” e “coloquial”, os outros dois parecem optar por uma dessas marcas. O Ática (2004) e o Santillana (2005) empregam marcações distintas para apontar um sentido semelhante, visto que tanto “familiar” como “coloquial” identificam uma palavra ou expressão pertencente a uma linguagem informal, corrente. É claro que essas duas marcas têm traços peculiares. “Familiar” caracteriza também uma linguagem utilizada em ambiente familiar, íntimo, onde é possível se expressar de forma mais natural, já a marca “coloquial” não carrega essa informação, referindo-se apenas a uma conversa informal, na qual os interlocutores não estão preocupados com a correção e a elegância. Contudo, os dicionários Ática (2004) e Santillana (2005) parecem reunir todas essas informações em uma única marca: “coloquial” e “familiar”, respectivamente. O Michaelis (2002), por sua vez, parece fazer distinção entre as

marcas “coloquial” e “familiar”, visto que utiliza ambas as marcações em seus verbetes, embora não haja nenhuma explicação referente a isso na apresentação dessa obra.

É difícil dizer se as marcas empregadas nas obras bilíngües examinadas seguem o sistema de marcação do português ou do espanhol. A marca “literatura” é utilizada no Aurélio (2004), mas não no DRAE (2003), o mesmo ocorre com a marca “familiar”. Já a marca “coloquial” aparece no DRAE (2003), porém não é empregada no Aurélio (2004). A marca “vulgar”, por sua vez, não é empregada no Aurélio (2004) para dar informações de cunho estilístico, mas é empregada pelo DRAE (2003) para referir-se àquilo que é pertencente ao vulgo, ou seja, que é popular¹⁴.

Além de as obras bilíngües escolares examinadas não deixarem claro se o sistema de marcas de uso utilizado corresponde ao sistema da língua espanhola ou ao da língua portuguesa, esses dicionários empregam as mesmas marcas estilísticas nas duas macroestruturas (espanhol-português e português-espanhol), o que constitui um grande equívoco. As marcas de uso, como dissemos neste trabalho, referem-se à cultura, aos hábitos lingüísticos de um país, por isso não devem ser transpostas de um idioma para o outro como ocorre freqüentemente em dicionários bilíngües.

É importante lembrar que o presente trabalho pretende analisar as palavras e expressões malsonantes constantes nessas quatro obras bilíngües escolares. Mas, se os dicionários bilíngües analisados não empregam, em seus verbetes, a marca “malsonante”, como, então, analisar esse léxico?

¹⁴ O Aurélio (2004), como já foi dito, utiliza, para referir-se a esse tipo de linguagem, as marcas “popular” e “plebeísmo”.

Foram pesquisadas todas as acepções e expressões que recebem essa marcação no DRAE (2003) e, com base na lista de verbetes encontrada, realizamos uma busca manual, já que não encontramos a versão eletrônica dessas obras, de todos esses verbetes nos quatro dicionários em questão. Constatamos que, na grande maioria dos casos, os verbetes marcados como “malsonante” no DRAE (2003) recebem a marca “vulgar” nas obras lexicográficas bilíngües examinadas.

Palavras como ‘*joder*’ e ‘*carajo*’, por exemplo, são “malsonantes” no DRAE (2003), mas recebem a marca “vulgar” nos dicionários bilíngües escolares que constituem objeto de análise deste trabalho.

Com o intuito de entender esse fenômeno, foi necessário traçar a trajetória da marca “vulgar” no DRAE. Essa trajetória foi estudada por Garriga (1994) e será sumarizada na próxima seção.

2.3 “Vulgar” e “malsonante”: uma relação de inclusão

Antes de analisarmos o emprego da marca “vulgar” nas quatro obras bilíngües examinadas neste trabalho, bem como o emprego das marcações “vulgar” e “malsonante” no DRAE (2003), é necessário mostrar o panorama apresentado por Garriga (1994) com relação à marca “vulgar” no DRAE, desde o *Diccionario de Autoridades* (1726 - 1739) até o DRAE (1992).

Segundo Garriga (1994, p. 6), o *Diccionario de Autoridades*, publicado pela Academia Espanhola entre 1726 e 1739, incorporou mais palavras ditas vulgares do que os dicionários anteriores, porém tais palavras não recebiam essa marcação por

meio de abreviatura, mas sim por observações feitas no interior do verbete, como, por exemplo: *es voz vulgar*, para palavras como ‘alegrón’ e ‘caminata’; *estilo vulgar*, como nos casos de ‘atrapar’ e ‘besucar’; *del vulgo*, para os vocábulos como ‘acertajo’ e ‘calcillas’; *solo entre gente vulgar*, para palavras como ‘apercollar’ e ‘degenegar’, entre outras. Esse dicionário também utilizava a marca “bajo”, freqüentemente empregada junto com a de “vulgar”, para qualificar, muitas vezes, a mesma acepção, como ocorre em ‘aforrar’. A marca “bajo” também aparecia sozinha para marcar palavras como ‘soñarrera’, por exemplo.

Em 1780, segundo Garriga (1994), as marcas se sistematizaram mediante abreviaturas, o que fez com que muitas se perdessem. Além disso, a maioria dos comentários feitos no interior dos verbetes foram substituídos pelas abreviaturas, como “vulg.”, por exemplo.

O autor explica que essa situação se manteve até o ano de 1817. Na quinta edição desse dicionário, a Academia Espanhola se propôs a muitas mudanças. Uma delas foi a simplificação do sistema de marcas de uso. Está dito no prólogo dessa edição que as marcas “bajo”, “vulgar”, “festivo” e “jocoso” estão contidas na marca “familiar”, o que fez com que aumentasse significativamente os verbetes com tal marcação. A partir dessa edição, então, as marcas “bajo” e “vulgar” foram suprimidas do *Diccionario de Autoridades*.

Esse fato se manteve até 1884. Com as reformas produzidas nessa edição, fica fácil, conforme Garriga (1994, p 7), entender o porquê da ausência da marca “vulgar”. No prólogo da edição de 1884, está dito que há a incorporação, mais do que em todas as outras edições, de palavras e frases da linguagem “literária” e “vulgar”. Contudo, Garriga (1994) explica que devemos entender “vulgar” como “não marcado”, pois está

escrito, nas regras de uso desse dicionário, que em cada verbete estão listadas, primeiro, as acepções de uso *vulgar* e *corriente*; depois, *as anticuadas, as familiares, as figuradas, as provinciales e as hispanoamericanas* e, por último, *as técnicas*. Ou seja, de acordo com o que está dito nas regras de uso desse dicionário, podemos entender que as primeiras acepções de um verbete são aquelas não marcadas, visto que são correntes, usuais na língua descrita por esse dicionário. Talvez, por esse motivo, a marca “vulgar” permaneceu ausente por tanto tempo, reaparecendo somente em 1925, não há nenhuma explicação na apresentação da edição de 1925 para o reaparecimento dessa marcação.

Em cada nova edição, cresce a lista das palavras e acepções vulgares. A edição de 1992 - vigésima primeira edição - apresenta 269 acepções com essa marcação, o que faz com que Garriga (1994) observe atentamente a definição dessa marca. O autor alerta para o significado de “*language vulgar*”, definindo-a como aquela que está em oposição à linguagem técnica e à linguagem literária. Dessa forma, “vulgar” seria aquilo que não é marcado. No entanto, Garriga (1994) mostra que não é exatamente isso que ocorre, “vulgar” parece indicar aquilo que é usado pelo povo, em oposição às pessoas de classe mais elevada. O autor mostra que por trás da marca “vulgar” é possível organizar três conjuntos de palavras, sendo esta a sua maior contribuição para o presente trabalho. Garriga (1994, p. 11) divide, então, as acepções marcadas como “vulgar” em três conjuntos, conforme o quadro que segue.

Acepções que recebem a marca “vulgar” no DRAE (1992).	1 - Palavras e acepções que designam conceitos que são objeto de tabu.
	2 - Palavras e acepções que pertencem à linguagem de grupos marginais.
	3 - Arcaísmos que se mantêm em zonas rurais, considerados pouco cultos.

Quadro 11 – Conjunto de palavras [+vulgar] - DRAE (1992)

No Conjunto 1, estão os vocábulos relacionados ao sexo, ou seja, aqueles que são utilizados para designar os órgãos sexuais e o ato sexual, como ‘*carajo*’, ‘*chorra*’, ‘*concha*’ e ‘*joder*’, por exemplo. Esses termos, segundo Garriga (1994, p. 10), levam a marcação “*es voz malsonante*”. Também estão nesse conjunto palavras que se referem a práticas sexuais, mas que acabaram adquirindo sentidos figurados, como no caso de ‘*lambeculos*’, que significa, literalmente, lambe cus, mas é empregado com o sentido de puxa-saco. O autor também inclui nesse grupo insultos, como ‘*gilipollas*’; palavras relacionadas à ingestão de vinho, como ‘*pelotazo*’, e expressões denominadas por ele de “*fuertes*”, como ‘*vete a la mierda*’.

No Conjunto 2, encontram-se palavras que designam sentidos relacionados com atos de grupos marginais, delinqüentes. Nesse conjunto constam termos que significam roubar, ‘*afanar*’, e matar, ‘*liquidar*’, por exemplo.

O Conjunto 3, segundo o autor, é muito numeroso e abarca arcaísmos que se mantêm na linguagem de pessoas pouco cultas e/ou que vivem em zonas rurais. A maioria dessas palavras está marcada com “vulgar” e “anticuados” ou “vulgar” e “desusados”.

O objeto de estudo do presente trabalho está no primeiro conjunto de palavras vulgares, de acordo com a classificação de Garriga (1994). São palavras que designam objetos de tabu, insultos e expressões fortes, que chocam o interlocutor. Conforme o autor, a marcação “malsonante”, utilizada para indicar esse tipo de palavras, foi usada inicialmente na edição de 1992.

Mostramos a história da marca “vulgar” no DRAE desde o *Dicionário de Autoridades* até a edição de 1992, com o objetivo de evidenciar a relação existente entre “vulgar” e “malsonante”. De acordo com o que foi exposto, fica claro que a marca “malsonante” especifica um conjunto de palavras vulgares. Assim, aquilo que é malsonante é, necessariamente, vulgar, mas aquilo que é vulgar, nem sempre é malsonante. Nesse caso, toda a palavra que recebe a marca “malsonante” deveria também estar marcada como “vulgar”, porém não é o que ocorre no DRAE (2003). “Malsonante” ora aparece sozinha, ora combinada com “vulgar”, conforme será apresentado na análise de dados.

Já no que concerne aos dicionários bilíngües escolares examinados neste trabalho, os mesmos marcam as palavras e expressões vulgares, mas não alertam para o uso malsonante, deixando, portanto, de fornecer uma informação essencial para o aprendiz do espanhol. Esse fenômeno pode ser observado na análise dos dados.

Antes de analisar atentamente as acepções malsonantes no DRAE (2003) e nos dicionários bilíngües escolares, é necessário mostrar como foram selecionadas as obras lexicográficas que constituem objeto de análise deste trabalho e como foi feita a recolha e a organização dos dados a serem analisados.

3 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é descrever a metodologia adotada para a seleção dos dicionários e dos verbetes analisados, bem como para a organização dos dados. Para isso, nas seções 3.1, 3.1.1 e 3.1.2, explicaremos o critério utilizado para a escolha dos dicionários monolíngües do português e do espanhol que serviram de base para o estudo das marcas estilísticas e o critério para a seleção dos dicionários escolares bilíngües desses dois idiomas que foram analisados nesta dissertação. Na seção 3.2, apresentaremos o tipo de marcação que estamos analisando na microestrutura das obras bilíngües escolares e, nas seções 3.3 e 3.4, exporemos a metodologia para a escolha dos verbetes examinados e para a classificação de algumas palavras e expressões que constam nesses verbetes.

3.1 Metodologia para a seleção do *corpus*

Com o objetivo de examinar as marcações de uso na microestrutura de obras lexicográficas, o *corpus* da presente pesquisa é constituído de dicionários bilíngües.

Além desses, para fins de análise, nos apoiamos também em dois dicionários monolíngües, um de língua espanhola e um de língua portuguesa, conforme descritos na próxima seção.

3.1.1 DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES

As obras lexicográficas monolíngües gerais descrevem exaustivamente o léxico de uma língua, procurando esgotar as diversas acepções das palavras e os contextos de uso em que elas podem ocorrer, diferentemente das obras bilíngües, as quais fornecem ao usuário o vocabulário básico de uma língua, selecionado de acordo com a frequência de uso. Dessa forma, os dicionários monolíngües são uma importante fonte de consulta para os lexicógrafos bilíngües, por apresentarem tantas informações, já sistematizadas, sobre uma língua.

Nesse sentido, como a finalidade de repensar o tratamento das marcas de uso pertencentes à categoria estilística utilizadas para indicar o léxico malsonante em obras bilíngües escolares espanhol-português, foi necessário, antes de passar à análise dos dicionários bilíngües, examinar como essas marcas estão dispostas nos dicionários monolíngües desses dois idiomas. Para tanto, decidimos analisar, para a língua portuguesa, o Aurélio (2004) e, para a língua espanhola, o DRAE (2003), por estarem entre as obras lexicográficas gerais mais consultadas pelos falantes do português brasileiro e pelos falantes do espanhol, respectivamente.

3.1.2 DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

Com o objetivo de entendermos os usos que os lexicógrafos de dicionários bilíngües escolares fazem das marcas estilísticas, analisamos quatro dicionários bilíngües que confrontam a língua espanhola com a língua portuguesa utilizados em contextos pedagógicos. Como no *site* do Ministério da Educação¹⁵ não constam indicações de dicionários bilíngües, o critério aplicado para a escolha das obras examinadas neste trabalho foi uma pesquisa realizada em vinte escolas da rede pública e privada de Porto Alegre. Esta pesquisa ocorreu da seguinte maneira: escolhemos dez escolas públicas e dez escolas particulares que oferecem língua espanhola em seus currículos, no Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio, e que possuem mais de 800 alunos. Dentre as escolas públicas escolhidas para visita, selecionamos escolas municipais, estaduais e federais. Durante a visita a essas escolas, perguntamos aos professores de espanhol quais eram os dicionários bilíngües mais utilizados em sala de aula. Verificamos que as quatro obras mais consultadas pelos alunos de Ensino Médio e Fundamental, nas escolas visitadas, são as seguintes: Michaelis (2002), FTD (1998), Ática (2004) e Santillana (2005)¹⁶, conforme pode ser observado no quadro a seguir.

¹⁵ <http://portal.mec.gov.br/>

¹⁶ As edições das obras mais utilizadas pelos alunos variam, contudo optamos por analisar as edições mais atuais.

	Dicionários bilíngües escolares mais utilizados	
Escolas particulares	Escola 1	Michaelis
	Escola 2	Santillana
	Escola 3	Michaelis
	Escola 4	Michaelis
	Escola 5	Michaelis
	Escola 6	Michaelis
	Escola 7	Ática
	Escola 8	Michaelis
	Escola 9	Michaelis
	Escola 10	Michaelis
Escolas públicas	Escola 1	FTD
	Escola 2	FTD
	Escola 3	FTD
	Escola 4	Michaelis
	Escola 5	FTD
	Escola 6	FTD
	Escola 7	FTD
	Escola 8	Ática
	Escola 9	FTD
	Escola 10	Michaelis

Quadro 12 – Dicionários bilíngües mais utilizados nas escolas de Porto Alegre

Como podemos observar, nas escolas particulares, o dicionário bilíngüe mais utilizado pelos alunos é o Michaelis e, nas escolas públicas, o mais consultado é o FTD. O Ática é o mais utilizado em duas das escolas visitadas e o Santillana, apenas em uma.

A seguir, apresentaremos a organização da macroestrutura de cada uma dessas obras, com o objetivo de mostrar como estão organizados os dicionários bilíngües que constituem objeto de análise deste trabalho.

Dicionário Ática (2004)

Esse dicionário contém cerca de 20 mil verbetes e inicia com uma importante explicação acerca da diferença entre espanhol e castelhano. Posteriormente, faz uma breve apresentação das informações oferecidas ao longo da obra e que constam nos verbetes. É importante salientar que esse dicionário acrescenta que, em virtude da diversidade lingüística do espanhol, utiliza regionalismos em seus verbetes, tais como Espanha, América, México. Essa obra oferece também os alfabetos dos dois idiomas, uma explicação sobre a divisão silábica do espanhol, um quadro fonológico do espanhol, uma explicação sobre a acentuação gráfica de forma comparativa nas duas línguas e uma lista de abreviaturas. Há, ainda, entre as duas macroestruturas da obra (espanhol-português e português-espanhol) alguns dados interessantes da língua espanhola para o aprendiz, como lista de profissões, pronomes e formas de tratamento, adjetivos pátrios, modelos de conjugação verbal, participios dos verbos e países *hispanohablantes*.

Dicionário Michaelis (2002)

Com cerca de 28 mil verbetes, essa obra inicia explicando sua organização e, posteriormente, fornece a transcrição fonética nas duas línguas (espanhol e português) e a lista de abreviaturas utilizadas. Ao final, após as duas macroestruturas, no apêndice, esse dicionário oferece modelos de conjugações verbais do espanhol;

conjugação dos verbos auxiliares e regulares do português; relação dos verbos irregulares, defectivos ou difíceis do português; lista dos numerais cardinais e ordinais das duas línguas e uma lista de ditados e provérbios, com as respectivas traduções ou equivalentes para o português. No interior dos verbetes, o Michaelis é o único, dentre os dicionários analisados, que apresenta a transcrição fonética do lema.

Dicionário Santillana (2005)

Esse dicionário também oferece cerca de 28 mil verbetes e inicia com uma breve apresentação, explicando como está estruturada a obra. É importante ressaltar que o Santillana menciona, em sua apresentação, a utilização de marcações de uso em seus verbetes, dividindo-as em três categorias: área do conhecimento (“medicina”, “zoologia”, etc.), uso (“familiar”, “vulgar”, etc.) e regionalismos (“Espanha”, “Uruguai”, etc.). Essa obra explica que tais marcações aparecem com inicial em letra maiúscula e constam na lista de abreviaturas, porém não existe nenhum tipo de informação a respeito das mesmas, como, por exemplo, a definição ou a explicação do objetivo com que estão sendo empregadas. Esse dicionário ainda oferece uma lista de modelos de conjugação verbal em espanhol.

Diferentemente dos demais dicionários bilíngües, os quais apresentam apenas uma lista de equivalentes, o Santillana fornece definições em seus verbetes. Vale destacar a explicação dada na apresentação da obra acerca dessa questão:

Concluimos que a simples transcrição de palavras de uma língua a outra, sobretudo no âmbito do espanhol para o português, pouco esclarece a quem consulta um dicionário. Por isso optamos por oferecer, de maneira sucinta, o(s) significado(s) ou aceção (ões) de cada vocábulo, o que se em algum caso não

é indispensável, nunca será supérfluo. Assim, em vez de apresentar verbetes como, por exemplo:

Coetáneo, a. adj. Coetáneo, a.

Cuja estrutura não atende às necessidades daqueles que não sabem o significado de *coetáneo*, estabelecemos a seguinte estrutura:

Coetáneo, a. adj. Da mesma idade, da mesma época, ou do mesmo tempo. Contemporáneo. Coetáneo. (DICIONÁRIO SANTILLANA PARA ESTUDANTES ESPANHOL-PORTUGUÊS/PORTUGUÊS-ESPANHOL, 2003 - APRESENTAÇÃO)

Dessa forma, o consulente entenderá o significado da palavra pesquisada, ainda que não a conheça em português. Por essa razão, dentre os quatro dicionários bilíngües analisados neste trabalho, o Santillana acaba sendo o mais indicado para os aprendizes de língua espanhola. Porém, infelizmente, como vimos, é o menos utilizado nas escolas visitadas. É importante ressaltar que esse é o único, dos quatro dicionários analisados, que não se encaixa na definição de “dicionário bilíngüe tradicional”, apresentada por Schmitz (2001, p. 164), já que oferece definições em seus verbetes.

O Dicionário FTD (1998)

Essa é a obra bilíngüe que oferece o menor número de verbetes (15 mil) e de dados acerca do uso da língua espanhola. Contudo, como pode ser observado no Quadro 12, é a segunda obra mais utilizada pelos alunos, principalmente por aqueles de escolas públicas. Esse dicionário apresenta uma breve apresentação, seguida de uma lista com as abreviaturas utilizadas nos verbetes antes de cada uma das duas macroestruturas. O FTD é o único que oferece duas listas de abreviaturas, uma no início de cada macroestrutura, porém essas listas são pequenas e não dão conta de todas as informações importantes para o consulente. Um bom exemplo dessa carência de informações é a inexistência de marcas de uso estilísticas nos verbetes da obra em

questão. Ao final, essa obra apresenta uma lista de provérbios e algumas expressões espanholas, acompanhadas das respectivas traduções ou expressões equivalentes em português, e apresenta também alguns modelos de conjugações verbais do espanhol.

É importante ressaltar que as quatro obras bilíngües analisadas apresentam duas macroestruturas, uma com entrada na língua espanhola e outra com entrada na língua portuguesa, no entanto, analisamos somente a macroestrutura espanhol-português e nossa proposta de marcação foi elaborada para essa macroestrutura, conforme apresentaremos na seção 4.4.

Em nossa pesquisa, observamos que as obras bilíngües analisadas não expõem, em sua apresentação, o critério adotado para a escolha e para o emprego das marcas de uso utilizadas. Além disso, observamos que, nas escolas públicas, os alunos consultam as obras bilíngües disponíveis na biblioteca. A maioria dessas escolas possui o FTD, talvez por este ter o preço mais acessível dentre os quatro dicionários mais utilizados. Já nas instituições particulares, notamos que muitos alunos possuem um dicionário bilíngüe, geralmente o Michaelis, embora algumas dessas escolas ofereçam, em suas bibliotecas, outras opções além desse dicionário.

O gráfico que segue foi elaborado para ilustrar os números da pesquisa apresentada anteriormente.

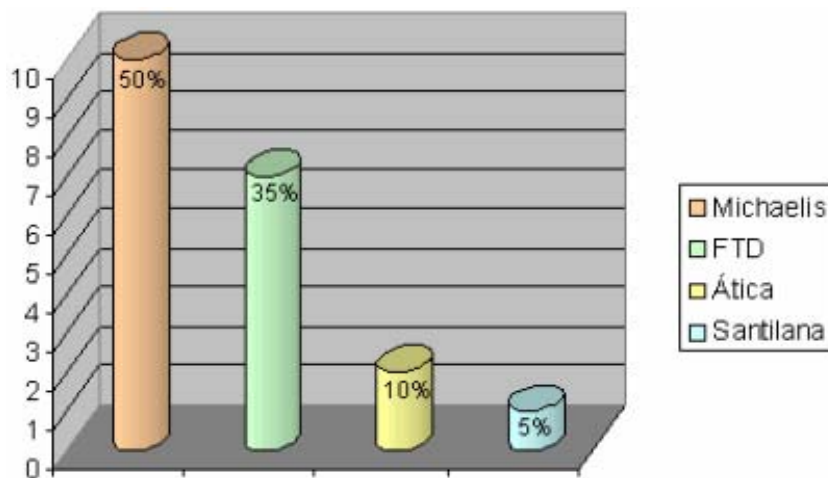


Gráfico 1 – Dicionários utilizados em sala de aula

Como podemos observar, o Michaelis é o mais utilizado em metade das escolas visitadas. O FTD é o mais consultado em 35% dessas escolas, o Ática, em 10%, e o Santillana, em apenas 5%.

Alguns dados de nossa pesquisa revelam uma situação realmente preocupante: a segunda obra bilíngüe mais consultada pelos estudantes dos níveis iniciais de espanhol, o FTD, não apresenta marcas estilísticas nem comentários acerca dos contextos de uso em seus verbetes, deixando o consulente sem as informações fundamentais sobre o emprego das palavras e expressões que está aprendendo.

3.2 Categorias analíticas

Como já registramos nas páginas anteriores, o aprendiz de língua estrangeira necessita saber a que tipo de linguagem pertence os sentidos do vocábulo que está aprendendo, nível lingüístico [+ elevado] ou [- elevado], e em que situação, formal ou

informal, poderá empregá-lo. Em virtude da importância dessas informações para o aprendiz de língua espanhola e dos problemas apresentados pelos dicionários bilíngües para tratar dessa questão, optamos por analisar, dentre as seis categorias de marcas de uso apresentadas por Strehler (1997), a categoria de marcas estilísticas, especialmente a marca “malsonante”, a qual indica uma linguagem proibida e evitada em muitas situações de comunicação

Como Strehler (1997) não analisou as categorias de marcas de uso em dicionários monolíngües de língua espanhola, pesquisamos, no esquema arbóreo de marcações e abreviaturas do DRAE (2003), quais as marcas que podem ser classificadas como estilísticas, de acordo com a definição de Strehler (1997) para marcações estilísticas.

Como mostramos no segundo capítulo deste trabalho, os tipos de marcações relevantes para a presente pesquisa são as de *uso lingüístico*, denominação dada pelo DRAE (2003) em seu esquema arbóreo de marcas e abreviaturas. Contudo, somente algumas das marcações que pertencem ao *uso lingüístico* podem ser classificadas como estilísticas, de acordo com as definições dessas marcas, bem como do conceito de marcas estilísticas apresentado por Strehler (1997).

A título de maior clareza, repetiremos as marcas estilísticas empregadas pelo DRAE (2003) a seguir.

Nivel [+ elevado]	Poético	Pertenciente o relativo a la poesía.
	Culto	Dotado de las calidades que provienen de la cultura o instrucción.
Nivel [- elevado]	Coloquial	Propio de una conversación informal y distendida.
	Vulgar	Pertenciente o relativo al vulgo. Común o general, por contraposición a especial o técnico.
	Malsonante	Dicho especialmente de una doctrina o de una frase: que ofende los oídos de personas piadosas o de buen gusto. Que sueña mal.

Reprodução do Quadro 9 – Marcas estilísticas - DRAE (2003)

A marca estilística analisada neste trabalho é a marca “malsonante”, ou seja, aquela empregada para indicar as palavras que designam tabus lingüísticos e que ofendem, que chocam o interlocutor, palavras que pertencem a uma linguagem informal descuidada, sem preocupação com a elegância e com a correção. Essa escolha deve-se ao fato de que essas palavras devem ser conhecidas e evitadas pelos aprendizes de língua espanhola em certas situações de comunicação. No entanto, as obras lexicográficas bilíngües destinadas aos alunos dos níveis iniciais de espanhol apresentam inúmeros problemas no tratamento do léxico malsonante.

3.3 Metodologia para seleção dos verbetes analisados

Com o objetivo de repensar o emprego das marcas de uso estilísticas de nível lingüístico [- elevado], especialmente aquelas utilizadas para indicar o léxico malsonante na macroestrutura espanhol-português de obras lexicográficas bilíngües escolares, a seleção dos verbetes analisados obedeceu aos seguintes critérios:

- (a) retiramos do DRAE Eletrônico (2003) todos os verbetes que possuem a marca “malsonante”;
- (b) com base na lista retirada do DRAE (2003), pesquisamos os mesmos verbetes nos quatro dicionários bilíngües escolares, Michaelis (2002), FTD (1998), Ática (2004) e Santillana (2005), a fim de se analisar como as palavras ou acepções que recebem a marca “malsonante” são transpostas para esses dicionários;
- (c) analisamos somente os verbetes da primeira parte desses dicionários, aqueles pertencentes à macroestrutura espanhol-português, ou seja, os verbetes que partem da língua-alvo para a língua-fonte, visto que o objetivo é auxiliar os aprendizes de língua espanhola.

3.4 Organização dos dados

Com a finalidade de objetivar a análise e de observar que tipo de palavras e expressões são consideradas malsonantes para o DRAE (2003) e estão presentes nos dicionários bilíngües escolares examinados, dividimos as mesmas em “campos léxicos”,

com base na proposta de Xatara & Oliveira (2002, p. 275). Porém, como essas autoras só tratam do vocabulário que se refere aos órgãos sexuais, às práticas sexuais, ou seja, a campos léxicos denominados por elas de “erótico-obscenos” (p. 275), elaboramos outros grupos, visto que o léxico malsonante do DRAE (2003) apresenta outros tipos de palavras, além daquelas pertencentes aos campos léxicos “erótico-obscenos”.

Reunimos as palavras, locuções e frases malsonantes do DRAE (2003) em quatro grupos, de acordo com a semelhança existente entre as mesmas para o sentido que designam.

Os quatro grupos criados a partir da análise do léxico malsonante do DRAE (2003) são os seguintes:

- 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.
- 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.
 - a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva.
 - b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou não tolerável.
 - c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral.
 - d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais.
- 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada.

- 4 - Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica.

Após a classificação das palavras e acepções malsonantes do DRAE (2003) nos grupos propostos, investigamos as mesmas palavras e expressões nos quatro dicionários bilíngües escolares selecionados, dividindo-as também nos mesmos grupos.

No próximo capítulo será apresentada a análise do léxico malsonante no DRAE (2003) e nas quatro obras lexicográficas bilíngües examinadas. Também será feita, como já mencionamos, uma proposta para o tratamento do vocabulário malsonante em dicionários bilíngües escolares destinados a brasileiros aprendizes de língua espanhola, mediante a sistematização de algumas marcas de uso estilísticas.

4 ANÁLISE DE DADOS

O objetivo do presente capítulo é sugerir uma proposta de sistematização de algumas marcas de uso estilísticas importantes para a caracterização do léxico malsonante em dicionários bilíngües escolares espanhol-português. Para tanto, primeiramente, nas seções 4.1 e 4.2, apresentaremos a análise da marca “malsonante” no DRAE (2003). Na seqüência, na seção 4.3., as mesmas entradas lexicais, ou seja, aquelas que apresentam essa marcação em seus verbetes para indicar determinadas acepções no DRAE (2003), serão examinadas dentro das quatro obras lexicográficas bilíngües escolares que constituem objeto de análise deste trabalho. Finalmente, na seção 4.4, apresentaremos uma proposta de sistematização de algumas marcas estilísticas empregadas para especificar o uso do vocabulário malsonante na microestrutura de um dicionário bilíngüe escolar espanhol-português.

4.1 A marca “malsonante” no DRAE (2003)

Antes de iniciar a análise da marca “malsonante” no DRAE (2003), é necessário defini-la, bem como mostrar com que finalidade essa marcação vem sendo empregada na obra lexicográfica em questão.

Malsonante, como já dissemos na introdução deste trabalho, designa palavras ou expressões que ofendem os ouvidos de pessoas cultas, distintas e de bom gosto. Além disso, de acordo com a análise de todos os verbetes que possuem tal marcação no DRAE (2003), “malsonante” é utilizada para indicar sentidos que são considerados impróprios e proibidos em muitas situações de comunicação, sob pena de reprovação e perseguição social.

Na língua espanhola, as palavras e expressões que recebem essa marca parecem exprimir dois tipos de proibição:

1. proibição de tocar, fazer ou dizer algo por medo de um castigo (proibição instituída por um grupo social como medida de proteção, superstição).
2. interdição de ordem cultural e social sobre a qual se evita falar por pudor, crença ou superstição.

Nesse sentido, a marca “malsonante” parece referir-se a um conjunto de condutas de ordem sexual, moral, social e religiosa que sofrem algum tipo de restrição na sociedade, quer porque estejam institucionalmente proibidas, como acontece com certos comportamentos, como prostituir-se, quer porque não sejam aprovadas como um

comportamento social aceitável, como menosprezar alguém, chamando-o de estúpido, por exemplo.

A marca “malsonante” está presente em 49 verbetes do DRAE (2003). No interior de todos esses verbetes, há 91 ocorrências dessa marca, ou seja, “malsonante” aparece para marcar 91 acepções. É importante ressaltar que, dentre essas acepções, 36 referem-se a locuções e frases (nomenclatura empregada por esse dicionário) e 55 referem-se a palavras. Dito de outra forma, a marca “malsonante” ocorre 91 vezes no DRAE (2003), 36 para indicar o sentido de locuções e frases e 55 para indicar o sentido de palavras.

A título de ilustração, vale observar a marcação no verbete ‘*chingado*’, do DRAE (2003).

chingado, da

1. adj. malson. *Méx.* Que ha sufrido daño.
2. f. malson. *Méx.* prostituta.

ah, chingado

1. loc. interj. malson. *Méx.* U. para expresar sorpresa o protesta.

a la ~.

1. loc. adv. malson. *El Salv. y Méx.* a paseo. Me mandó a la chingada. ¡Váyase a la chingada!

de la ~.

1. loc. adj. malson. *Méx.* pésimo. U. t. c. loc. adv.
- V.

hijo de la ~ (DICIONÁRIO DRAE, 2003 – VERBETE *CHINGADO*)

Como pode ser observado no verbete ‘*chingado(a)*’, a marca “malsonante” aparece cinco vezes. As duas primeiras acepções referem-se à palavra *chingado(a)* e

as outras três referem-se às locuções distintas, formadas a partir dessa palavra: ‘*ah, chingado*’; ‘*a la chingada*’ e ‘*de la chingada*’.

É claro que, como essa palavra só apresenta dois sentidos e ambos são considerados malsonantes, é de se esperar que todas as locuções formadas a partir dessa palavra também sejam malsonantes. Contudo, há casos em que nenhum dos sentidos de um determinado vocábulo recebe essa marca, mas as locuções e/ou frases formadas a partir dele são entendidas como malsonantes, ou seja, são comumente empregadas para ofender, para causar escândalo, chocar, ou ainda para fazer referência a tabus lingüísticos. Essa situação pode ser observada no verbete ‘*culo*’, do DRAE (2003).

culo

1. m. Conjunto de las dos nalgas.
2. m. En algunos animales, zona carnosa que rodea el ano.
3. m. ano.
4. m. Extremidad inferior o posterior de algunas cosas. Culo del pepino, del vaso.
5. m. En el juego de la taba, parte más plana, opuesta a la carne.
6. m. coloq. Escasa porción de líquido que queda en el fondo de un vaso.

(...) **a tomar por ~, o por el ~.**

1. locs. advs. vulgs. **malsons.** a hacer puñetas. Manda ese trabajo a tomar por culo y búscate otro.
2. locs. advs. vulgs. **malsons.** Muy lejos. Lanzó el balón a tomar por culo.

con el ~ al aire.

1. loc. adv. coloq. **malson.** En situación comprometida por haberse descubierto algo. Su actuación nos dejó con el culo al aire.

dar por ~, o por el ~.

1. frs. vulgs. **malsons.** Sodomizar
2. frs. vulgs. **malsons.** fastidiar (enfadar) (...) (DICIONÁRIO DRAE, 2003 – VERBETE *CULO*)

Retiramos apenas parte do verbete ‘culo’. Porém, há, ao todo, dezoito acepções malsonantes dentro desse verbete. Nenhuma das seis acepções de ‘culo’ recebem a marca “malsonante”. No entanto, há expressões formadas com esse vocábulo que recebem tal marcação. É importante ressaltar que, às vezes, uma mesma locução, ou frase, tem duas acepções consideradas malsonantes pelo DRAE (2003), como é o caso de ‘a tomar por (el) culo’ e ‘dar por (el) culo’, por exemplo.

Dessa forma, um outro dado numérico importante deve ser apresentado: o número de locuções ou frases que têm mais de um sentido malsonante. Como dito anteriormente, há 36 acepções com essa marcação que correspondem a locuções e frases, porém há uma locução e quatro frases que apresentam dois sentidos malsonantes. Há, portanto, 31 expressões, entre locuções e frases distintas, que recebem a marca “malsonante”. Em relação às palavras, há 45 palavras, as quais apresentam 55 sentidos considerados malsonantes.

O quadro que segue apresenta os números de ocorrência dessa marca no DRAE (2003).

Palavras com acepções malsonantes	(45 palavras) 55 acepções
Locuções e frases com acepções malsonantes	(31 expressões) 36 acepções
Total de acepções malsonantes	91 acepções

Quadro 13 – Acepções malsonantes - DRAE (2003)

Uma informação muito importante que deve ser levada em consideração na análise da marca “malsonante” no DRAE (2003) é a sua combinação com outras

marcas de uso, pois tal marcação aparece de sete formas diferentes nos verbetes desse dicionário, conforme pode ser observado no esquema abaixo.

- a) sozinha [malson.];
- b) combinada com marcas geográficas [malson. + geográfica(s)];
- c) combinada com a marca coloquial [coloq. + malson.];
- d) combinada com a marca coloquial mais marcas geográficas [coloq. + malson. + geográfica(s)];
- e) combinada com a marca vulgar [vulg. + malson.];
- f) combinada com a marca vulgar mais marcas geográficas [vulg. + malson. + geográfica(s)];
- g) combinada com a marca despectivo mais marcas geográficas [despect. + malson. + geográfica(s)] e
- h) combinada com a marca coloquial mais a marca vulgar mais marca(s) geográfica(s). [coloq. + vulg. + malson. + geográfica(s)]

No gráfico que segue, temos o percentual de ocorrências das sete formas distintas como a marca “malsonante” se apresenta no DRAE (2003).

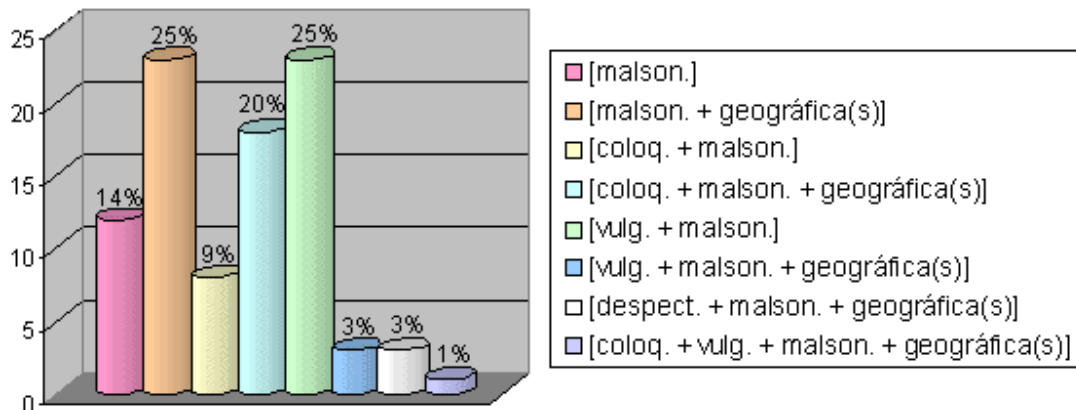


Gráfico 2 – Combinações com a marca “malsonante” - DRAE (2003)

Como podemos observar, a combinação [malson. + geográfica(s)] é uma das mais frequentes no DRAE (2003), pois representa 25% das acepções malsonantes. As marcas geográficas restringem o uso de alguns sentidos considerados malsonantes a determinados países, cidades, ou regiões, como é o caso de ‘*cerete*’, por exemplo, que recebe a marca “Hond.”, é vocábulo utilizado para fazer referência ao ânus somente em Honduras. A marca geográfica vem sempre depois das marcas estilísticas, como pode ser observado nas combinações listadas. Quando não há nenhuma marcação geográfica para uma acepção, entendemos que tal acepção é considerada malsonante para todos os países onde se fala a língua espanhola, embora o DRAE (2003) não faça nenhuma referência a essa situação.

A marca estilística “coloquial” indica o registro de fala em que uma acepção é empregada, ou seja, indica quando um sentido é utilizado em uma situação de comunicação informal, sem preocupação com a correção e a elegância. Essa marca, diferentemente de “vulgar”, não está ligada a um grupo social, mas sim a uma circunstância, a um tipo de conversação. Quando há a combinação [coloq. + malson.],

percebemos que um sentido é considerado malsonante e costuma ser empregado em uma linguagem informal, utilizada no cotidiano, por qualquer indivíduo pertencente a qualquer classe social. Quando há a combinação [coloq. + malson. + geográfica(s)], significa que um sentido pertence a uma linguagem coloquial, é malsonante e seu uso está restrito a uma determinada localidade, como é o caso da palavra ‘*cagadal*’, usada para designar um conjunto de erros cometidos por alguém em El Salvador.

Já a combinação [vulg. + malson.], uma das que mais ocorre no DRAE (2003), também representa 25% das acepções malsonantes desse dicionário, serve para indicar que um vocábulo apresenta um sentido malsonante e é utilizado por uma classe social específica: o povo. Um exemplo é ‘*dar por (el) culo*’, que pode significar sodomizar ou fatigar, enfadar. Os dois sentidos, além de serem malsonantes, são marcados como vulgar, isto é, são utilizados pelo povo. ‘*Dar por (el) culo*’, para o DRAE (2003), é uma expressão de uso popular. A combinação [vulg. + malson. + geográfica(s)] restringe ainda mais o uso de certas palavras e expressões, especificando que o povo usa malsonante naquele lugar.

A combinação [coloq. + vulg. + malson. + geográfica(s)], foi encontrada somente uma vez no DRAE (2003) para marcar a palavra ‘*lambeculos*’, que significa puxa-sacos. Entende-se, então, que essa palavra possui um sentido malsonante e que é utilizada pelo povo em uma situação de comunicação informal somente no Uruguai. Essa única ocorrência da combinação das marcas “coloquial” e “vulgar” com “malsonante” nos leva a crer que um sentido considerado malsonante pode ser utilizado pelo povo em outro tipo de situação comunicativa diferente da informal, ou seja, da situação na qual se emprega a linguagem coloquial, cotidiana. Porém, conforme o sistema de marcas de uso apresentado pelo DRAE (2003), na categoria denominada

registro de habla não há outra marcação, somente a marca “coloquial”. Uma acepção que recebe a combinação [vulg. + malson.] pode ser, então, interpretada como de uso do povo em situação formal, isto é, em uma linguagem diferente daquela que utilizamos no dia-a-dia. Do contrário, a marca “coloquial” apareceria antes da marca “vulgar”. Contudo, ao analisarmos as palavras e expressões marcadas com a combinação [vulg. + malson.], ou seja, sem a marca “coloquial” para indicar a situação de comunicação, percebemos que a maioria delas não deve ser utilizada numa linguagem formal e numa situação de comunicação em que não se tem intimidade com o interlocutor. Não é adequado dizer, por exemplo, ‘*hasta el culo*’ como sinônimo de estar farto de algo em uma situação formal, já que ‘*culo*’ significa cu.

Há, ainda, uma outra marca que também aparece junto com “malsonante”: a marca “despectivo”. Essa marcação indica quando um vocábulo está sendo utilizado com a intenção de diminuir, de rebaixar alguém. ‘*Despectivo*’ significa depreciativo, e no sistema arbóreo de marcas de uso do DRAE (2003), apresentado no segundo capítulo, pertence ao grupo denominado *intención del hablante*. A combinação [despect. + malson. + geográfica(s)] representa apenas 3% de todas as formas como a marca “malsonante” pode aparecer nesse dicionário. Um exemplo é a segunda acepção de ‘*carajo*’. Essa palavra pode ser empregada para substituir o nome de uma pessoa que não se quer mencionar com a intenção de desvalorizá-la na Colômbia, Costa Rica, Honduras e Venezuela.

É possível concluir que, quanto mais marcas de uso uma palavra ou acepção recebe, mais restrito é o seu emprego. As diferentes marcas empregadas, juntamente com “malsonante”, servem para especificar a situação de comunicação, o grupo social e

a(s) localidade(s) em que é utilizado um vocábulo, bem como a intenção com que o falante o emprega.

Na próxima seção, serão analisadas todas as acepções que recebem a marca “malsonante” no DRAE (2003).

4.2 Análise das acepções malsonantes no DRAE (2003)

Com o intuito de compreender que tipo de palavras, locuções e frases recebem a marca “malsonante” no DRAE (2003), bem como de facilitar a análise das mesmas nos verbetes dos dicionários bilíngües escolares examinados, as acepções malsonantes foram divididas, como já dissemos, em campos semânticos, semelhante ao proposto por Xatara & Oliveira (2002) no *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português/português-francês*. Na terceira parte desse dicionário, as autoras dividem os palavrões analisados em grupos, de acordo com o sentido que os mesmos indicam, chamando tais grupos de “campos léxicos” (p. 275), porém tratam apenas dos campos léxicos denominados “erótico-obscenos” (p. 275), subdividindo-os em oito grupos, a relação sexual, as frases da relação sexual, os parceiros, os órgãos genitais, as principais zonas erógenas, as posições, outras práticas sexuais e a prostituição.

Xatara & Oliveira (2002) organizam o léxico referente à sexualidade, considerado tabu lingüístico, o qual recebe a marca “malsonante” no DRAE (2003). Entretanto, outros campos léxicos também recebem a mesma marcação nesse dicionário. Por esse motivo, foram criados outros grupos, além daquele que se

enquadra nos campos “erótico-obscenos”. As palavras, locuções e frases malsonantes do DRAE (2003) foram agrupadas de acordo com a semelhança existente entre as mesmas em relação ao sentido que designam.

Os grupos que foram criados a partir da análise do léxico malsonante, os quais já foram apresentados na metodologia deste trabalho, são os seguintes:

- 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.
- 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.
 - a. Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva.
 - b. Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou não tolerável.
 - c. Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral.
 - d. Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais.
- 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada.
- 4 - Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica.

Nos quadros que seguem, serão apresentadas todas as acepções malsonantes do DRAE (2003), divididas de acordo com os quatro grupos mencionados.

Grupo 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.

1. camote - 12. m. malson. Pene.
2. carajo - 1. m. malson. Miembro viril.
3. cereguete - 1. m. malson. *Hond.* Cerete.
4. cerete - 1. m. malson. *Hond.* Ano de una persona.
5. chile - 3. m. coloq. malson. *El Salv., Guat. y Méx.* pene.
6. chingada - 2. f. malson. *Méx.* prostituta.
7. chingar - 2. tr. malson. Practicar el coito.
8. chorra - 2. f. malson. pene.
9. cojón - 1. m. malson. testículo.
10. concha - 13. f. vulg. malson. *Arg., Chile, Perú y Ur.* coño (parte externa del aparato genital femenino).
11. coño - 1. m. malson. Parte externa del aparato genital de la hembra.
12. dar por (el) culo - 1. frs. vulgs. malsons. Sodomizar
13. joder - 1. intr. malson. Practicar el coito. U. t. c. tr.
14. la hostia - loc. adv. vulg. malson. La leche¹⁷.
15. minga - 1. f. malson. pene.
16. picha - 1. f. malson. Miembro viril.
17. pija - 5. f. malson. pijo (miembro viril)
18. pijo - 4. m. malson. Miembro viril.
19. polla - 3. f. malson. pene.
20. tomar por (el) culo - 1. frs. vulgs. malsons. Ser sodomizado.

Quadro 14 – Grupo 1 – Palavras que designam órgãos e práticas sexuais

¹⁷ Essa palavra também pode significar sêmen, conforme a quinta acepção do verbete 'leche' do DRAE (2003).

Esse grupo reúne os itens lexicais que indicam órgãos sexuais, relações sexuais, ou seja, tudo que remete ao sexo. As palavras, locuções e frases pertencentes a esse grupo são consideradas tabus lingüísticos e são, portanto, proibidas em muitas situações de comunicação, especialmente em situações formais. O Grupo 1 abarca parte do vocabulário pertencente ao campo léxico denominado por Xatara & Oliveira (2002) de “erótico-obsceno”. Segundo as autoras, a linguagem erótica “revela a ideologia sexual da nossa sociedade” (p. 271), a qual considera imorais as palavras e expressões que fazem referência aos órgãos sexuais e ao ato sexual. O vocabulário erótico é utilizado por todos os grupos sociais para expressar sentimentos e desejos condenados pela sociedade. Já a linguagem obscena, na maioria das vezes, de acordo com Xatara & Oliveira (2002), é empregada por falantes de uma classe social menos culta e instruída, o povo. As palavras e expressões obscenas costumam ser desagradáveis para os ouvidos dos falantes mais cultos “e despudoradas para a moral da classe dominante” (p. 272). O vocabulário obsceno é, portanto, usado em uma linguagem grosseira, sem preocupação com a elegância e a boa educação.

É arriscado dizer quais dos vocábulos e expressões do Grupo 1 são eróticos e quais são obscenos. De acordo com a marcação do DRAE (2003), é possível afirmar que a palavra ‘*concha*’ e as expressões ‘*dar por (el) culo*’, ‘*tomar por (el) culo*’ e ‘*la leche*’ são utilizadas pelo povo, visto que levam a marca “vulgar”, podendo, então, segundo Xatara & Oliveira (2002), ser consideradas obscenas. As demais palavras e expressões desse grupo não recebem a marca “vulgar”, mas, ainda assim, preferimos não assumir que são eróticas, visto que não sabemos, de fato, em que classe social as mesmas costuma ser empregadas.

Os demais itens lexicais, que não pertencem ao léxico relacionado com a sexualidade, foram divididos de acordo com o sentido que designam e com as situações em que comumente são utilizados.

Grupo 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.

a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva.

1. encular - 2. prnl. coloq. malson. *El Salv., Hond. y Nic.* Enamorarse apasionadamente. Se enculó de esa mujer.

b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou intolerável.

2. a la chingada - 1. loc. Adv. malson. *El Salv. Y Méx.* A paseo. Me mandó a la chingada. ¡Váyase a la chingada!

3. a tomar por (el) culo - 1. locs. advs. vulgs. malsons. A hacer puñetas. Manda ese trabajo por culo y búscate otro.

4. cagadal - 1. m. coloq. malson. *El Salv.* Conjunto de errores o acciones malas cometidas por alguien.

5. caraja - 2. f. despect. malson. *Col., C. Rica, Hond. y Ven.* U. para suplir el nombre de una mujer que no se quiere mencionar para desvalorizarla

6. carajo - 2. m. despect. malson. *Col., C. Rica, Hond. y Ven.* U. para suplir el nombre de un hombre que no se quiere mencionar para desvalorizarlo.

7. dar por (el) culo - 2. frs. vulgs. malsons. fastidiar (enfadar).

8. jodarría - 1. f. coloq. malson. *El Salv. y Hond.* Acción reiterada de molestar a alguien.

9. jodón, na - 1. adj. malson. *Am.* Dicho de una persona: Que molesta o fastidia mucho. U. t. c. s.

10. meterse alguien algo por el culo - 1. fr. vulg. malson. U. para rechazar enfáticamente algo que generalmente se ha pedido o que ha sido ofrecido. Ahora te

metes tu dinero por el culo.

11. meterse alguien la lengua en el culo - 1. fr. vulg. malson. Tener que dejar de hablar.

12. meterse alguien la lengua en el culo - 2. fr. vulg. malson. callarse (abstenerse de manifestar lo que se siente).

13. pasarse algo por (el) culo - 1. fr. coloq. malson. Despreciarlo, desdeñarlo.

14. que me, te, le, etc., den por (el) culo -1. exprs. vulgs. malsons. que me, te, le, etc., den morcilla.

c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral.

15. ahuevar - 3. tr. malson. *Col., El Salv., Hond., Nic. y Pan.* Atontar, azorar, acobardar

16. ahuevonearse - 1. prnl. vulg. malson. *Ven.* Ahuevonarse

17. apendejar - 2. prnl. malson. *Cuba, Méx., Nic., Pan., R. Dom. y Ven.* acobardarse.

18. apendejar - 3. prnl. malson. *Col., Hond., Méx. y R. Dom.* Hacerse bobo, estúpido.

19. lamer el culo a alguien - 1. fr. vulg. malson. Adularlo servilmente para conseguir algo de él.

20. lambeculo - 1. com. vulg. malson. *Arg., Cuba, El Salv., Hond., Nic. y Ur.* Lameculos.

21. lambeculos - 1. com. coloq. vulg. malson. *Ur.* lameculos.

22. mala hostia - 1. f. vulg. malson. Mala intención.

23. no tener alguien made, o ni madre - 1. frs. coloqs. malsons. *Cuba y Méx.* Ser un sinvergüenza u observar conducta censurable.

d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais.

24. soplapollas - 1. com. malson. Persona tonta o estúpida

Quadro 15 – Grupo 2 – Palavras que designam insultos

O léxico do Grupo 2 é geralmente empregado com a intenção de ofender, de menosprezar a conduta de alguém, seja ela afetiva, moral ou social. Os itens lexicais que se enquadram nessa situação foram separados em quatro subgrupos. O primeiro

refere-se a atitudes ou ações vinculadas a conduta afetiva, apresentando apenas um vocábulo. O subgrupo (b) reúne palavras, locuções e frases que designam um tipo de conduta condenada pela sociedade, como rebaixar, menosprezar uma pessoa, chamando-a de ‘*carajo*’, por exemplo. O subgrupo (c) apresenta acepções que indicam atitudes ou ações vinculadas à conduta moral, como se acovardar, ou ainda adular alguém para conseguir algo em troca. O léxico do subgrupo (d) ofende a capacidade intelectual dos indivíduos. Há somente um vocábulo pertencente a esse subgrupo: ‘*soplapollas*’, o qual designa pessoa tonta ou estúpida.

O grupo a seguir abarca as acepções que se referem a coisas ou situações desagradáveis, que costumam envergonhar os indivíduos envolvidos nelas.

GRUPO 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada.

- | |
|---|
| <p>1. cagadal - 2. m. coloq. malson. <i>Hond.</i> alboroto (desorden).
 2. cagadal - 3. m. coloq. malson. <i>Hond.</i> Cosa mal hecha, desastre.
 3. cagadal - 4. m. coloq. malson. <i>Hond.</i> dificultad (inconveniente).
 4. cague - 1. m. malson. <i>Hond.</i> equivocación.
 5. chingadera - 2. f. malson. <i>Méx.</i> Acción ruin.
 6. chingado, da - 1. adj. malson. <i>Méx.</i> Que ha sufrido daño.
 7. con el culo al aire - 1. loc. adv. coloq. malson. En situación comprometida por haberse descubierto algo. Su actuación nos dejó con el culo al aire.
 8. de la chingada - 1. loc. adj. malson. <i>Méx.</i> pésimo. U. t. c. loc. adv.
 9. descojonarse - 1. prnl. vulg. malson. Desternillarse, troncharse de risa.
 10. descojone - 1. m. vulg. malson. descojono.
 11. descojono - 1. m. vulg. malson. Acción y efecto de descojonarse.</p> |
|---|

12. desvergue - 1. m. coloq. malson. *El Salv. y Hond.* alboroto (desorden).
13. ir de culo - 2. fr. coloq. malson. Dicho de una cosa: Ir mal o desarrollarse insatisfactoriamente. Nuestras expectativas de beneficios van de culo.
14. qué poca madre - 1. loc. interj. coloq. malson. *Méx. U.* para expresar enojo o disgusto por una acción de alguien.
15. pinche - 3. adj. despect. malson. *Méx.* Ruin (depreciable)

Quadro 16 – Grupo 3 – Palavras que indicam coisas ou situações desagradáveis

Esse grupo reúne sentidos como desordem, desastre e coisa mal feita, por exemplo, os quais representam situações que desagradam, descontentam os indivíduos. Algumas dessas situações costumam ser tão constrangedoras que, por vezes, envergonham as pessoas envolvidas. Um exemplo disso é a expressão ‘*con el culo al aire*’, empregada para fazer referência a alguma coisa comprometedora, feita por uma ou mais pessoas, que foi descoberta.

O último grupo é o que abarca o maior número de itens lexicais considerados malsonantes pelo DRAE (2003). A seguir, apresentaremos a lista de palavras, locuções e frases que fazem parte desse grupo.

GRUPO 4 – Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo, ou uma nominalização genérica.

1. ah, chingado - 1. loc. interj. malson. *Méx. U.* para expresar sorpresa o protesta.
2. a toda hostia - 1. loc. adv. vulg. malson. A toda velocidad.
3. a tomar por (el) culo - 1. locs. advs. vulgs. malsons *Muy lejos.* Lanzó el balón a

tomar por el culo.

4. cabronazo - 1. m. malson. *Méx.* Golpe fuerte.

5. chingo, ga - 8. m. malson. *El Salv., Hond. y Méx.* montón (número considerable).

6. chingadera - 3. f. malson. *Méx.* cosa (objeto).

7. chingón, na - 1. adj. malson. *Méx.* Dicho de una persona: Competente en una actividad o rama del saber. U. t. c. s.

8. chingadazo. - 1. m. malson. *Méx.* Golpe fuerte.

9. chingo, ga - 17. f. malson. *Méx.* paliza (serie de golpes).

10. chinguero, ra - 3. m. malson. *Méx.* montón (número considerable). Un chinguero.

11. confundir el culo con las témporas - 1. fr. coloq. malson. confundir la velocidad con el tocino.

12. darle a alguien en la, en toda la, o en la mera, madre - 1. frs. coloqs. malsons. *El Salv. y Méx.* Golpearlo.

13. de la hostia - 1. loc. adj. vulg. malson. Muy grande o extraordinario. Se ha comprado un coche de la hostia.

14. del copón - 1. loc. adj. vulg. malson. Muy grande, tremendo.

15. descojonante - 1. adj. vulg. malson. Tronchante, muy divertido.

16. despije - 2. m. coloq. malson. *Hond.* Pelea

17. desvergue - 2. m. coloq. malson. *Hond.* paliza (serie de golpes).

18. el copón - 1. loc. adv. vulg. malson. El colmo.

19. estar alguien hasta la madre - 1. fr. coloq. malson. *Méx.* Estar harto

20. hasta el culo - 1. loc. adj. vulg. malson. hasta las narices. Está hasta el culo de que le manden.

21. hostia - 3. f. vulg. malson. Golpe, trastazo, bofetada

22. importar a alguien madre algo - 1. fr. coloq. malson. *Méx.* No importarle.

23. ir de culo - 1. fr. coloq. malson. Dicho de una persona: estar listo.

24. madrazo - 1. m. malson. *El Salv. y Méx.* golpe (acción y efecto de golpear).

25. mojarse alguien el culo - 1. fr. coloq. malson. mojarse (comprometerse).

26. ni madre - 1. expr. coloq. malson. *Méx.* nada (ninguna cosa).

27. partirse alguien la madre - 1. fr. coloq. malson. *Méx.* Darse un golpe muy fuerte.

28. perder el culo - 1. fr. coloq. malson. Darse mucha prisa.

29. perder el culo - 2. fr. coloq. malson. Procurar algo afanosamente. Pierden el culo por aparecer en las noticias.
30. salirle a alguien algo del culo - 1. fr. vulg. malson. darle la gana.
31. vergazal - 1. m. m despije - 2. m. coloq. malson. *Hond.* Pelea
32. vergueo - 2. m. coloq. malson. *Hond.* pelea.

Quadro 17 – Grupo 4 – Palavras que designam idéias, surpresas

As palavras e expressões que pertencem a esse grupo não possuem sentidos que designam objetos de tabu (órgãos sexuais e ato sexual), ofensas, ou coisas e situações desagradáveis, mas apenas registram uma forma rude, ofensiva de expressão. Em muitos casos, não é o sentido com que uma palavra, locução ou frase está sendo utilizada que é malsonante, mas sim o sentido literal que ela recupera. Não é considerado malsonante, ou seja, proibido ou condenado socialmente, dizer que uma pessoa está pronta para algo, por exemplo, mas usar '*ir de culo*' para expressar tal sentido acaba sendo ofensivo e evitado, portanto, por pessoas cultas e, conseqüentemente, em situações formais de comunicação. Dessa forma, é possível constatar que o léxico do Grupo 4 é uma forma de expressão comumente empregada pelo povo. Podemos afirmar, de acordo com as acepções e exemplos de uso analisados, que o léxico desse grupo não é malsonante, mas, somente, vulgar, já que não possui sentidos ofensivos, proibidos ou condenados pela sociedade.

No gráfico que segue, é possível examinar o percentual das acepções malsonantes em cada um dos grupos analisados.

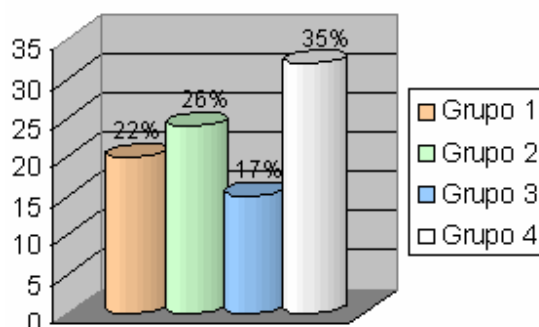


Gráfico 3 – Percentual das acepções malsonantes – DRAE (2003)

Como podemos observar, o maior número de acepções malsonantes do DRAE (2003), 35%, corresponde ao grupo 4, ou seja, marcam a forma ofensiva como um indivíduo expressa uma idéia ou demonstra uma admiração, por exemplo. Em segundo lugar, representando 26% do léxico malsonante desse dicionário, estão as palavras e expressões empregadas para menosprezar, ofender alguém. Em terceiro lugar, com 22%, aparecem as palavras, locuções e frases relacionadas a sexo (órgãos sexuais e relação sexual). Em último lugar, com 17%, se encontram os sentidos que designam coisas ou situações desagradáveis, indesejadas.

É importante salientar que os quatro grupos propostos fazem parte de uma classificação preliminar do léxico malsonante do DRAE (2003), baseada nas definições e exemplos de uso das acepções que recebem a marca “malsonante” nesse dicionário. Para compormos os quadros que foram apresentados nessa seção, retiramos a definição completa de todos os sentidos malsonantes. Por meio desses quadros, é possível observar que nem todas as acepções apresentam exemplos que ilustram seus contextos de uso, o que dificultou a classificação de algumas palavras e expressões nos grupos sugeridos. Além disso, o entendimento pessoal de alguns conceitos faz com

que certos sentidos possam ser classificados em outro grupo, diferente do grupo sugerido, ou, até mesmo, possam ser colocados em dois grupos distintos. É possível que muitas falantes entendam e usem, por exemplo, o termo '*descojonarse*' para se referir a uma situação agradável, divertida, Grupo 4; e outros utilizem o mesmo termo para designar uma situação indesejada, na qual alguém possa *descojonarse* de tanto rir, ainda que seja inconveniente, inapropriado, Grupo 3.

Por esse motivo, a classificação proposta é discutível, visto que muitos dos sentidos apresentados podem ter outros usos, não apresentados pelo DRAE (2003), contudo tal classificação é pertinente na medida em que nos faz refletir sobre os campos léxicos aos quais os vocábulos malsonantes pertencem, facilitando a análise dos mesmos em obras bilíngües escolares.

Apresentaremos, na próxima seção, o tratamento do vocabulário malsonante nas quatro obras bilíngües que constituem objeto de análise deste trabalho.

4.3 Análise das acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares examinados

Depois de feita a análise de todos os verbetes que recebem a marca "malsonante" no DRAE (2003), pesquisamos esses mesmos verbetes nas quatro obras lexicográficas bilíngües escolares examinadas nesta dissertação, com a finalidade de verificar o tratamento dado aos itens lexicais malsonantes nessas obras. Retiramos dos quatro dicionários escolares bilíngües analisados as palavras, locuções e frases que apresentam os mesmos sentidos marcados como "malsonantes" pelo DRAE (2003),

juntamente com a(s) marca(s) que as acompanha(m), a fim de se observar os tipos de combinações de marcas de uso presentes nesses dicionários. O léxico malsonante foi dividido nos quatro grupos propostos na seção 4.2, para que fosse possível observar quais os campos léxicos que apresentam maior e menor número de ocorrências, ou seja, que tipo de vocábulos malsonantes são selecionados para compor as obras lexicográficas bilíngües escolares.

É importante lembrar que os dicionários bilíngües examinados não apresentam a marca estilística “malsonante” e, na maioria das vezes, para as mesmas acepções que recebem tal marcação no DRAE (2003), esses dicionários empregam a marca “vulgar”.

As obras lexicográficas bilíngües escolares, como já dissemos no primeiro capítulo deste trabalho, fornecem um número de verbetes muito inferior ao das obras monolíngües. Os dicionários bilíngües utilizados em contextos pedagógicos oferecem o vocabulário básico da língua, isto é, o léxico considerado fundamental para qualquer tipo de comunicação. De acordo com as apresentações desses dicionários, a seleção dos verbetes que compõem suas macroestruturas é feita com base na frequência de uso.

Devido ao menor número de verbetes das obras bilíngües, é de se esperar que as mesmas ofereçam bem menos acepções malsonantes que o DRAE (2003).

No quadro que segue, é possível observar o número de sentidos malsonantes que cada uma dessas obras apresentam.

Michaelis (2002)	(6 palavras) 6 acepções total = 6 acepções
FTD (1998)	(9 palavras) 9 acepções (2 expressões) 2 acepções total = 11 acepções
Ática (2004)	(7 palavras) 7 acepções (1 expressão) 1 acepção total = 8 acepções
Santillana (2005)	(7 palavras) 7 acepções (1 expressão) 1 acepção total = 8 acepções

Quadro 18 – Número de acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares

O dicionário que apresenta mais acepções malsonantes é o FTD (1998), embora ofereça um menor número de verbetes que as outras três obras, como já dissemos.

As obras bilíngües analisadas apresentam praticamente as mesmas marcações para indicar o léxico malsonante em seus verbetes. O Michaelis (2002) utiliza somente a marca “vulgar” [vulg.]. O FTD (1998) não emprega marcas estilísticas em seus verbetes, porém oferece marcações geográficas [geográfica(s)]. Já o Ática (2004) emprega dois tipos de marcações para os verbetes analisados: “vulgar” [vulg.] e “vulgar” seguida de marca(s) geográfica(s) [vulg. + geográfica(s)]. O Santillana (2005) também utiliza “vulgar” [vulg.] e “vulgar” acompanhada de marca(s) geográfica(s) [vulg.+ geográfica(s)].

A título de ilustração, foram listadas as ocorrências das marcações que acompanham os sentidos malsonante nessas obras.

Dicionários	Marcas	Ocorrências
Michaelis (2002)	[vulg.]	6
FTD (1998)	[geográfica(s)]	1
Ática (2004)	[vulg.]	6
	[vulg. + geográfica(s)]	1
Santillana (2005)	[vulg.]	5
	[vulg. + geográfica(s)]	1

Quadro 19 – Marcas empregadas para indicar acepções malsonantes nos dicionários bilíngües escolares.

É claro que o número de acepções malsonantes não coincide com o número de marcações empregadas nessas acepções, visto que o FTD (1998) não fornece marcas estilísticas e, além disso, nem todos os sentidos considerados malsonantes para o DRAE (2003) recebem algum tipo de marcação nas obras lexicográficas bilíngües escolares analisadas. Isso ocorre, por exemplo, com a expressão '*dar o tomar por culo*', a qual não recebe marca de uso no Ática (2004), e com a palavra '*chingar*', que não recebe nenhuma marcação no Santillana (2005).

As palavras e expressões malsonantes do DRAE (2003) encontradas nas quatro obras bilíngües examinadas foram divididas, conforme os grupos apresentados na seção 4.2. Quando essas obras não apresentam nenhuma acepção que se refira a um dos grupos, utilizamos o símbolo Ø.

Primeiramente, apresentaremos a classificação dos sentidos malsonantes do Michaelis (2002).

Dicionário Michaelis (2002)

<p>Grupo 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. carajo - m. 1. vulg caralho. 2. cojón - m. 2. vulg colhão. 3. coño - m. 2. vulg. xoxota. 4. joder - <i>vi</i> 1. vulg foder. 5. picha - f. vulg pica, pinto, pau, caralho.
<p>Grupo 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva. Ø b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou intolerável. Ø c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral. Ø d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais. Ø
<p>Grupo 3 Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. descojonarse - v. vulg perder os colhões, desconjuntar-se.
<p>Grupo 4 – Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica. Ø</p>

Quadro 20 – Classificação das acepções malsonantes - Michaelis (2002)

Esse dicionário apresenta sentidos malsonantes que se enquadram apenas nos Grupos 1 e 3. É necessário salientar que o Michaelis (2002) registra também, como entradas lexicais, as palavras ‘*camote*’, ‘*concha*’, ‘*hostia*’, ‘*lengua*’, ‘*madre*’, ‘*pinche*’ e ‘*pollo*’, contudo não fornece os sentidos malsonantes dessas palavras e das expressões

formadas a partir das mesmas em seus respectivos verbetes. Por esse motivo, essas palavras não constam em nenhum dos grupos apresentados.

No próximo quadro, podemos observar os vocábulos malsonantes encontrados no FTD (1998).

Dicionário FTD (1998)

Grupo 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.

1. carajo - caralho.
2. chingar - v. realizar ato sexual.
3. cojón - m. testículo, colhão.
4. concha - f. *Amér.*, vulva.
5. coño - m. vulva, parte externa da genitália feminina.
6. dar/ tomar por culo - dar ou tomar no cu.
7. joder - v foder, praticar o coito, relação sexual.
8. pijo/a - m. pênis.
9. pollo - m. caralho.

Grupo 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.

- a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva. Ø
- b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou intolerável. Ø
- c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral.
 1. lamer el culo (a alguien) - puxar o saco de alguém.
- d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais. Ø

Grupo 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada. Ø

Grupo 4 - Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém,

mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica.

1. hostia - f. bofetão, tapa.

Quadro 21 – Classificação das acepções malsonantes - FTD (1998)

O FTD (1998) possui acepções malsonantes que pertencem aos Grupos 1, 2 (c) e 4. Esse dicionário apresenta os verbetes das palavras ‘*carajo*’, ‘*chile*’, ‘*copón*’, ‘*lengua*’, ‘*madre*’ e ‘*pinche*’, mas não informa os seus sentidos malsonantes. É importante lembrar que essa obra não apresenta marcas de uso estilísticas em seus verbetes, somente marcações geográficas.

Vejamos agora a classificação das acepções malsonantes no *Ática* (2004).

Dicionário *Ática* (2004)

Grupo 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.

1. carajo - m. 1. vulg. Caralho.
2. chingar - v.t. 4. vulg. Fornicar.
3. cojón - m. vulg. Testículo
4. concha - f. 3. vulg. Arg. Órgão sexual feminino.
5. coño m. vulg. 1. Cono, vulva.
6. dar/tomar por el culo. Dar ou tomar no cu.
7. joder - v.t. vulg. 1. Foder, copular.
8. pollo - m. vulg. Pênis.

Grupo 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.

- a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva. Ø

b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou intolerável. Ø
c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral. Ø
d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais. Ø
Grupo 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada. Ø
Grupo 4 - Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica. Ø

Quadro 22 – Classificação das acepções malsonantes - Ática (2004)

O Ática (2004) oferece sentidos malsonantes que se encaixam apenas no Grupo 1. Essa obra apresenta os verbetes das palavras ‘*camote*’, ‘*chile*’, ‘*lengua*’ e ‘*madre*’, sem informar suas acepções malsonantes.

Finalmente, no quadro abaixo, temos as palavras malsonantes encontradas na última obra lexicográfica examinada: o Santillana (2005).

Dicionário Santillana (2005)

Grupo 1 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de atingir a dignidade sexual de alguém, quer em relação aos órgãos sexuais, quer em relação ao comportamento sexual do indivíduo.
1. carajo - m. 1. vulg. Órgão sexual masculino.
2. chingar - v. 4. Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo.
3. concha - f. 2. vulg. <i>Amér.</i> O órgão sexual feminino. É vocábulo chulo.
4. coño - m. <i>interj.</i> vulg. Parte externa do órgão genital feminino. É vocábulo chulo.
5. joder - v. 1. vulg. Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo.
6. polla - m 2. vulg. Ver pene. É vocábulo chulo.
Grupo 2 - Palavras, locuções e frases utilizadas com a intenção de designar

tipificação, aversão ou menosprezo de condutas afetivas, morais, sociais, etc.

a) Atitudes ou ações vinculadas à conduta afetiva. Ø

b) Atitudes ou ações vinculadas à conduta social inaceitável ou intolerável.

c) Atitudes ou ações vinculadas à conduta moral. Ø

1. lamer el culo. vulg. Puxar o saco. É expressão chula.

d) Atitudes ou ações vinculadas a juízos ofensivos das capacidades intelectuais. Ø

Grupo 3 - Palavras, locuções e frases que expressam coisa ou situação vergonhosa ou indesejada. Ø

Grupo 4 - Palavras, locuções e frases que não veiculam traços ofensivos a alguém, mas que marcam a forma ofensiva com que um indivíduo expressa uma idéia, uma admiração, uma surpresa, um entusiasmo ou uma nominalização genérica.

1. hóstia f. 2. vulg. Golpe com a mão aberta. Bofetada.

Quadro 23 – Classificação das acepções malsonantes - Santillana (2005)

Nessa obra, foram encontradas acepções malsonantes que pertencem aos Grupos 1, 2 (c) e 4. Esse dicionário fornece, em sua macroestrutura, os verbetes dos vocábulos '*chile*,' '*lengua*' e '*pinche*', sem listar os sentidos malsonantes dos mesmos.

No gráfico que segue, é possível observar o percentual de palavras e expressões malsonantes encontradas, em cada um dos grupos propostos, nas quatro obras lexicográficas bilíngües escolares analisadas.

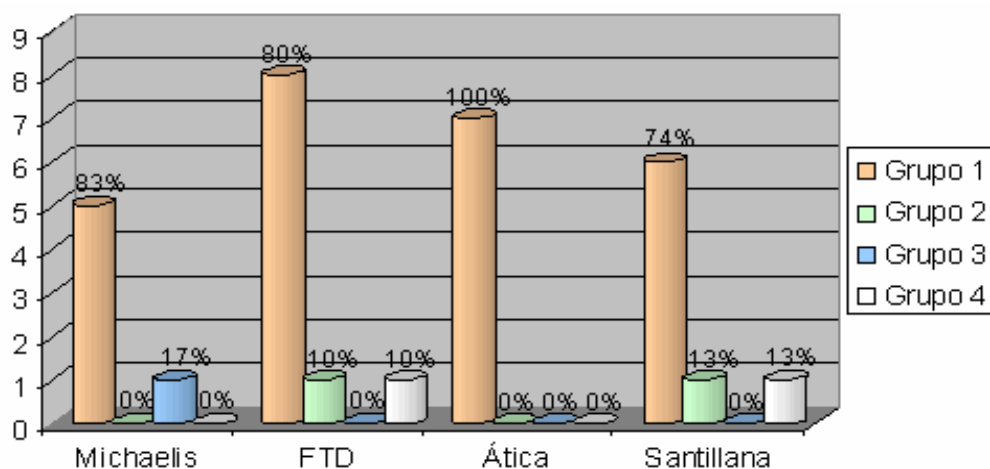


Gráfico 4 - Percentual de acepções malsonantes em dicionários bilíngües

Diferentemente do que ocorre no DRAE (2003), nas obras bilíngües escolares examinadas nesta dissertação, o Grupo 1 é o que apresenta o maior número de palavras e expressões malsonantes; os Grupos 2, 3 e 4, juntos, representam menos da metade de tais palavras e expressões nessas quatro obras.

Os dicionários em questão preocupam-se mais em fornecer as acepções malsonantes que se referem aos órgãos sexuais e ao ato sexual, marcando-as, na maioria das vezes, como vulgares. Dentre essas acepções, apresentam, quase sempre, aquelas que, no DRAE (2003), não recebem marcas geográficas, ou seja, os dicionários bilíngües, geralmente, tratam daquilo que é malsonante para todos os países de língua espanhola, não incorporando palavras e expressões restritas a um ou a alguns países somente¹⁸. A escolha dessas palavras e expressões malsonantes (comum à maioria dos países de idioma espanhol), obedece aos critérios adotados pelos dicionários examinados para a seleção do léxico descrito: a frequência de uso. O

¹⁸ Com a exceção da palavra *concha*, que três das obras apresentam, contudo, duas delas utilizam a marca “América” e uma a marca “Argentina”.

objetivo das obras bilíngües, como já mencionamos, é fornecer o vocabulário básico de uma língua, e não descrevê-lo exaustivamente, como fazem as obras monolíngües em geral.

Contudo, os dicionários bilíngües escolares falham na medida em que quase não fornecem palavras e expressões pertencentes aos Grupos 2, 3 e 4, pois as mesmas são muito utilizadas por falantes de língua espanhola, como podemos observar em filmes, músicas e jogos de futebol, por exemplo. E, já que o critério para a inserção de vocábulos em obras lexicográficas bilíngües é a freqüência de uso, termos que designam, insultos, (Grupo 2); indicam coisas ou situações desagradáveis (Grupo 3); ou, ainda, indicam uma idéia ou uma surpresa, dita de forma ofensiva (Grupo 4), deveriam fazer parte de tais obras.

Além de não fornecerem um léxico comumente utilizado por falantes de espanhol (Grupos 2, 3 e 4), as obras bilíngües examinadas pecam em relação ao tratamento do vocabulário malsonante apresentado (Grupo 1), visto que o marcam com “vulgar”, não especificando os contextos de uso; informação essencial para o aprendiz de língua espanhola. Como foi dito no segundo capítulo, a marca “vulgar”, no DRAE (2003), abarca três conjuntos de palavras. Estamos assumindo, de acordo com o que expomos na seção 2.3, que a o léxico malsonante faz parte de uma deles, sendo, portanto, necessariamente vulgar. Porém, nem tudo o que é considerado vulgar é malsonante. Nesse sentido, ao empregarem somente a marca “vulgar” para indicarem sentidos relacionados a órgãos sexuais e ao ato sexual, os dicionários analisados acabam fornecendo uma informação incompleta.

Com base nessas constatações, acerca do tratamento do léxico malsonante nos dicionários bilíngües escolares analisados, entendemos que o sistema de marcas

de uso estilísticas para tratar desse léxico necessita ser repensado. Por esse motivo, na próxima seção, apresentaremos uma proposta preliminar de sistematização de algumas marcações estilísticas empregadas para especificar os contextos de uso do léxico malsonante nas obras bilíngües utilizadas por aprendizes de espanhol.

4.4 Uma proposta de marcação para o léxico malsonante na microestrutura de dicionários bilíngües escolares espanhol-português

Nossa sugestão para a marcação do léxico malsonante, em obras bilíngües destinadas a aprendizes de língua espanhola, fundamenta-se no estudo sobre a marca de uso “vulgar”, realizado por Garriga (1994), o qual apresentamos na seção 2.3. De acordo com esse autor, a marcação “vulgar” no DRAE (1992) é utilizada em três conjuntos de itens lexicais. O primeiro conjunto apresentado por ele reúne palavras e expressões que indicam objetos de tabu, ofensas, insultos, etc., sendo, portanto, proibidas pela sociedade e evitadas em muitas situações de comunicação, ou seja, esse conjunto é composto pelo léxico malsonante. Dessa forma, consideramos que as palavras, locuções e frases marcadas como “malsonante” no DRAE (2003) fazem parte de uma linguagem vulgar, ainda que esse dicionário não utilize a marcação “vulgar” para indicar todas elas.

Por esse motivo, empregaremos, em nossa proposta, a marca “vulgar” para apontar os sentidos malsonantes, porém não utilizaremos somente essa marca, como fazem os dicionários bilíngües escolares analisados, porque “vulgar” também abarca outros sentidos que não são malsonantes. Adotaremos, então, outras marcações:

“malsonante” e “despectivo”, com a finalidade de especificar os contextos de uso do léxico malsonante na microestrutura de obras lexicográficas bilíngües escolares espanhol-português.

É importante salientar que a primeira sugestão às obras bilíngües analisadas é a incorporação das acepções dos Grupos 2, 3 e 4 em seus verbetes, visto que os sentidos das palavras e expressões referentes a esses grupos são utilizados com freqüência pelos falantes de espanhol, constituindo, pois, uma importante informação para o consulente. Em vista disso, iremos propor combinações de marcas estilísticas tanto para o Grupo 1, que é predominante nas quatro obras examinadas, quanto para os demais grupos.

As palavras e expressões do Grupo 1, o mais significativo dentro dos dicionários bilíngües observados, e do Grupo 3 poderiam ser marcadas como a combinação de “vulgar” e “malsonante” [vulg. + malson.], o que indica que as acepções de tais grupos, além de serem utilizadas pelo povo, são malsonantes, ou seja, proibidas e condenadas pela sociedade, como no caso de *‘dar por culo’* y *‘cagadal’*.

Já as palavras, locuções e frases do Grupo 2, poderiam receber dois tipos de combinações de marcações: a primeira é [vulg. + malson.], para indicar as acepções que designam atitudes não aceitas pela sociedade simplesmente, como *‘jodarría’* (incomodar alguém); a segunda é [vulg. + malson. + despec.], para indicar todo o tipo de termo empregado para menosprezar, rebaixar um indivíduo, como *‘lambeculo’* (puxa-saco) ou *‘soplapollas’* (pessoa tonta, estúpida), por exemplo.

Os itens lexicais do Grupo 4, por sua vez, como não designam sentidos que são proibidos e evitados pela sociedade, como já dissemos na seção 4.2, deveriam, então, ser marcados somente como “vulgar”, como é o caso de *‘del copón’* e *‘a toda la hostia’*.

A proposta para o tratamento do léxico malsonante em obras bilíngües escolares que contrastam a língua espanhola com a língua portuguesa pode ser observada no quadro que segue.

Tipo de léxico	Marcações sugeridas
Léxico do Grupo 1	[vulg. + malson.]
Léxico do Grupo 2	[vulg. + malson.] e [vulg. + malson. + despec.]
Léxico do Grupo 3	[vulg. + malson.]
Léxico do Grupo 4	[vulg.]

Quadro 24 – Proposta de marcação para a microestrutura dos dicionários bilíngües escolares

Como pode ser observado, esse sistema de marcações foi elaborado a partir das marcas estilísticas do DRAE (2003), ou seja, são marcações da língua espanhola que devem ser utilizadas na primeira parte das obras bilíngües (espanhol-português) e não na segunda (português-espanhol). A segunda parte dessas obras deve apresentar um sistema de marcações da língua portuguesa. Infelizmente, não é o que ocorre com os dicionários analisados, pois eles apresentam o mesmo sistema de marcas de uso tanto para as entradas em espanhol como para as entradas em português, cometendo um grande equívoco, na medida em que tratam de dois idiomas, duas culturas e, portando, de usos distintos, ainda que o sentido dos vocábulos desses idiomas seja semelhante.

É importante salientar que qualquer proposta de sistematização de marcas estilísticas deve ser explicada na apresentação da obra que a adota, visto que os

usuários precisam saber as definições das marcas utilizadas, bem como o objetivo com que estão sendo empregadas nos verbetes dos dicionários que consultam.

Na próxima seção, mostraremos alguns verbetes que possuem acepções malsonantes, bem como a sugestão de marcação para essas acepções nos quatro dicionários bilíngües que constituem objeto de estudo deste trabalho.

4.4.1 APLICAÇÃO DA PROPOSTA A ALGUNS VERBETES DOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES ESCOLARES EXAMINADOS

Nesta seção, apresentaremos verbetes exemplificativos de palavras pertencentes aos Grupos 1, 2c, 3 e 4, com a finalidade de evidenciar a proposta de marcação nos quatro dicionários bilíngües escolares que foram analisados. É importante ressaltar que, como dissemos na seção 4.3, nenhum dos dicionários examinados fornece palavras e expressões que pertençam aos subgrupos 2a, 2b e 2d.

Grupo 1

Selecionamos, para ilustrar nossa proposta de marcação para o Grupo 1, aquele que engloba palavras que designam órgãos e práticas sexuais, o verbe de '*carajo*'. A seguir, apresentamos esse verbe nas quatro obras bilíngües escolares analisadas, bem como a sugestão de marcação para a acepção malsonante de '*carajo*' em cada uma dessas obras.

O verbete ‘*carajo*’ é assim marcado nos dicionários examinados nesta dissertação:

Michaelis

carajo m. 1. *vulg.* caralho. 2. fam. caramba!, expressa enfado, impaciência. Importar um carajo. Não ligar a mínima. Irse al carajo. Ir por água abaixo (alguma coisa), fracassar. Mandar al carajo. Rechaçar ou desentender-se com alguém.

FTD

¡carajo!, 1. interj., denota raiva, zanga, ofensa, espanto, equivale a: porra! Irse al carajo. Vai se estrepar. Mandar al carajo. Mandar para o inferno. Importar um carajo. Não dar a mínima. 2. Equivale também a: caralho!

Ática

carajo m. 1. *vulg.* Caralho. 2. col. Caramba. Importar un carajo. Não ligar a mínima. Irse al carajo. 1. Desandar, estragar tudo. 2. Ir embora.

Santillana

Carajo m. 1. *vulg.* Órgão sexual masculino. É vocábulo chulo. Interj. 2. *vulg.* Indica raiva ou surpresa. É expressão chula.

Os três dicionários que empregam marcas de uso estilísticas em sua microestrutura, para as palavras e expressões do Grupo 1, utilizam apenas a marca “vulgar”, como é possível observar nos verbetes da palavra ‘*carajo*’. Nenhuma das obras bilíngües analisadas alerta para o uso malsonante dessa palavra. Sendo assim,

no quadro a seguir, reescrevemos as definições de ‘*carajo*’ utilizando a nossa proposta de marcação.

<p>Michaelis</p> <p>carajo m. 1. vulg. malson. caralho. 2. fam. caramba!, expressa enfado, impaciência. Importar um carajo. Não ligar a mínima. Irse al carajo. Ir por água abaixo (alguma coisa), fracassar. Mandar al carajo. Rechaçar ou desentender-se com alguém.</p>
<p>FTD</p> <p>¡carajo!, 1. interj., denota raiva, zanga, ofensa, espanto, equivale a: porra! Irse al carajo. Vai se estrear. Mandar al carajo. Mandar para o inferno. Importar um carajo. Não dar a mínima. 2. vulg. malson. equivale também a: caralho!</p>
<p>Ática</p> <p>carajo m. 1. vulg. malson. Caralho. 2. col. Caramba. Importar un carajo. Não ligar a mínima. Irse al carajo. 1. Desandar, estragar tudo. 2. Ir embora.</p>
<p>Santillana</p> <p>carajo m. 1. vulg. malson. Órgão sexual masculino. É vocábulo chulo. Interj. 2. <i>vulg.</i> Indica raiva ou surpresa. É expressão chula.</p>

Quadro 25 - Proposta de marcação para verbetes do Grupo 1

A combinação sugerida [vulg. + malson.] informa aos aprendizes de língua espanhola que ‘*carajo*’, além de ser de uso vulgar, é também malsonante, já que designa um tabu lingüístico.

Através da observação dessa proposta, é possível notar as seguintes vantagens: uniformização de marcação para a aceção malsonante de ‘*carajo*’ nas obras examinadas e especificação dos contextos de uso da aceção em questão, fornecida por meio da combinação das marcas “vulgar” e “malsonante”. Dessa forma, o consulente saberá que a palavra ‘*carajo*’, além de pertencer a uma linguagem vulgar, deve ser evitada em muitas situações de comunicação, sob pena de reprovação social.

Grupo 2

Sugerimos, para esse grupo, dois tipos de marcações: [vulg. + malson] e [vulg. + malson. + despec.]. O primeiro propõe-se a marcar palavras e expressões que indicam atitudes que não são aceitas pela sociedade, como *'ahuevar'* ou ter *'mala hostia'*, por exemplo, porém os dicionários examinados não apresentam esse tipo de palavras e expressões. O segundo tipo de marcação indica que certos itens lexicais são utilizados para ofender indivíduos, como a expressão *'lamer el culo'*, único exemplo de insulto malsonante encontrado nos dicionários analisados.

Apresentamos, a seguir, dois verbetes de *'culo'* com o intuito de propor a marcação para *'lamer el culo'*, único item lexical pertencente ao subgrupo 2c encontrado nas obras bilíngües examinadas. É importante ressaltar que apenas duas dessas obras apresentam tal expressão, as demais não fornecem palavras ou expressões que se encaixam em nenhum dos subgrupos do Grupo 2.

FTD

Culo m. 1. extremidade ou parte inferior e traseira. 2. nádegas, bunda, cu. 3. resto de bebida que fica no fundo de garrafas, copos, taças ou xícaras, nesta acepção normalmente é usado no diminutivo. Culo de mal asiento. Pessoa irrequieta que não tem parada. Culo de vaso. Pedra falsa que imita uma preciosa. Caer de culo. 1. Grande espanto 2. cair pra trás. Dar/ tomar por culo. Dar ou tomar no cu. ¡Métetelo en el culo! Enfia no cu. ¡Qué culo! Que rabo!, que sorte! Lamer el culo [alguien]. Puxar o saco de alguém.

Santillana

Culo m. *vulg.* Ver ano. É vocábulo chulo. Caerse de culo. Ficar impressionado e sem razão diante de algo inesperado. Cair de quatro. Culo de botella. Fundo da garrafa. Lamer el culo. *vulg.* Puxar o saco. É expressão chula.

Como podemos observar, nesses verbetes, os dois dicionários não fornecem informações suficientes para o usuário. O FTD, como já mencionamos anteriormente, não apresenta marcações estilísticas em seus verbetes e o Santillana utiliza apenas “vulgar” para marcar a expressão ‘*lamer el culo*’. O aprendiz de língua espanhola precisa ser informado de que tal expressão é malsonante e costuma ser empregada como ofensa.

No quadro abaixo, apresentamos a proposta de marcação para as palavras e expressões que se encaixam no subgrupo 2c.

<p>FTD</p> <p>Culo m. 1. extremidade ou parte inferior e traseira. 2. nádegas, bunda, cu. 3. resto de bebida que fica no fundo de garrafas, copos, taças ou xícaras, nesta acepção normalmente é usado no diminutivo. Culo de mal asiento. Pessoa irriquieta que não tem parada. Culo de vaso. Pedra falsa que imita uma preciosa. Caer de culo. 1. Grande espanto 2. cair pra trás. Dar/ tomar por culo. <i>vulg.</i> malson. Dar ou tomar no cu. ¡Métetelo en el culo! Enfia no cu. ¡Qué culo! Que rabo!, que sorte! Lamer el culo [alguien]. vulg. malson. despec. Puxar o saco de alguém.</p>
<p>Santillana</p> <p>Culo m. <i>vulg.</i> Ver ano. É vocábulo chulo. Caerse de culo. Ficar impressionado e sem razão diante de algo inesperado. Cair de quatro. Culo de botella. Fundo da garrafa. Lamer el culo. vulg. malson. despec. Puxar o saco. É expressão chula.</p>

Quadro 26 - Proposta de marcação para verbetes do Grupo 2

A marcação sugerida [*vulg.* + *malson.* + *despec.*] indica que a expressão de uso vulgar ‘*lamer el culo*’, além de ser malsonante, é utilizada como insulto pelos falantes do

espanhol, informação importante para os estudantes desse idioma. O propósito da combinação dessas três marcas é restringir os contextos de uso da expressão em questão.

Grupo 3

Para exemplificar a marcação sugerida para o Grupo 3, das palavras e expressões que designam situações vergonhosas, apresentamos o verbete da palavra ‘*descojonarse*’. Essa é a única palavra que designa situação vergonhosa, presente somente no Michaelis. Os demais dicionários não fornecem vocábulos pertencentes a esse grupo.

Apresentamos, abaixo, o verbete do vocábulo ‘*descojonarse*’, retirado do Dicionário Michaelis, para mostrar sua marcação de uso.

Michaelis

Descojonarse v. *vulg.* perder os colhões, desconjuntar-se. *Descojonarse* de risa. Mijar de rir.

Como podemos observar, o Michaelis utiliza, para indicar o uso da palavra ‘*descojonarse*’, somente a marca “vulgar”. O aprendiz de língua espanhola é informado de que essa palavra pertence a uma linguagem vulgar, porém não sabe que a mesma possui um sentido malsonante.

No quadro que segue, sugerimos a marcação para os itens lexicais que pertencem ao Grupo 3.

Michaelis

Descojonarse v. **vulg. malson.** perder os colhões, desconjuntar-se. Descojonarse de risa. Mijar de rir.

Quadro 27 - Proposta de marcação para verbetes do Grupo 3

Propomos a combinação [vulg. + malson.] para indicar o uso malsonante dessa palavra, visto que ela indica uma situação vergonhosa remetendo-nos a colhões, que é um objeto de tabu. A marcação sugerida fornece uma informação mais completa acerca da situação de comunicação em que o vocábulo *'descojonarse'* é empregado.

Grupo 4

Para ilustrar nossa proposta de marcação para o Grupo 4, das palavras que designam idéias e surpresas, apresentamos o verbete de *'hostia'*, única palavra pertencente a esse grupo encontrada em apenas duas das obras bilíngües analisadas.

A seguir, apresentamos como o verbete *'hostia'* é marcado, em sua acepção considerada malsonante para o DRAE (2003), nos dicionários FTD e Santillana.

FTD

Hostia f. 1. hóstia. 2. bofetão, tapa. 3. batida, choque.

Santillana

Hostia f. 1 Rel. Peça delgada e redonda de pão ázimo que se consagra para comunhão dos cristãos católicos. Hóstia. 2. *vulg.* Golpe com a mão aberta. Bofetada. Dar uma(s) / de hóstia(s). Descer a mão. ¡Hostia! Indica surpresa, assombro, admiração. Jesus!

Como já dissemos, o FTD não fornece marcas de uso estilísticas. Já o Santillana utiliza a marcação “vulgar” para a segunda acepção de ‘*hostia*’, marcada como malsonante pelo DRAE (2003). O Dicionário Santillana emprega uma marcação que está de acordo com nossa proposta, visto que, diferentemente do DRAE (2003), não consideramos malsonantes os itens lexicais que pertencem ao Grupo 4, já que os mesmos não possuem sentidos que chocam, que escandalizam, como é o caso das palavras que designam órgãos e práticas sexuais, das palavras utilizadas como insultos e das palavras que designam situações vergonhosas.

No quadro abaixo, apresentamos a sugestão de marcação para as palavras e expressões do Grupo 4.

<p>FTD</p> <p>Hostia f. 1. hóstia. 2. vulg. bofetão, tapa. 3. batida, choque.</p>
<p>Santillana</p> <p>Hostia f. 1 Rel. Peça delgada e redonda de pão ázimo que se consagra para comunhão dos cristãos católicos. Hóstia. 2. vulg. Golpe com a mão aberta. Bofetada. Dar uma(s) / de hóstia(s). Descer a mão. ¡Hostia! Indica surpresa, assombro, admiração. Jesus!</p>

Quadro 28 - Proposta de marcação para verbetes do Grupo 4

Como as palavras desse grupo não possuem sentidos malsonantes, mas apenas representam uma forma ofensiva de expressão, conforme mencionamos na

seção 4.2, a marca de uso sugerida é “vulgar”. O Dicionário Santillana já utiliza a marcação que julgamos ser adequada para a segunda acepção de ‘*hostia*’.

Nossa proposta de marcação constitui uma tentativa de uniformizar o tratamento das marcas de uso em obras lexicográficas bilíngües, especialmente das marcas que acompanham o léxico malsonante nos dicionários bilíngües escolares, na macroestrutura espanhol-português.

Essa é uma proposta preliminar, nossa intenção foi mostrar a falta de uma teoria lexicográfica que trate das marcas de uso nos dicionários. O objetivo deste trabalho foi repensar o tratamento das informações relativas ao uso lingüístico dentro de dicionários bilíngües escolares, através de uma proposta de sistematização de algumas marcas de uso, em especial das marcas “vulgar”, “malsonante” e “*despectivo*”, que podem ser empregadas para especificar o léxico malsonante na microestrutura de obras bilíngües destinadas a aprendizes de língua espanhola.

Acreditamos que o próximo passo para repensar o tratamento das informações sobre o uso lingüístico em dicionários bilíngües escolares que contrastam o espanhol e o português é analisar a marcação do léxico malsonante na direção contrária, ou seja, na macroestrutura português-espanhol desses dicionários. Infelizmente, os dicionários analisados oferecem a mesma marcação do léxico malsonante da língua espanhola para os equivalentes em português, isto é, as marcas empregadas na macroestrutura espanhol-português são idênticas às marcas que acompanham os equivalentes na macroestrutura português-espanhol. É importante propor uma marcação distinta para as duas macroestruturas, pois estamos diante de culturas diferentes e, portanto, de contextos de uso distintos.

Neste capítulo, na seção 4.1, definimos a marca malsonante e mostramos seu emprego no DRAE (2003). Posteriormente, analisamos as palavras e expressões malsonantes do DRAE (2003) e de quatro obras bilíngües escolares (seções 4.2 e 4.3), com a finalidade de propor uma nova forma de tratamento para o léxico malsonante na microestrutura de um dicionário bilíngüe escolar espanhol-português, sugestão que foi apresentada na seção 4.4. e ilustrada na seção 4.4.1. É claro que essa é uma proposta preliminar, baseada no DRAE (2003), isto é, nos sentidos malsonantes dessa obra e nas definições e exemplos de usos dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos a análise do tratamento dos itens lexicais malsonantes no DRAE (2003) e em dicionários bilíngües escolares que contrastam o espanhol com o português. Nosso objetivo foi propor, com base nessa análise, uma nova forma de sistematização de algumas marcações para especificar os contextos de uso do léxico malsonante na microestrutura de dicionários bilíngües escolares espanhol-português.

Para alcançarmos nosso objetivo, inicialmente, no Capítulo 1, localizamos esta dissertação no âmbito dos estudos lexicais, mostrando que esta é uma pesquisa metalexigráfica que pretende contribuir para a organização da microestrutura de obras lexicográficas, especialmente, bilíngües. Posteriormente, apresentamos algumas informações importantes acerca do fazer lexicográfico, como a delimitação do usuário, bem como a finalidade de algumas obras. Centramos nosso estudo nos dicionários bilíngües, mais precisamente naqueles chamadas por Schmitz (2001, p. 165) de “dicionários bilíngües tradicionais”, ou seja, que não apresentam definições em seus verbetes, fornecendo apenas equivalentes.

No Capítulo 2, apresentamos uma discussão acerca da importância das marcas de uso nos verbetes de obras lexicográficas monolíngües e bilíngües. Definimos a categoria de marcas estilísticas nos termos de Strehler (1997), isto é, “marcas que caracterizam primordialmente a variação lingüística vertical”, explicando que nosso objeto de estudo, a marca “malsonante”, insere-se nessa categoria. Listamos as marcas estilísticas que constam nos verbetes de dicionários monolíngües de português e de espanhol, com a finalidade de compreender como essas marcas são transpostas para os dicionários bilíngües escolares que contrastam esses dois idiomas. Ao final desse capítulo, apresentamos a relação entre as marcas estilísticas “vulgar” e “malsonante”. Com base em Garriga (1994), assumimos que o léxico de uso vulgar abarca o léxico malsonante, isto é, todas as palavras e expressões malsonantes são, necessariamente, vulgares; mas nem todas as vulgares designam sentidos malsonantes. Nossa proposta para o tratamento do léxico malsonante em obras lexicográficas escolares que descrevem o espanhol e o português foi construída com base na relação existente entre essas duas marcações.

No Capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a seleção das obras lexicográficas examinadas, bem como para a constituição do *corpus*, explicitando os critérios de recolha e organização dos itens lexicais malsonantes, para, finalmente, chegarmos à análise dos mesmos, exposta no Capítulo 4.

No Capítulo 4, primeiramente, analisamos as palavras, locuções e frases que recebem a marca “malsonante” no DRAE (2003), dividindo-as em quatro campos léxicos, de acordo com os sentidos que designam. Posteriormente, as mesmas foram analisadas nos quatro dicionários bilíngües escolares selecionados, sendo classificadas nos mesmos grupos propostos para o DRAE (2003). Constatamos que as obras

bilíngües examinadas apresentam, predominantemente, o léxico malsonante pertencente ao primeiro grupo, ou seja, ao grupo que reúne palavras e expressões que fazem referência a tabus lingüísticos, como órgãos sexuais e relações sexuais. Os demais grupos de vocábulos marcados como “malsonantes” pelo DRAE (2003) não são contemplados nas obras bilíngües em questão. O que constitui uma falha dessas obras, visto que vocábulos que designam atitudes condenadas pela sociedade, menosprezo a um indivíduo, ou, ainda, situações desagradáveis e vergonhosas são muito empregados por falantes de espanhol e devem ser, portanto, identificados por aprendizes desse idioma. Verificamos, ainda, que as palavras e expressões que correspondem ao Grupo 1, as mais freqüentes nas obras bilíngües escolares examinadas, são marcadas apenas como “vulgar”, ou seja, o aprendiz pode não ter idéia que o vocábulo que está aprendendo é considerado um tabu lingüístico, sendo proibido pela sociedade, visto que a marcação “vulgar” não carrega esse sentido. Pelas razões expostas, elaboramos uma proposta para marcar as palavras e expressões malsonantes em dicionários bilíngües escolares espanhol-português. Tal proposta consiste em incorporar, na microestrutura dessas obras, a marca “malsonante” combinando-a com a de “vulgar” e a de “despectivo”, com a finalidade de caracterizar o léxico malsonante, visto que os usos desse léxico constituem uma informação importante para os aprendizes de língua espanhola, já que seus sentidos são proibidos e condenados pela sociedade.

Esperamos que este trabalho contribua para a organização das informações sobre o uso da língua nos verbetes das obras lexicográficas. Os dados acerca do uso são essenciais para o aprendizado de uma língua e, por esse motivo, devem ser repensados no âmbito lexicográfico, sobretudo em dicionários bilíngües.

REFERÊNCIAS

BALLESTERO-ALVAREZ, M. Esmeralda & VALVAS, Marcial Soto. **Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol**. São Paulo: FTD, 1998.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORGES, Carla Elsuffi. **De Inusitatis Praepositionibus: Um Estudo das Preposições Essenciais em Textos Lexicográficos**. 2005. (Mestrado em Teoria e Análise Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CAVALCANTI, Ana Maria Brandão. **Proposta de Microestrutura para Dicionário Terminológico Bilíngüe Português-Inglês para Tradutores**. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DIAZ Y GARCÍA-TALAVERA, Miguel. **Santillana para Estudantes: Espanhol-Português/Português-Espanhol**. São Paulo: Moderna, 2005.

DUBUC, Robert. **Manuel Pratique de Terminologie**. Québec: Linguattech, 1992.

FAULSTICH, Enilde. "Spécificités Linguistiques da la Lexicologie et da la Terminologie. Nature Épistémologie". In: KRIEGER, M. G. (Org.). **Meta**. Montreal: Université de Montréal, 1996, p. 237-246. .

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. "Lexicografía Española". In: GUERRA, A. M. M. (Org.). **La Lexicografía como Disciplina Lingüística**. Barcelona: Ed. Ariel, 2003, p. 31-52.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa: versão 5.0**. Curitiba: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FLAVIAN, Eugenia & FERNÁNDEZ, Gretel Eres. **Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol**. São Paulo: Ática, 2004.

FUENTES MORÁN, Maria Teresa. **Gramática en la Lexicografía Bilingüe: Morfología y Sintaxis en Dicionarios Español-Alemán Desde el Punto de Vista del Germanohablante**. Tübingen: Niemeyer, 1997.

GARRIGA, Escribano Cecílio. "Dicionarios Bilingües y Marcas de Uso". Barcelona. **Revista Salina**, 14, 2000, p. 201-212.

_____. "Las Marcas de Uso: Despectivo en el DRAE (2003)". In: **Revista de Lexicografía**, 1, 1994-1995, p. 113-147.

_____. "La Marca de 'Vulgar' en el DRAE (2003): de Autoridades a 1992". **Sintagma**, 6, 1994, p. 5-13.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa** (versão 1.0). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. CD-ROM.

LARA, Leandro Zanetti. **Da Descrição Lexicográfica: o Caso dos Adjetivos no Português Brasileiro**. 2005. (Mestrado em Teoria e Análise Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LARA, Luis Fernando. "O Dicionário e suas Disciplinas". In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 133-152.

MOLINER, Maria. **Diccionario de Uso del Español – características**. Centro Virtual Cervantes, Espanha, 2005. Disponível em: <<http://cvc.cervantes.es/actcult/mmoliner/diccionario/características.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2005.

MEL'ČUK, I. A. et al. **Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain. Recherches lexico-sémantiques**, vol. I, II, III, IV, Montreal, Lês Presses de l' Université de Montreal, 1984, 1988, 1992, 1999.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. **Michaelis Dicionário Escolar Espanhol: Espanhol - Português/Português-Espanhol**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

PÉREZ LAGOS, Manuel Fernando. “Sobre Algunos Aspectos Del Quehacer Lexicográfico”. In: **Estudos de Lingüística**. N. 12. Universidad de Alicante, 1998.

POLGUÈRE, A. **Lexicologie et Sémantique lexicale. Notions fondamentales**. Montreal: PUM, 2003.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario Electrónico de La Lengua Española: Versão 1.0**. Madrid: Espasa, 2003. CD-ROM.

ROBERTS, Roda P. “Marques de Registres dans les Dictionnaires Bilingues”. In: MERCIER, L. & VERREAULT, C. (Orgs.) **Les Marques Lexicographiques en Contexte Québécois**. Québec: Gouvernement du Québec, 1998, p. 191-201.

SANTOS, Cristine Oliveira. **A Desambigüização do Item Lexical Polissêmico Levar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SEÑAS - **Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHMITZ, John Robert. “A Problemática dos Dicionários Bilíngües”. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p.161-170.

STREHLER, René. **Análise de Categorias de Marcas de Uso em Dicionários**. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

XATARA, Cláudia Maria. & OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português/português-francês**. São Paulo: Cultura, 2002.

WELKER, Andréas Herbert. **Dicionários. Uma Pequena Introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1 -VERBETES QUE RECEBEM A MARCA “MALSONANTE” NO DRAE (2003)

1. ahuevar.

1. tr. Dar limpidez a los vinos con claras de huevo.
2. tr. Dar forma de huevo a algo.
3. tr. **malson**. *Col., El Salv., Hond., Nic. y Pan.* Atontar, azorar, acobardar. U. t. c. prnl. En Perú, u. solo c. prnl.
4. tr. *C. Rica*. Aburrir, fastidiar. U. t. c. Prnl
5. tr. coloq. *El Salv.* humillar (herir la dignidad). U. t. c. prnl.
6. prnl. *C. Rica*. No tener deseos de hacer nada

2. ahuevonearse.

1. prnl. vulg. **malson**. *Ven.* Ahuevonarse

3. apendejar.

1. tr. *Cuba*. Atemorizar.
2. prnl. **malson**. *Cuba, Méx., Nic., Pan., R. Dom. y Ven.* acobardarse.
3. prnl. **malson**. *Col., Hond., Méx. y R. Dom.* Hacerse bobo, estúpido.

4. cabronazo.

1. m. **malson**. *Méx.* Golpe fuerte

5. cagadal.

1. m. coloq. **malson**. *El Salv.* Conjunto de errores o acciones malas cometidas por alguien.
2. m. coloq. **malson**. *Hond.* alboroto (desorden).
3. m. coloq. **malson**. *Hond.* Cosa mal hecha, desastre.
4. m. coloq. **malson**. *Hond.* dificultad (inconveniente).

6. cague.

1. m. **malson**. *Hond.* equivocación.

7. camote.

(*Del nahua camotli*).

1. m. *Am. Cen., Ecuad., Filip., Méx. y Perú.* batata (planta).

2. m. *Am. Cen., Ecuad., Filip., Méx. y Perú.* batata (tubérculo).

3. m. *Chile.* Asunto difícil y enredado.

4. m. *Chile.* Piedra o terrón que se puede lanzar con la mano o que se puede rodar.

5. m. *Chile.* Mentira, embuste.

6. m. coloq. *Chile.* Persona cargante, pesada, fastidiosa.

7. m. *Ecuad. y Hond.* Persona tonta, boba.

8. m. *Ecuad.* Mujer de la que un hombre está enamorado.

9. m. *El Salv.* Tumefacción, hinchazón dura y abultada.

10. m. *Méx.* Persona desvergonzada.

11. m. *Méx.* querido.

12. m. **malson**. *Méx.* pene.

13. m. *Perú y Ur.* enamoramiento.

14. m. *Perú.* querida.

dejar a alguien como ~.

1. fr. coloq. *Nic.* Dejarlo muy magullado.

poner a alguien como ~.

1. fr. coloq. *Méx.* poner verde.

tomar un ~.

1. fr. coloq. *Guat.* y *Méx.* Tomar afecto o cariño a una persona, generalmente del otro sexo.

tragar ~.

1. fr. coloq. *Méx.* Expresarse con dificultad por no saber o no querer hacerlo claramente.

8. caraja.

1. f. Mar. Vela cuadrada que los pescadores de Veracruz largan en un botalón.
2. f. despect. **malson**. *Col.*, *C. Rica*, *Hond.* y *Ven.* U. para suplir el nombre de una mujer que no se quiere mencionar para desvalorizarla

9. carajo.

(*De or. inc.*).

1. m. **malson**. Miembro viril.
2. m. despect. **malson**. *Col.*, *C. Rica*, *Hond.* y *Ven.* U. para suplir el nombre de un hombre que no se quiere mencionar para desvalorizarlo.

al ~

1. expr. coloq. Denota enfado o rechazo. Al carajo el informe.

carajo.

1. interj. U. para expresar disgusto, rechazo, sorpresa, asombro, etc.

del ~

1. loc. adj. coloq. Muy grande o intenso. Un susto, un frío del carajo.

importar algo un ~ a alguien.

1. fr. coloq. No importarle nada. irse algo

irse algo al ~.

1. fr. coloq. Echarse a perder, tener mal fin.

mandar a alguien al ~.

1. fr. coloq. Rechazarlo con insolencia y desdén.

qué ~.

1. expr. coloq. Denota negación, decisión, contrariedad, etc.

un ~

1. loc. adv. coloq. nada (ninguna cosa). No entiendes un carajo.
2. expr. coloq. U. para negar o rechazar.
3. expr. coloq. U. para ponderar. Cuesta un carajo.

10. cereguete.

1. m. **malson**. *Hond.* Cerete.

11. cerete.

1. m. **malson**. *Hond.* Año de una persona.

12. chile.

(*Del nahua chilli*).

1. m. *Am. Cen.* y *Méx.* pimiento (planta herbácea).
2. m. *Am. Cen.* y *Méx.* pimiento (fruto).
3. m. coloq. **malson**. *El Salv.*, *Guat.* y *Méx.* pene.
4. m. *Guat.* cuento (embuste). U. m. en pl.

~ ancho.

1. m. *Méx.* Variedad cuyo fruto es grande, rojo oscuro, y se usa seco.

~ chipotle.

1. m. *Méx.* chipotle.

~ guajillo.

1. m. *Méx.* Variedad cuyo fruto es marrón rojizo, largo y estrecho.

~ habanero.

1. m. *Méx.* Variedad muy picante, en forma de pera de color naranja, que se consume fresco.

~ jalapeño.

1. m. *Méx.* Variedad cuyo fruto es pequeño, grueso y verde oscuro.

~ mulato.

1. m. *Méx.* chile poblano seco.

~ poblano.

1. m. *Méx.* Variedad cuyo fruto maduro es largo y de color café oscuro.

~ serrano, o ~ verde.

1. m. *Méx.* Variedad cuyo fruto es muy picante, pequeño, de color verde y se usa fresco.

a medios ~s.

1. loc. adj. *Méx.* Medio borracho. U. t. c. loc. adv.

13. chingadazo.

1. m. **malson.** *Méx.* Golpe fuerte.

14. chingadera.

1. f. *El Salv.* Acción de chingar (importunar).
2. f. **malson**. *Méx.* Acción ruin.
3. f. **malson**. *Méx.* cosa (objeto).

15. chingado, da.

1. adj. **malson**. *Méx.* Que ha sufrido daño.
2. f. **malson**. *Méx.* prostituta.

ah, chingado

1. loc. interj. **malson**. *Méx.* U. para expresar sorpresa o protesta.

a la ~.

1. loc. adv. **malson**. *El Salv.* y *Méx.* a paseo. Me mandó a la chingada. ¡Váyase a la chingada!

de la ~.

1. loc. adj. **malson**. *Méx.* pésimo. U. t. c. loc. adv.

□ V.

hijo de la ~**16. chingar.**

(*Del caló čingarár, pelear*).

1. tr. Importunar, molestar.
2. tr. **malson**. Practicar el coito.
3. tr. coloq. Beber con frecuencia vino o licores.
4. tr. *Am. Cen.* Cortar el rabo a un animal.

5. intr. *Can.* salpicar.
6. intr. *Pal.* tintinar.
7. intr. *Arg.* y *Ur.* Colgar desparejamente el orillo de una prenda.
8. prnl. embriagarse.
9. prnl. *Can., Arg., Bol., Chile* y *Col.* No acertar, fracasar, frustrarse, fallar.

~la.

1. fr. coloq. *Arg.* Equivocarse, fracasar

17. chingo, ga.

(*De or. amer.*).

1. adj. *Am. Cen.* y *Ven.* chato (de nariz poco prominente).
2. adj. *Am. Cen.* Dicho de un animal: rabón.
3. adj. *Am. Cen.* Dicho de un vestido: corto (que no tiene la extensión que le corresponde).
4. adj. *Col.* diminuto (excesivamente pequeño).
5. adj. *C. Rica.* Desnudo o en paños menores.
6. adj. *Hond.* Dicho de una persona: elegante (que tiene buen gusto y distinción para vestir).
7. adj. **Ven.** ávido.
8. m. **malson.** *El Salv., Hond.* y *Méx.* montón (número considerable).
9. m. pl. *C. Rica.* combinación (prenda de vestir).
10. f. *Am.* mofeta (mamífero carnívoros).
11. f. *C. Rica.* colilla (resto del cigarro).
12. f. *C. Rica.* Porción de dinero que se paga al baratero (administrador de una casa de juego).
13. f. *C. Rica.* Excedente, liquidación, en los pagos finales de la cosecha de café.
14. f. *C. Rica.* Cuchillo de trabajo agrícola gastado, que sirve para escarbar, sacar raíces, etc.
15. f. *C. Rica.* Camión constituido por la cabina y una pequeña plataforma que sirve para arrastrar un remolque.
16. f. *Hond.* chungu (burla festiva).

17. f. **malson**. Méx. paliza (serie de golpes).

18. chingón, na.

1. adj. **malson**. Méx. Dicho de una persona: Competente en una actividad o rama del saber. U.

t. c. s.

19. chinguero, ra.

(De *chinga*).

1. adj. *El Salv.* Dicho de una persona: Que chinga (importuna).

2. m. *C. Rica.* baratero (administrador de una casa de juego).

3. m. **malson**. Méx. montón (número considerable). Un chinguero.

□ V.

gallo ~.

20. chorra.

1. f. coloq. Casualidad, suerte.

2. f. **malson**. pene.

3. f. *Sal.* Trozo de tierra que queda sin arar por haber un peñasco u otro obstáculo.

4. f. *Sal.* Este obstáculo.

5. m. Hombre tonto, estúpido. U. t. en pl. con el mismo significado que en sing.

21. cojón.

(Del lat. *colĕo*).

1. m. **malson**. testículo.

cojones.

1. interj. U. para expresar diversos estados de ánimo, especialmente extrañeza o enfado

22. concha.*(Del lat. conchŭla)*

1. f. Cubierta, formada en su mayor parte por carbonato cálcico, que protege el cuerpo de los moluscos y que puede constar de una sola pieza o valva, como en los caracoles, de dos, como en las almejas, o de ocho, como en los quitones.

2. f. Caparazón de las tortugas y de los cladóceros y otros pequeños crustáceos.

3. f. concha de la madreperla.

4. f. carey (materia córnea).

5. f. Mueble en forma de un cuarto de superficie esférica, u otra parecida, que se coloca en el medio del proscenio de los teatros para ocultar al apuntador y reflejar la voz de este hacia los actores.

6. f. Seno, a veces poco profundo, pero muy cerrado, en la costa del mar.

7. f. solera (muela del molino).

8. f. Parte redondeada y ancha de una charretera o capona.

9. f. Cosa que tiene la forma de la concha de los animales.

10. f. Moneda antigua de cobre, que valía dos cuartos, o sea ocho maravedís.

11. f. Heráld. venera (insignia).

12. f. *Am.* desplante (acto lleno de arrogancia o descaro).

13. f. vulg. **malson**. *Arg., Chile, Perú y Ur.* coño (parte externa del aparato genital femenino).¹

4. f. coloq. *Col., Ecuad. y Perú.* desfachatez.

15. f. *Col. y Ven.* cáscara (corteza o cubierta exterior).

16. f. *Col. y Ven.* Corteza de los árboles.

17. f. *Ven.* Cápsula vacía de cualquier proyectil de armas de fuego.

~ de peregrino.

1. f. venera (concha).

~ de perla.

1. f. madreperla.

meterse alguien en su ~.

1. fr. Retraerse, negarse a tratar con la gente o a tomar parte en negocios o esparcimientos.

tener alguien ~, o mucha ~.

1. frs. coloqs. *Col.* y *Méx.* Tener demasiada libertad y osadía en palabras o acciones.

tener alguien más ~s que un galápago, o muchas ~s.

1. frs. coloqs. Ser muy reservado, disimulado y astuto.

23. coño.

(*Del lat. cūnnus*).

1. m. **malson**. Parte externa del aparato genital de la hembra.
2. m. despect. *Chile*. español (natural de España).
3. m. vulg. *Ven.* tipo (individuo).
4. adj. *Chile* y *Ecuad.* tacaño (miserable).

coño.

1. interj. U. para expresar diversos estados de ánimo, especialmente extrañeza o enfado.

24. copón.

1. m. Rel. En el culto católico, vaso sagrado en forma de copa grande, que contiene las hostias consagradas.

del ~.

1. loc. adj. vulg. **malson**. Muy grande, tremendo.

el ~.

1. loc. adv. vulg. **malson**. El colmo.

25. culo.

(Del lat. *culus*).

1. m. Conjunto de las dos nalgas.
2. m. En algunos animales, zona carnosa que rodea el ano.
3. m. ano.
4. m. Extremidad inferior o posterior de algunas cosas. Culo del pepino, del vaso.
5. m. En el juego de la taba, parte más plana, opuesta a la carne.
6. m. coloq. Escasa porción de líquido que queda en el fondo de un vaso.

~ apretado.

1. m. coloq. Ven. Persona presuntuosa.

~ de mal asiento.

1. m. coloq. Persona inquieta que no está a gusto en ninguna parte.

~ de pollo.

1. m. Punto mal cosido en la media o tela, de modo que sobresale y abulta.

~ de vaso.

1. m. coloq. Piedra falsa que imita alguna de las preciosas.

el ~ del mundo.

1. m. coloq. Lugar muy lejano.

coge ~.

1. m. coloq. Ven. alboroto (desorden).

a ~ pajarero.

1. loc. adv. Con el culo desnudo.

apretar el ~ contra el taburete.

1. fr. coloq. *Ven.* afrontar (hacer cara a un peligro).

a tomar por ~, o por el ~.

1. locs. advs. vulgs. **malsons**. a hacer puñetas. Manda ese trabajo a tomar por culo y búscate otro.

2. locs. advs. vulgs. **malsons**. Muy lejos. Lanzó el balón a tomar por culo.

caerse de ~.

1. fr. coloq. Quedarse atónito y desconcertado ante algo inesperado.

con el ~ al aire.

1. loc. adv. coloq. **malson**. En situación comprometida por haberse descubierto algo. Su actuación nos dejó con el culo al aire.

confundir el ~ con las témporas.

1. fr. coloq. **malson**. confundir la velocidad con el tocino.

dar por ~, o por el ~.

1. frs. vulgs. **malsons**. Sodomizar

.2. frs. vulgs. **malsons**. fastidiar (enfadar).

del ~.

1. loc. adv. vulg. U. para intensificar la expresividad de ciertas voces despectivas a las que sigue. Tonto, bobo del culo.

hasta el ~.

1. loc. adj. vulg. **malson**. hasta las narices. Está hasta el culo de que le manden.
2. loc. adj. coloq. vulg. *C. Rica*. Completamente borracho.

ir de ~.

1. fr. coloq. **malson**. Dicho de una persona: estar listo.
2. fr. coloq. **malson**. Dicho de una cosa: Ir mal o desarrollarse insatisfactoriamente. Nuestras expectativas de beneficios van de culo.

lamer el ~ a alguien.

1. fr. vulg. **malson**. Adularlo servilmente para conseguir algo de él.

meterse alguien algo por el ~.

1. fr. vulg. **malson**. U. para rechazar enfáticamente algo que generalmente se ha pedido o que ha sido ofrecido. Ahora te metes tu dinero por el culo.

mojarse alguien el ~.

1. fr. coloq. **malson**. mojarse (comprometerse).

pasarse algo por el ~.

1. fr. coloq. **malson**. Despreciarlo, desdeñarlo.

perder el ~.

1. fr. coloq. **malson**. Darse mucha prisa.
2. fr. coloq. **malson**. Procurar algo afanosamente. Pierden el culo por aparecer en las noticias.

que me, te, le, etc., den por ~, o por el ~.

1. exprs. vulgs. **malsons**. que me, te, le, etc., den morcilla.

salirle a alguien algo del ~.

1. fr. vulg. **malson**. darle la gana.

tomar por ~, o por el ~.

1. frs. vulgs. **malsons**. Ser sodomizado.

□ V.

ojo del ~

26. descojonante.

(*De descojonarse*)

1. adj. vulg. **malson**. Tronchante, muy divertido.

27. descojonarse.

(*De des- y cojón*).

1. prnl. vulg. **malson**. Desternillarse, troncharse de risa.

28. descojone.

1. m. vulg. **malson**. descojono.

29. descojono.

1. m. vulg. **malson**. Acción y efecto de descojonarse.

30. despije.

1. m. *El Salv.* desorden (perturbación del orden).

2. m. coloq. **malson**. *Hond.* Pelea

31. desvergue.

1. m. coloq. **malson**. *El Salv.* y *Hond.* alboroto (desorden).

2. m. coloq. **malson**. *Hond.* paliza (serie de golpes).

32. encular.

(*De en- y culo*).

1. tr. vulg. sodomizar.

2. prnl. coloq. **malson**. *El Salv.*, *Hond.* y *Nic.* Enamorarse apasionadamente. Se enculó de esa mujer.

33. hostia.

(*Del lat. hostiā*).

1. f. Hoja redonda y delgada de pan ácimo, que se consagra en la misa y con la que se comulga.

2. f. Cosa que se ofrece en sacrificio.

3. f. vulg. **malson**. Golpe, trastazo, bofetada

mala ~.

1. f. vulg. **malson**. Mala intención.

a toda ~.

1. loc. adv. vulg. **malson**. A toda velocidad.

de la ~.

1. loc. adj. vulg. **malson**. Muy grande o extraordinario. Se ha comprado un coche de la hostia.

hostia, u hostias.

1. interjs. vulgs. Denotan sorpresa, asombro, admiración, etc.

la ~.

1. loc. adv. vulg. **malson**. la leche.

ser alguien o algo la ~.

1. fr. vulg. Ser extraordinario.

34. jodarría.

(De *joder*).

1. f. coloq. **malson**. *El Salv.* y *Hond.* Acción reiterada de molestar a alguien.

35. joder.

(Del lat. *futuēre*).

1. intr. **malson**. Practicar el coito. U. t. c. tr.
2. tr. Molestar, fastidiar. U. t. c. intr. y c. prnl.
3. tr. Destrozar, arruinar, echar a perder. U. t. c. prnl.

joder.

1. interj. U. para expresar enfado, irritación, asombro, etc

36. jodón, na.

1. adj. **malson**. *Am.* Dicho de una persona: Que molesta o fastidia mucho. U. t. c. s.
2. adj. *Arg.* y *Ur.* Dicho de una persona: Que acostumbra bromear. U. t. c. s.

37. lambeculo.

1. com. vulg. **malson**. *Arg.*, *Cuba*, *El Salv.*, *Hond.*, *Nic.* y *Ur.* Lameculos

38. lambeculos.

1. com. coloq. vulg. **malson**. **Ur.** lameculos.

39. lengua.

(Del lat. *Lingua*)

1. f. Órgano muscular situado en la cavidad de la boca de los vertebrados y que sirve para gustación, para deglutir y para modular los sonidos que les son propios.
2. f. Sistema de comunicación verbal y casi siempre escrito, propio de una comunidad humana.
3. f. Sistema lingüístico cuyos hablantes reconocen modelos de buena expresión. La lengua de Cervantes es oficial en 21 naciones.
4. f. Sistema lingüístico considerado en su estructura.
5. f. Vocabulario y gramática propios y característicos de una época, de un escritor o de un grupo social. La lengua de Góngora. La lengua gauchesca.
6. f. Badajo de la campana.
7. f. lengüeta (fiel de la balanza).
8. f. Cada una de las provincias o territorios en que tenía dividida su jurisdicción la Orden de San Juan. La lengua de Castilla, la de Aragón, la de Navarra.
9. f. Zool. Tira dorsal de la larda de una ballena.
10. f. desus. intérprete (de lenguas). Era u. t. c. m.
11. f. ant. Facultad de hablar.
12. f. ant. espía (persona que observa y escucha lo que pasa para comunicarlo).

~ aglutinante.

1. f. Ling. Idioma en que predomina la aglutinación.

~ aislante, o ~ analítica.

1. f. Ling. Aquella cuyos elementos léxicos y gramaticales son palabras aisladas unas de otras, como en el caso del chino y del vietnamita.

~ azul.

1. f. Veter. Epizootia contagiosa del ganado ovino, que a veces ataca también al bovino, producida por un virus específico y caracterizada por cianosis de la lengua, ulceraciones en la boca y cojera.

~ bífida.

1. f. lengua serpentina.

~ canina.

1. f. cinoglosa.

~ cervical, o ~ cervina.

1. f. Helecho de la familia de las Polipodiáceas, con frondas pecioladas, enteras, de tres a cuatro decímetros de longitud, lanceoladas, y con un escote obtuso en la base; cápsulas seminales en líneas oblicuas al nervio medio de la hoja, y raíces muy fibrosas. Se cría en lugares sombríos, y el cocimiento de las frondas, que es amargo y mucilaginoso, se ha empleado como pectoral.

~ de buey.

1. f. Planta anual de la familia de las Borragináceas, muy vellosa, con tallo erguido, de seis a ocho decímetros de altura, hojas lanceoladas, enteras, las inferiores con peciolo, sentadas las superiores, y todas erizadas de pelos rígidos, flores en panojas de corola azul y forma de embudo, y fruto seco con cuatro semillas rugosas. Abunda en los sembrados, y sus flores forman parte de las cordiales.

~ de ciervo.

1. f. lengua cervical.

~ de escorpión.

1. f. lengua serpentina.

~ de estropajo.

1. com. coloq. Persona balbuciente, o que habla y pronuncia mal, de manera que apenas se entiende lo que dice.

~ de fuego.

1. f. Cada una de las llamas en forma de lengua que bajaron sobre las cabezas de los apóstoles el día de Pentecostés.
2. f. Cada una de las llamas que se levantan en una hoguera o en un incendio.

~ de gato.

1. f. Planta chilena, de la familia de las Rubiáceas, de hojas aovadas y pedúnculos axilares, con una, dos o tres flores envueltas por cuatro brácteas. Sus raíces, muy semejantes a las de la rubia, se usan, como las de esta, en tintorería.
2. (Por su forma). f. Bizcocho o chocolatina duros, alargados y delgados.

~ de hacha.

1. f. coloq. lengua serpentina.

~ del agua.

1. f. Parte del agua del mar, de un río, etc., que lame el borde de la costa o de la ribera.
2. f. Línea horizontal adonde llega el agua en un cuerpo que está metido o nadando en ella.

~ de oc.

1. f. La que antiguamente se hablaba en el mediodía de Francia y cultivaron los trovadores.~ de oíl. 1. f. Francés antiguo, o sea lengua hablada antiguamente en Francia al norte del Loira.

~ de perro.

1. f. cinoglosa.

~ de sierpe.

1. f. lengua serpentina.
2. f. Mil. Obra exterior que se suele hacer delante de los ángulos salientes del camino cubierto.

~ de tierra.

1. f. Pedazo de tierra largo y estrecho que entra en el mar, en un río, etc.

~ de trapo.

1. f. lengua de los niños cuando todavía no hablan bien.
2. f. coloq. lengua de estropajo.
3. f. *Cuba* y *Ur.* Persona deslenguada, lenguaraz.

~ de vaca.

1. f. Cuba. Planta de la familia de las Liliáceas, originaria de África, de hojas alargadas, planas y carnosas, de color verde intenso o moradas y flores blancas. Su fruto es una baya de color rojo.

~ de víbora.

1. f. Diente fósil de tiburón. Es casi plano, de forma triangular y con dentecillos agudos en su contorno.
2. f. lengua serpentina.

~ flexiva.

1. f. Ling. Idioma en que predomina la flexión.

~ franca.

1. f. La que es mezcla de dos o más, y con la cual se entienden los naturales de pueblos distintos.

~ madre.

1. f. Aquella de que han nacido o se han derivado otras. El latín es lengua madre respecto de la nuestra.

~ materna.

1. f. La que se habla en un país, respecto de los naturales de él.

~ monosilábica.

1. f. Ling. Aquella cuyas palabras constan generalmente de una sola sílaba.

~ muerta.

1. f. La que antiguamente se habló y no se habla ya como propia y natural de un país o nación.

~ natural, o ~ popular.

1. f. lengua materna.

~ sabia.

1. f. Cada una de las antiguas que ha producido una literatura importante.

~ santa.

1. f. hebreo (lengua hablada por los hebreos).

~ serpentina.

1. f. Persona mordaz, murmuradora y maldiciente.

~ sintética.

1. f. Ling. lengua flexiva.

~ tonal.

1. f. Ling. La que posee tonos.

~ viperina.

1. f. lengua serpentina.

~ viva.

1. f. La que actualmente se habla en un país o nación.

~s hermanas.

1. f. pl. Las que se derivan de una misma lengua madre; p. ej., el español y el italiano, que se derivan del latín.

mala ~.

1. f. Persona murmuradora o maldiciente.

media ~.

1. com. coloq. Persona que pronuncia imperfectamente por impedimento de la lengua. Empezó a contar una noticia aquel media lengua.

2. f. coloq. Pronunciación imperfecta. Empezó a contarlo con su media lengua.

malas ~s.

1. f. pl. coloq. El común de los murmuradores y de los calumniadores de las vidas y acciones ajenas. Así lo dicen malas lenguas.

aflojar la ~.

1. fr. coloq. *Cuba* y *Ven.* írsele la lengua.

andar en ~s.

1. fr. coloq. Ser con frecuencia objeto de conversaciones, o de habladurías y murmuración.

atar la ~.

1. fr. Impedir que se diga algo.

buscar la ~ a alguien.

1. fr. coloq. Incitarle a disputas; provocarle a reñir.

calentársele a alguien la ~.

1. fr. coloq. calentársele la boca.

con la ~ afuera.

1. loc. adv. Con gran anhelo o cansancio.

con la ~ de un palmo.

1. loc. adv. coloq. con la lengua afuera.

darle a la ~.

1. fr. coloq. Hablar mucho.

darse la ~ dos o más personas.

1. fr. *Cuba.* congeniar.

de ~ en ~.

1. loc. adv. De unos en otros; de boca en boca.

destrabar alguien la ~.

1. fr. Quitar el impedimento que tenía para hablar.

echar alguien la ~ al aire.

1. fr. coloq. irse de la lengua.echar

la ~, o echar la ~ de un palmo, por algo.

1. frs. coloqs. Desearlo con ansia, trabajar y fatigarse por alcanzarlo.

escapársele a alguien la ~.

1. fr. Escapársele palabras que no quería decir.

hablar con ~ de plata.

1. fr. Pretender o solicitar algo por medio de dinero, dádivas o regalos.

hacerse ~s de alguien o de algo.

1. fr. coloq. Alabarlo encarecidamente.

irse de la ~.

1. fr. coloq. Decir inconsideradamente lo que no quería o no debía manifestar.

írsele a alguien la ~.

1. fr. coloq. escapársele la lengua.

largo de ~.

1. loc. adj. Que habla con desvergüenza o con imprudencia.

ligero de ~.

1. loc. adj. Que sin consideración ni miramiento dice cuanto se le ocurre o se le viene a la boca.

meterse alguien la ~ en el culo.

1. fr. vulg. **malson**. Tener que dejar de hablar.

2. fr. vulg. **malson**. callarse (abstenerse de manifestar lo que se siente).

morderse alguien la ~.

1. fr. Contenerse en hablar, callando con alguna violencia lo que quisiera decir.

parecer que alguien ha comido ~.

1. fr. coloq. Hablar mucho.

pegársele a alguien la ~ al paladar.

1. fr. coloq. No poder hablar por turbación o pasión de ánimo

poner ~, o ~s, en alguien.

1. frs. Hablar mal de él.

sacar la ~ a alguien.

1. fr. coloq. Burlarse de él. Todos le están sacando la lengua.

ser alguien ~ sucia.

1. fr. coloq. Arg. Decir palabras groseras.

suelto de ~.

1. loc. adj. ligero de lengua.

tener alguien algo en la ~.

1. fr. coloq. Estar a punto de decirlo.
2. fr. coloq. Querer acordarse de ello, sin poder hacerlo.

tener alguien la ~ gorda.

1. fr. coloq. Estar borracho.

tener alguien la ~ sucia.

1. fr. coloq. *Cuba, Ur. y Ven.* Decir palabras groseras.

tener alguien mala ~.

1. fr. Ser jurador, blasfemo, murmurador o maldiciente.

tener alguien mucha ~.

1. fr. coloq. Ser demasiado hablador.

tener que sujetarse, o tragarse, alguien la ~.

1. frs. coloqs. *Cuba.* morderse la lengua.

tirar de la ~ a alguien.

1. fr. coloq. Provocarle a que hable acerca de algo que convendría callar.

tomar ~, o ~s.

1. frs. Informarse, tomar o adquirir noticias.

trabarse la ~.

1. fr. Verse impedido el libre uso de ella por un accidente o enfermedad, o entorpecido por la dificultad de pronunciación de ciertas palabras o combinaciones de palabras.

traer en ~s a alguien.

1. fr. traer en bocas.

trastrabarse la ~.

1. fr. trabarse la lengua.

venirsele a alguien a la ~ algo.

1. fr. coloq. Ocurrírsele.

40. madrazo.

1. m. **malson**. *El Salv.* y *Méx.* golpe (acción y efecto de golpear).

41. madre.

(*Del lat. mater, -tris*).

1. f. Hembra que ha parido.

2. f. Hembra respecto de su hijo o hijos.

3. f. Título que se da a ciertas religiosas.

4. f. En los hospitales y casas de recogimiento, mujer a cuyo cargo está el gobierno en todo o en parte.

5. f. Matriz en que se desarrolla el feto.

6. f. Causa, raíz u origen de donde proviene algo.

7. f. Aquello en que figuradamente concurren algunas circunstancias propias de la maternidad.

Sevilla es madre de forasteros. La madre patria.

8. f. Cauce por donde ordinariamente corren las aguas de un río o arroyo.

9. f. Acequia principal de la que parten o donde desaguan las hijuelas (canales que conducen el agua desde una acequia).

10. f. Alcantarilla o cloaca maestra.

11. f. Heces del mosto, vino o vinagre, que se sientan en el fondo de la cuba, tinaja, etc.

12. f. Madero principal donde tienen su fundamento, sujeción o apoyo otras partes de ciertas armazones, máquinas, etc., y también cuando hace oficio de eje. Madre del cabrestante, del timón, del tajamar.

13. f. coloq. Mujer anciana del pueblo.

14. f. Mar. Cuartón grueso de madera que va desde el alcázar al castillo por cada banda de crujía.

~ de clavo.

1. f. madreclavo.

~ de familia, o ~ de familias.

1. f. Mujer casada o viuda, cabeza de su casa.

~ de leche.

1. f. ama (mujer que cría una criatura ajena).

~ de niños.

1. f. Med. Enfermedad semejante a la alferecía o a la gota coral.

~ política.

1. f. suegra (madre del marido respecto de la mujer, o de la mujer respecto del marido).

2. f. p. us. madrastra (mujer del padre).

a toda ~.

1. loc. adj. vulg. *Méx.* estupendo. U. t. c. loc. adv.

buscar alguien la ~ gallega.

1. fr. coloq. irse con su madre gallega.

darle a alguien en la, en toda la, o en la mera, ~.

1. frs. coloqs. **malsons**. *El Salv.* y *Méx.* Golpearlo.

de ~.

1. loc. adj. coloq. *Cuba*. Muy grande.
2. loc. adj. coloq. *Cuba*. Muy malo.
3. loc. adj. coloq. *Cuba*. Dicho de una persona: inaguantable.

estar alguien hasta la ~.

1. fr. coloq. **malson**. *Méx.* Estar harto.

hasta la ~ de los tomates.

1. expr. *Cuba*. U. para destacar la presencia o participación en algo de más personas de las previstas.

importar a alguien ~ algo.

1. fr. coloq. **malson**. *Méx.* No importarle.

irse con su ~ de Dios.

1. fr. coloq. irse mucho con Dios.

irse con su ~ gallega.

1. fr. coloq. Buscar la fortuna o ganarse la vida.

la ~ que te, lo, os, etc., parió.

1. exprs. vulgs. U. para expresar gran enfado súbito con alguien.

mentar la ~ a alguien.

1. fr. coloq. Decir, para injuriarle gravemente, insultos contra su madre.

mi, o su, ~.

1. exprs. coloqs. Denotan admiración, sorpresa, etc.

ni ~.

1. expr. coloq. **malson**. Méx. nada (ninguna cosa).

no creer alguien ni en la ~ de los tomates.

1. fr. coloq. *Cuba*. Ser severo, riguroso e intransigente.

no tener alguien ~, o ni ~.

1. frs. coloqs. **malsons**. *Cuba* y *Méx*. Ser un sinvergüenza u observar conducta censurable.

partirse alguien la ~.

1. fr. coloq. **malson**. Méx. Darse un golpe muy fuerte.

qué poca ~.

1. loc. interj. coloq. **malson**. Méx. U. para expresar enojo o disgusto por una acción de alguien.

saber a la ~.

1. fr. coloq. saber a la pega.

sacar de ~ a alguien.

1. fr. coloq. Molestarlo mucho, hacerle perder la paciencia.

salir, o salirse, de ~ un río o un arroyo.

1. frs. desbordarse (salir de los bordes).

salir, o salirse, de ~ en algo.

1. frs. Exceder extraordinariamente de lo acostumbrado o regular.

ser algo la ~ del cordero.

1. fr. coloq. U. para indicar que es la razón real de un hecho o suceso.

42. minga

(Acort. del n. p. Dominga).

1. f. **malson**. pene.

3. picha

1. f. **malson**. Miembro viril.

44. pijo, ja.

(De or. inc.).

1. adj. despect. coloq. Dicho de una persona: Que en su vestuario, modales, lenguaje, etc., manifiesta gustos propios de una clase social acomodada. U. t. c. s.
2. adj. despect. coloq. Pertenciente o relativo a estas personas.
3. m. Cosa insignificante, nadería.
4. m. **malson**. Miembro viril.
5. f. **malson**. pijo (miembro viril).

estar alguien a pija.

1. fr. Guat. Estar borracho.

45. pinche.

1. com. Persona que presta servicios auxiliares en la cocina.
2. adj. *C. Rica, El Salv. y Nic.* tacaño (miserable).
3. adj. despect. **malson**. *Méx.* ruin (despreciable).

46. polla.

(*De pollo*¹).

1. f. Gallina nueva, medianamente crecida, que no pone huevos o que hace poco tiempo que ha empezado a ponerlos.
2. f. En algunos juegos de naipes, puesta (cantidad que pone el que pierde para disputarla en la mano siguiente).
3. f. **malson**. pene.
4. f. coloq. Mujer joven.
5. f. *Am.* Apuesta, especialmente en carreras de caballos.
6. f. *Am.* Carrera de caballos donde se corre la polla.
7. f. *Ecuad.* chuleta (apunte para usarlo disimuladamente en los exámenes).
8. f. *El Salv.* esputo.
9. f. *Méx.* Bebida hecha con leche, huevos y canela, y a la que a veces se le añade licor.

~ de agua.

1. f. Ave zancuda del tamaño de la codorniz con plumaje algo parecido.
2. f. Ave zancuda pequeña semejante a la fúlica o al rascón.
3. f. Ave zancuda, de unos 25 cm de longitud desde la punta del pico hasta la extremidad de la cola y 50 de envergadura, con plumaje rojizo, verdoso en las partes superiores y ceniciento azulado en las inferiores. Vive en parajes pantanosos y se alimenta de animales acuáticos.

47. soplapollas.

1. com. **malson**. Persona tonta o estúpida.

48. vergazal.

1. m. **malson**. *El Salv.*, *Hond.* y *Nic.* montón (número considerable).

49. vergueo.

1. m. coloq. *Hond.* desorden (perturbación del orden).
2. m. coloq. **malson**. *Hond.* pelea.
3. m. coloq. *Hond.* Acción reprobable que causa escándalo.
4. m. *Nic.* Trabajo arduo.

ANEXO 2 - VERBETES QUE POSSUEM ACEPÇÕES MALSONANTES NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES
ESCOLARES ESPANHOL-PORTUGUÊS/PORTUGUÊS-ESPANHOL

Dicionário Michaelis (2002)

1. carajo.

m. 1. vulg. caralho. 2. fam. caramba!, expressa enfado, impaciência. **importar um carajo.** Não ligar a mínima. **Irse al carajo.** Ir por água abaixo (alguma coisa), fracassar. **Mandar al carajo.** Rechaçar ou desentender-se com alguém.

2. cojón.

m. 1. testículo. 2. vulg. colhão. *Interj.* ¡cojones! Indica impaciência, irritação. **Estar hasta los cojones.** fam. Estar de saco cheio. **Tener cojones.** Ter valor.

3. coño.

m. 1. vulva. 2 vulg. xoxota. *Interj.* Caramba!, nossa! (expressão que se usa para mostrar surpresa, admiração, desgosto) **¡Coño, qué susto me has dado!** / caramba, que susto você me deu.

4. descojonarse.

v. vulg. perder os colhões, desconjuntar-se. **Descojonarse de risa.** Mijar de rir.

5. joder.

v. 1. vulg. foder. 2. fam. encher o saco, aborrecer. V. 3. arruinar-se, estragar-se, molestar-se, aborrecer-se *Interj.* vulg. porra! (expressão de irritação, desgosto, surpresa,). **Estar jodido** vulg. Estar fudido.

6. picha.

f. vulg. pica, pinto, pau, caralho.

Dicionário FTD (1998)

1. ¡carajo!

interj., denota raiva, zanga, ofensa, espanto, equivale a: porra! **Irse al carajo.** Vai se estrepar.

Mandar al carajo. Mandar para o inferno. **Importar um carajo.** Não dar a mínima. Equivale também a: caralho!

2. chingar.

v. 1. beber com frequência 2. realizar ato sexual. Chingarse 1. embriagar-se. 2. *Amér.*, fracassar, malograr.

3. cojón.

m. testículo, colhão. ¡cojones! *Interj.* que denota surpresa, raiva, equivale a: porra! **Tener cojones.** Não se deixar diminuir, cantar de galo. **Estar hasta los cojones.** Estar de saco cheio.

4. concha.

f. 1. Concha. 2. Madrepérola. 3. Ribalta do teatro. 4. *Amér.*, vulva. **Meterse en su concha.** Isolar-se retrair-se, inibir-se. **Tener más conchas que un galápago.** Pessoa astuta e cautelosa, macaco velho.

5. coño.

m. vulva, parte externa da genitália feminina. ¡coño! *Interj.* Denota raiva, desagrado, surpresa, zanga, espanto, equivale a: porra!

6. culo.

m. 1. extremidade ou parte inferior e traseira. 2. nádegas, bunda, cu. 3. resto de bebida que fica no fundo de garrafas, copos, taças ou xícaras, nesta acepção normalmente é usado no diminutivo.

Culo de mal asiento. Pessoa irrequieta que não tem parada. **Culo de vaso.** Pedra falsa que imita uma

preciosa. **Caer de culo.** 1. Grande espanto 2. cair pra trás. **Dar/ tomar por culo.** Dar ou tomar no cu. **¡Métetelo en el culo!** Enfia no cu. **¡Qué culo!** Que rabo!, que sorte! **Lamer el culo [alguien].** Puxar o saco de alguém.

7. hóstia.

f. 1. hóstia. 2. bofetão, tapa. 3. batida, choque.

8. joder.

v. 1. foder, praticar o coito, relação sexual. 2. roubar, furtar. 3. incomodar, chatear *Interj.* denota, surpresa, raiva, ódio, zanga. **Estar jodido.** Estar mal de saúde, ter má sorte na vida, estar estrepado. **¡jódete!** Vire-se, o problema é seu.

9. pijo/a

adj. 1. afetado, metido, estúpido. 2. m., pênis.

10. pollo/a.

s., pinto, cria de ave em especial da galinha || pessoa jovem, franguinho ♦ s.f. caralho.

Diccionario Ática (2004)

1. carajo.

m. 1. vulg. Caralho. 2. col. Caramba. **Importar un carajo.** Não ligar a mínima. **Irse al carajo.** 1. Desandar, estragar tudo. 2. Ir embora.

2. chingar.

v.t. col. *Amer.* 1. Beber muito. 2. frustrar, estragar. 3. Chatear, incomodar. 4. vulg. Fornicar.

Chingarse v.p. Embriagar-se.

3. cojón.

m. vulg. Testículo. - Usado geralmente no pl. **Con cojones.** Com corajem. **Estar hasta los mismísimos cojones.** Estar de saco cheio. **Importar un cojón/tres cojones.** Não ligar a mínima. **Pasarse (algo) por los cojones.** Desprezar, encarar com desdém.

4. concha.

f. 1. Concha. 2. Madrepérola. 3. vulg. *Arg.* Órgão sexual feminino.

5. coño.

m. vulg. 1. Cono, vulva. *Interj.* Caramba! Nossa! (expressão de surpresa, desgosto). *¡Coño!* *¿Qué pasó aquí?* Nossa! Que aconteceu aqui? - Tem uso enfático. *¿Dónde coño te metiste?* Onde diabos você se enfiou?

6. culo.

m. vulg. 1. Cu, ânus. 2. Bunda, traseiro. 3. fig. Fundo, extremidade posterior. *Cullo de botella.* Fundo de garrafa. 4. Resto de líquido. *Quedó un culito de vino.* Sobrou um restinho de vinho. Na acepção 4, usa-se geralmente no *dim.* **Dar/tomar por el culo.** Dar o/tomar no cu. **De culo.** De costas. **¡Mételo en el culo!** Enfiar no cu. **¡Qué culo!** *Arg.* Que rabo!

7. joder.

v.t. vulg. 1. Foder, copular. 2. Incomodar, encher a paciência. **Joderse.** v.p. col. estragar-se, arruinar-se. 2. col. Dar-se mal, levar a pior, estrear-se. **Me jodí en el examen.** Fui mal na prova. **¡Joder!** Porra! (expressão de satisfação ou desgosto). **¡Jódate!** Dane-se! Problema seu, agüenta!

8. pollo/a.

s 1. Frango. m. 2. Pintinho, pinto. 3. fig. Frangote, moço, jovem. 4. fig. Astuto, inteligente. f. 5. Galinha. 6. vulg. Pênis.

Dicionário Santillana (2005)**1. carajo.**

m. 1. *vulg.* Órgão sexual masculino. É vocábulo chulo. *Interj.* 2. *vulg.* Indica raiva ou surpresa. É expressão chula.

2. chingar.

v. 9. *fam.* 1. Prejudicar outra pessoa. Ferrar. 2. Agir por engano. Errar. 3. Apropriar-se de algo que pertence a outro. Furtar. *En un momento de descuido me chingaron la cartera.* Em um momento de descuido, furtaram a minha carteira. 4. Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo.

3. concha.

f. 1. Cobertura dura do corpo de alguns animais, como os moluscos. Concha. *En las playas se encuentran conchas de mariscos y caracoles.* Nas praias se acham conchas de mariscos e caracóis. 2. *vulg.* (Amér.) O órgão sexual feminino. É vocábulo chulo. **Meterse en su concha.** Viver isolado, sem trato com os outros. Viver em seu mundinho. Sergio vive metido en su concha, es un solitario. Sérgio vive em seu mundinho, é um solitário.

4. coño.

m. *interj. vulg.* Parte externa do órgão genital feminino. É vocábulo chulo.

5. culo.

m. *vulg.* Ver ano. . É vocábulo chulo. **Caerse de culo.** Ficar impressionado e sem razão diante de algo inesperado. Cair de quatro. **Culo de botella.** Fundo da garrafa. **Lamer el culo.** *vulg.* Puxar o saco. É expressão chula.

6. hóstia.

f. 1 Rel. Peça delgada e redonda de pão ázimo que se consagra para comunhão dos cristãos católicos. Hóstia. 2. *vulg.* Golpe com a mão aberta. Bofetada. **Dar uma(s) / de hóstia(s).** Descer a mão. **¡Hostia!** Indica surpresa, assombro, admiração. Jesus!

7. joder.

v 5. 1. *vulg.* Praticar o ato sexual. É vocábulo chulo. 2. *fig.* Causar aborrecimentos. Incomodar. Molestar. 3. *fig.* Colocar a perder. Arruinar. **¡Joder!** Expressa enfado, irritação, assombro.

8. polla

f. 1. Galinha jovem. 2. *Vulg.* Ver pene. É vocábulo chulo.